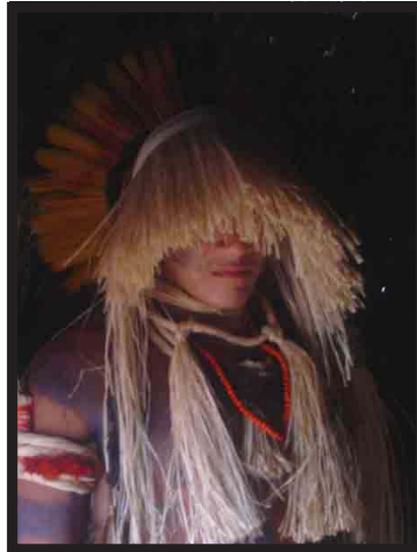
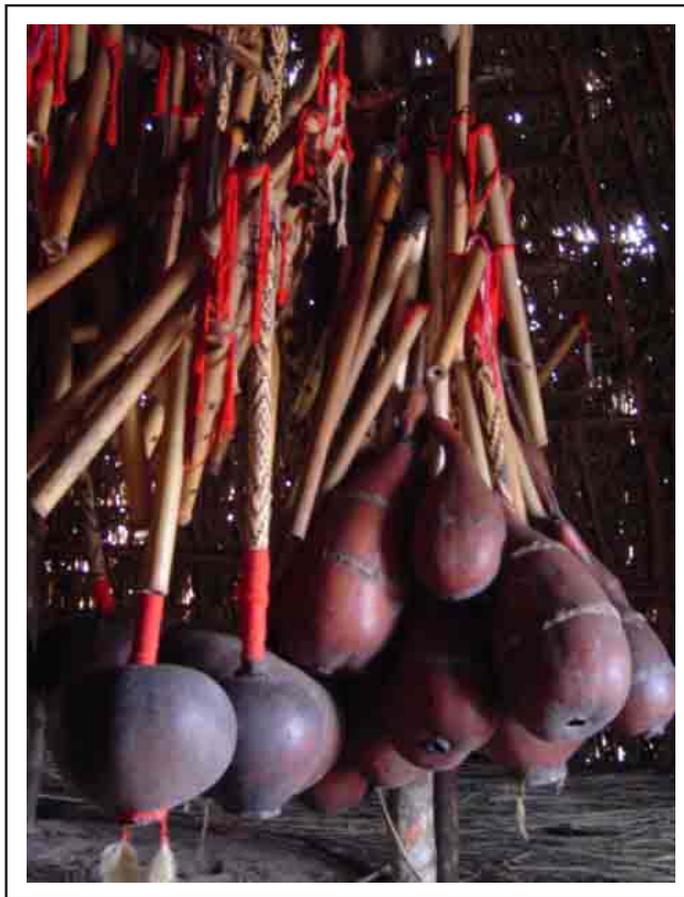


Dossiê IPHAN - Yaokwa
Povo Enawene Nawe





ATORE NAWE WIXOWETE WOANA

Aos ancestrais e futuras gerações...

**Dossiê IPHAN
Ritual Yaokwa - Povo Enawene Nawe
Vale do Juruena . Mato Grosso .
Brasil**





PRESIDENTE DA REPÚBLICA
Luiz Inácio Lula da Silva

MINISTRO DA CULTURA
Juca Ferreira

PRESIDENTE DO IPHAN
Luiz Fernando de Almeida

CHEFE DE GABINETE
Fernanda Pereira

PROCURADOR - CHEFE FEDERAL
Antonio Fernando Neri

DIRETORA DE PATIMÔNIO IMATERIAL
Marcia Sant'Anna

DIRETOR DE PATRIMÔNIO MATERIAL
E FISCALIZAÇÃO
Dalmo Vieira Filho

DIRETORA DE PLANEJAMENTO E
ADMINISTRAÇÃO
Maria Emília Nascimento Santos

DEPARTAMENTO DE ARTICULAÇÃO E
FOMENTO
Márcia Helena Gonçalves Rollemberg

SUPERINTENDENTE DO IPHAN
EM MATO GROSSO
Cláudio Quoos Conte

Departamento do Patrimônio Imaterial

COORDENAÇÃO GERAL DE
IDENTIFICAÇÃO E REGISTRO
Ana Gita de Oliveira

COORDENADORA DE IDENTIFICAÇÃO
Mônia Silvestrim

COORDENADORA DE REGISTRO
Claudia Marina Vasques

COORDENADORA GERAL DE SALVAGUARDA
Teresa Maria Cotrim Paiva Chaves

COORDENADORA DE APOIO À
SUSTENTABILIDADE
Rívia Ryker Bandeira de Alencar

Elaboração do Dossiê

INICIATIVA E PRODUÇÃO CULTURAL
Povo Enawene Nawe
OPAN- Operação Amazônia Nativa

COORDENAÇÃO DE PESQUISA:
Andrea Jakubaszko

EQUIPE DE PESQUISA:
Ana Paula Lima Rogers - Musica/Partituras, Instrumentos Musicais e
Coreografias
Andrea Jakubaszko - Revisão Bibliográfica e Transmissão dos
Conhecimentos
José Maria Andrade - Edificações e Arquitetura

FOTOGRAFIA:
Emanuel Braga
José Maria Andrade
Juliana Almeida
Rodrigo Petrela
*Arquivo OPAN - (Alberto Cesar Augusto/Ameiro/Atainaene/CTI/
Edson Rodrigues/Kristian Bengheston/Luciana Pinheiro/Marcos Malthe/
Serg Giuraud/Fiona Watson)

REDAÇÃO DO DOSSIÊ:
Andrea Jakubaszko

REVISÃO DOS ORIGINALS:
Daniela Jakubaszko

EDIÇÃO E ARTE GRÁFICA DOS ORIGINALS:
Alan Cesar Bortoleto

ACOMPANHAMENTO E SUPERVISÃO
Emanuel Braga
Sílvia Ferreira Guimarães

AGRADECIMENTOS ESPECIAIS:
Fausto Campoli (Mapa Iconográfico) e Juliana Almeida, equipe
indigenista Enawene Nawe/OPAN, pelo apoio logístico e
acompanhamento do processo de pesquisa e Emanuel Braga, técnico do
IPHAN (Cuiabá) pelo acompanhamento e orientação sistemática.

DADOS DO PROCESSO
Processo nº 01450.011160/2006-42
Data de abertura: 22/08/2006
Proponente: Operação Amazônia Nativa - OPAN

Notas sobre a grafia enawene nawe.

A definição de uma grafia Enawene Nawe passou a ser formulada a partir da década de 80, com a assessoria do etnólogo e linguista Márcio Ferreira da Silva, através das referências dadas pela grafia da língua Paresi (Aruak), bem como, dos levantamentos realizados por Dorotéia de Paula, Cleacir Alencar Sá e Kátia S.Zorthêa.

Os fonemas *c*, *f*, *g*, *j*, *p*, *q*, *r*, *v*, *z*, e a vogal *u*, não integram a grafia da língua Enawene Nawe. As consoantes *l* e *r*, bem como, *b* e *w*, são flutuantes. Optamos, no Dossiê, pela supressão dos acentos. Com a aquisição e incorporação da escrita pelos Enawene Nawe, desde a década de 90, essa grafia tem passado por constantes alterações. Os sufixos *re*, *ene* e *atokwe*, correspondem a sufixos de designação do gênero masculino; *lo*, *eneto* e *asero*, correspondem a sufixos de designação do gênero feminino.

Símbolo	Valor
<i>t</i>	oclusiva alveodental surda
<i>k</i>	oclusiva velar surda
<i>ky</i>	oclusiva velar surda palatalizada
<i>kw</i>	oclusiva velar surda labializada
<i>b</i>	fricativa bilabial sonora
<i>d</i>	fricativa alveodental sonora
<i>h</i>	fricativa glotal
<i>s</i>	fricativa alveolar surda
<i>x</i>	fricativa alveopalatal surda
<i>m</i>	nasal bilabial sonora
<i>n</i>	nasal alveodental sonora
<i>ñ</i>	nasal alveopalatal sonora
<i>l</i>	lateral alveolar
<i>r</i>	vibrante simples alveolar (tap)
<i>w</i>	semivogal posterior alta arredondada
<i>y</i>	semivogal palatal
<i>i</i>	vogal anterior alta
<i>e</i>	vogal anterior média ou baixa
<i>a</i>	vogal central baixa
<i>u</i>	vogal posterior alta arredondada
<i>o</i>	vogal posterior média ou baixa

Mendes do Santos:2001

Sumário

Apresentação

I. A Poética do Espaço: A paisagem cultural.

- 1. Território, ancestralidade, ecologia e ritual.*
- 2. A Aldeia e o lugar dos harekare.*
 - 2.1 A Casa de Yaokwa.*
 - 2.2 As Barragens: lugar de pescadores.*
- 3. A Ciência dos Caminhos: os cantadores e as coreografias.*

II. Yaokwa: homens-espíritos e suas flautas.

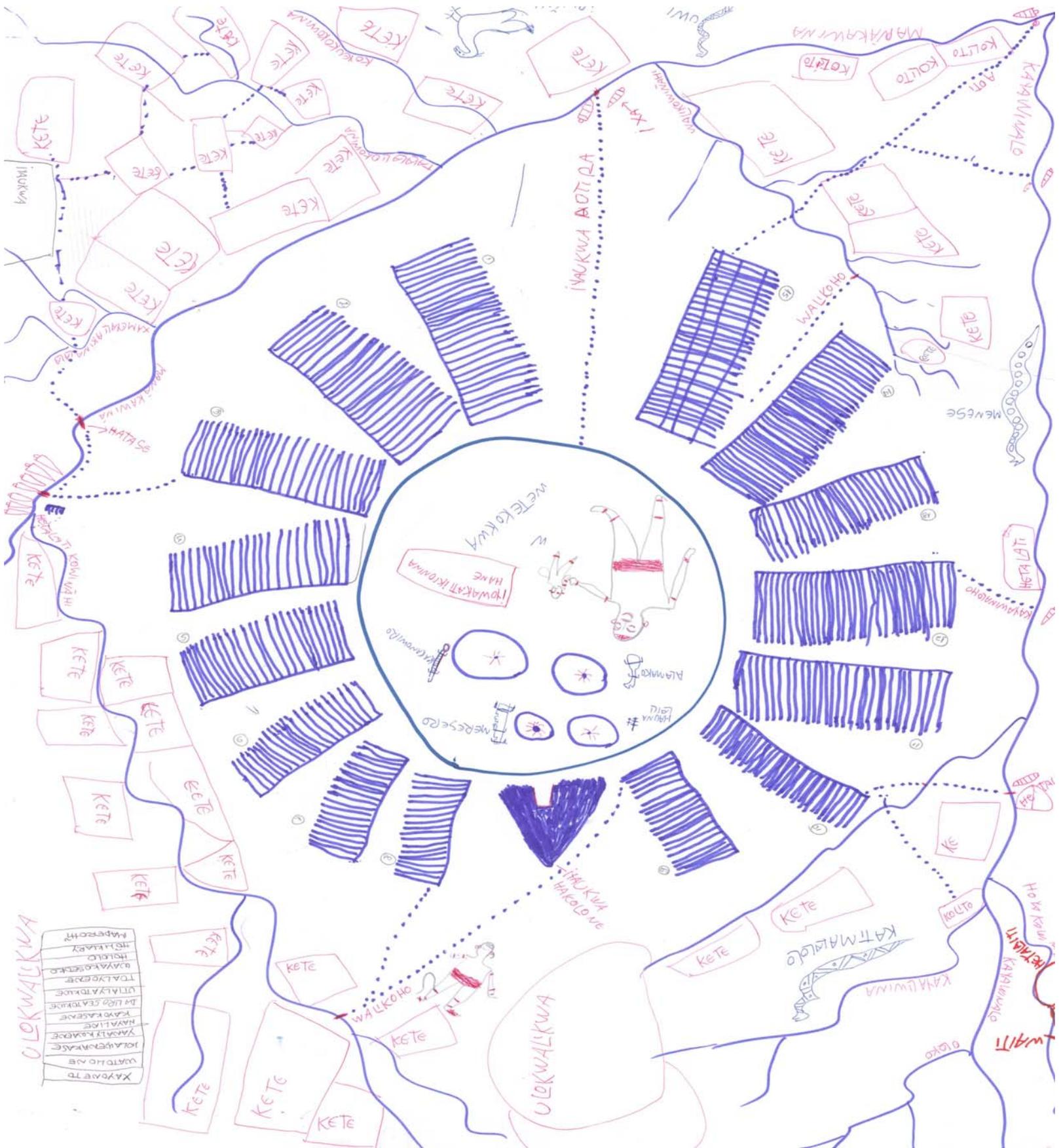
III. O Ritmo do Tempo...

- 1. As Estações Rituais.*
- 2. As fases da vida e a transmissão dos conhecimentos.*
- 3. A Formação dos Cantadores: Kote e a Casa de Yaokwa.*

IV. A Salvaguarda.

- 4.1 O Ritual Yaokwa como Patrimônio Cultural do Brasil*
- 4.2. Ameaças ao desenvolvimento do Ritual Yaokwa (Panoramas Históricos).*
- 4.3. Focos de proteção para salvaguarda do Ritual Yaokwa.*
- 4.4. Plano de Ação: Propostas e Recomendações.*

I - A Poética do Espaço: A Paisagem Cultural



Croqui da aldeia (HALATAIKWA:2008)- Marikeroseene. Patio central (Rodas de Yaokwa e seus respectivos instrumentos musicais) Caminho de Yaokwa / Casa de Yaokwa. Circulo das Casas Residenciais. Areas de Cultivo (Roças) no entorno da aldeia.



Arquivo OPAN

Apresentação:

O Yaokwa é um ritual realizado anualmente pelo Povo Enawene Nawe. A importância e grandiosidade estética e épica desse evento foram abordadas por alguns estudiosos e ele está registrado em um premiado audiovisual intitulado *O Banquete dos Espíritos* (CTI/OPAN, 1996). O Yaokwa articula os domínios distintos, porém, indissociáveis e interdependentes da Sociedade, da Cultura e da Natureza. Está orientado pela cosmologia – visão de mundo – do Povo Enawene, e regulado pelos ciclos próprios da natureza através de um calendário socioeconômico que integra complexas relações de ordem simbólica.

Ao mesmo tempo, o Yaokwa se inscreve no cotidiano, nos sentidos de pertença e enraizamento desse povo que expressa na execução desse rito suas concepções sobre si e sobre os outros – os termos de sua identidade – vinculados à memória, aos mitos e ao lugar privilegiado que o canto, o sopro (flautas) e a música ocupam nessa operação.

Da diversidade étnica que compõe o país, com aproximadamente 215 etnias, 38 delas estão presentes no Estado de Mato Grosso. São Terras Indígenas localizadas em 42 dos 139 municípios do Estado. Desse modo, Mato Grosso,

caracteriza-se como um estado multiétnico e multilíngüe, o terceiro no Brasil em diversidade cultural, totalizando 33 diferentes línguas de distintos troncos lingüísticos (Tupi, Macro-Jê, Karib, Aruak, dentre outros) falados por cerca de 30.000 pessoas.

Essa riqueza de línguas, de organizações sociais e saberes, constituem o Patrimônio Cultural de nosso país, que enfrenta inúmeros desafios na atualidade para garantir sua integridade e reprodução física e cultural. Seus modos de viver e seus modelos de produção são ainda vistos, comumente, como obstáculos e ameaça aos interesses preconizados pelo imaginário do progresso tão presente em nosso contexto social, histórico e político-econômico.

A própria categoria Índio, utilizada genericamente para identificar tantas culturas diferentes e particulares, acaba servindo a finalidades muito específicas como o acirramento do preconceito, a anulação da diversidade, a invisibilidade de sistemas sociais singulares e, sobretudo, a um processo de deslegitimar as estratégias e opções sociopolíticas historicamente construídas por esses povos.

Os Enawene Nawe, falantes do Aruak, ocupam tradicionalmente o Vale do Juruena, em Mato Grosso, e não configuram exceção à regra. Lutam dia-a-dia pela valorização e reconhecimento do direito, que lhes é constitucionalmente assegurado, de vivenciarem suas tradições, sua língua e seus modos de ser e estar no mundo, cotidianamente ameaçados por pressões ambientais, econômicas, territoriais e políticas.

As sociedades tradicionais, geralmente, incluindo os Enawene Nawe, não fragmentam a vida em diferentes setores como o trabalho, o lazer, a economia, a religião, ao contrário, as dimensões da vida estão todas integradas compondo um universo vasto e profundo resultante de uma construção histórica que é transmitida há muitas e muitas gerações. Sendo assim, a trama da vida cotidiana é tão interligada que, ao destacarmos um aspecto qualquer estamos automaticamente trazendo em cena todos os outros, pois, se dispõem como um tecido, cujos fios, não se separam.

O Ritual Yaokwa como objeto de pesquisa para Registro Patrimonial implicou, contudo, em selecionar um foco e operar recortes nessa trama tão entrelaçada na intenção de evidenciar como esse ritual é um componente vital para o universo da cultura Enawene Nawe.

A complexa dramaturgia Enawene está composta por uma seqüência de rituais em que o Yaokwa é o mais extenso, dura aproximadamente sete meses, impõe um envolvimento efetivo de toda a sociedade Enawene em suas execuções e reconhecido como um eixo fundamental de seu patrimônio cultural, *um signo da sua identidade como Povo*. Por essas razões, o Yaokwa foi eleito como objeto desse estudo e Registro.

A salvaguarda do Yaokwa depende, portanto, da proteção e valorização dos processos e recursos envolvidos na materialização deste rito, o que significa, em última instância, que a especificidade da cultura Enawene Nawe estaria aí, como um todo, contemplada. Entretanto, a pesquisa concentrou-se em três dimensões: a *cultura material* envolvida na realização do ritual, com destaque para o conjunto arquitetônico (especialmente barragens de pesca e Casa das Flautas); os *processos de transmissão dos conhecimentos* em torno da continuidade dessa prática; e algumas *músicas e mitos* que a sustentam.

Cada dimensão do estudo esteve a cargo de um pesquisador específico e contou com a participação direta dos Enawene Nawe em todas as etapas, tendo sido eles os protagonistas do processo principalmente nos períodos da discussão em torno do Plano de Salvaguarda e na finalização do Dossiê.

O Dossiê não segue, em sua elaboração, a estrutura dos recortes de pesquisa. Ele apresenta uma configuração em que as leituras dos pesquisadores se fundem num conjunto que se desdobra em dois eixos de exposição – “O Espaço e O Tempo”, inserindo nesse cruzamento o Yaokwa. A produção desse Registro fundamenta-se ainda na sistematização bibliográfica dos estudos e etnografias já produzidos a cerca da

Sociedade e do Povo Enawene. Os títulos consultados estão nas referências bibliográficas ao fim do Dossiê. Vale ressaltar que a perspectiva deste trabalho não é a de produzir uma etnografia exaustiva mas, sim, de apresentar a um público mais amplo e heterogêneo - *outras formas* - compartilhadas conosco nesse presente - de pensar, fazer e viver a vida, formas que por si manifestam as tantas possibilidades de ser dos humanos através dos códigos diversos das culturas.

Por fim, é importante destacar que, contemporaneamente, muita ênfase tem sido dada, principalmente através da mídia, à importância de ações voltadas à preservação do meio ambiente e à proteção de espécies ameaçadas de extinção, no entanto, é preciso compreender que essa biodiversidade depende diretamente das sociedades humanas, pois, ela é também um produto desta interação homem-natureza. Assim, se quisermos promover uma efetiva sustentabilidade é necessário e imprescindível que reconheçamos, em primeiro plano, o papel definitivo que a diversidade de sociedades (sócio-diversidade) desempenha na manutenção e reprodução da biodiversidade.



Edson Rodrigues

I. A Poética do Espaço: A paisagem cultural.

1. Território, ancestralidade, ecologia e ritual.

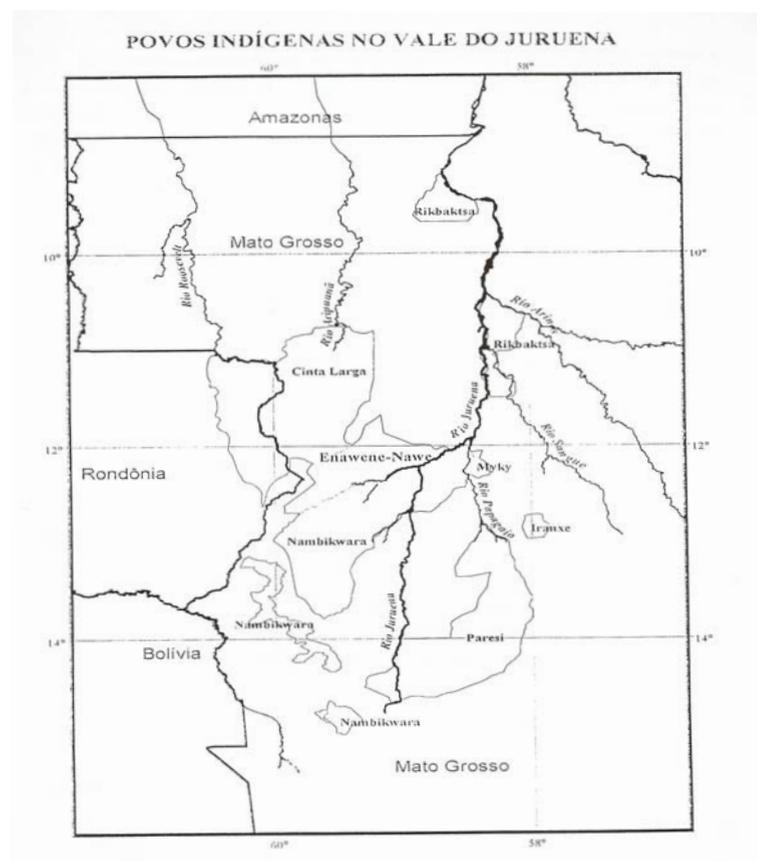
Os Enawene Nawe são, atualmente, uma população em torno de 540 indivíduos que vivem em uma única aldeia. Conta-se que, no passado, eram muito numerosos e viviam por diversos aldeamentos ocupando um vasto território que se estendia por todo o rio Juruena e que, em função de guerras, ataques, catástrofes, foram se dispersando e constituindo uma nova configuração na distribuição dessa população outrora densa e assentada em outros padrões de organização. Reconhecem, dessa forma, o rio Papagaio, o rio Preto e Juína Mirim, no Vale do Juruena, e suas adjacências, como seu território de ocupação tradicional.

A Terra Enawene Nawe corresponde hoje a uma área de 742.088 ha, homologada e registrada, localizada numa região de transição entre o cerrado e a floresta Amazônica. A sobreposição entre essas paisagens produz ambientes caracterizados por uma diversidade em que co-habitam tanto espécies na fauna e flora presentes no cerrado e na floresta, quanto outras, próprias a esse ecossistema de transição (endêmicas) que forma, desse modo, um sem número de micro-habitats. A importância dessa região é ainda evidenciada por uma ampla bacia hidrográfica que desemboca no Amazonas e na sua foz, na costa leste do Brasil.

Circunvizinhos à Terra Enawene Nawe estão os Povos Nambikwara, Myky, Rikbaktsa e Cinta Larga. Os Enawene se relacionam também, de modo freqüente, com os Arara, Irantxe e Paresi e mais esporadicamente com outras etnias quando em viagens ou encontros do Movimento Indígena. Esses povos que

habitam o Vale do Juruena encontram-se nas proximidades dos municípios de Juína, Sapezal, Comodoro, Campo Novo dos Pareis e Brasnorte, entre outros municípios de origem recente. Foi apenas a partir da década de 70 que a ocupação na região se intensificou, com a abertura de estradas e o asfaltamento da BR364, motivada por contextos extrativistas – seringa, minério e madeira - promovendo uma rápida transformação na paisagem, hoje tornada um pólo agro-pecuário.

A demarcação de Terras Indígenas, ao mesmo tempo em que oferece garantias quanto ao direito de uso fruto dos territórios de ocupação tradicional, define um debate, conhecido por aqueles que estão mais diretamente envolvidos com a questão indígena, que diz respeito à problemática de encerrar essas populações em reservas delimitadas, tornando-as ilhas diante da pressão dos modelos de ocupação do entorno e restringindo



Fonte: Mendes do Santos:2001

a circulação de povos que só conheciam fronteiras intransponíveis quando em períodos de conflitos e guerra. Assim, dentre as várias etnias que habitavam extensas regiões, *a troca*, não a posse, era (e continua sendo) o princípio básico de regulação das relações sociais.

Para esses povos, a posse da Terra, e de tudo quanto ela pode nos oferecer, não cabe propriamente ao domínio dos humanos, eles a reconhecem como Território na medida em que esses espaços definem pertencças fundadas numa ancestralidade remota que desde há muito, muito tempo, se enraizaram na interação sistemática, realizada pelas sucessivas gerações, com os lugares e paisagens sobre as quais se constituíram como Povo e como Sociedade. Assim, são Eles que pertencem à Terra, e ela, por sua vez, pertence ao domínio de seus antepassados, ancestrais míticos e dos seres – espirituais – que lhe dão vida e significados.

Para manter a ordem, ao mesmo tempo social, e cósmica, pois são indissociáveis, os Enawene precisam se relacionar com a Terra observando constantemente diversas regras para sua utilização e manejo. Essas regras estão fundadas em valores e princípios éticos e eco-lógicos, nas experiências e saberes acumulados ao longo do tempo. Como os recursos disponibilizados pela terra não lhes pertencem, todo cuidado é pouco.

Na visão Enawene Nawe, os *Yakairiti* correspondem ao nome genérico dado a uma legião de espíritos que são os donos da maioria dos recursos naturais. O buriti e o açaí, por exemplo, espécies vegetais utilizadas em larga escala pelos Enawene, base das construções arquitetônicas, das indumentárias rituais e da confecção de artefatos diversos, são de domínio desses seres. Eles podem aparecer metamorfoseados em onças, animais peçonhentos, monstros aquáticos e são extremamente

perigosos. Se contrariados, lançam aos Enawene toda sorte de infortúnios - doenças, epidemias, colheitas e pescas fracassadas, morte. São, ainda, regentes dos principais cultivos, a *mandioca* e o *milho* plantados nas roças de Yaokwa (bem como do feijão, amendoim), são donos dos *peixes*, todos eles- *alimentos cerimoniais* - concernentes e imprescindíveis à realização do ritual Yaokwa.

Dizem os Enawene, que os *Yakairiti* são muito preguiçosos, lamuriosos, seres disformes e fétidos que estão condenados a viver com uma fome intensa e insaciável. Desse modo, como não sabem preparar seu próprio alimento, precisam dos Enawene para saciar seu apetite voraz. E, o alimento que mais desejam, além dos bijus, sopas e mingaus de milho, mandioca e peixe, é o sal.

A fabricação do sal pelos Enawene constitui uma, dentre as tantas técnicas e saberes que desenvolveram com base nas práticas de manejo, do conhecimento do ecossistema que habitam e da domesticação, processamento e utilização de tantos recursos que configuram a biodiversidade da região.

Contam que num tempo muito antigo, um demiurgo, Dataware, recolhia o sal que se acumulava sob uma palmeira, guardado por uma cobra surucucu. Toda vez que ocorria a cerimônia do Yaokwa, a cobra desenrolava-se do tronco e observava Dataware retirá-lo para levar aos *Yakairiti*. Finalizada a operação, a cobra enrolava-se novamente mantendo a guarda do sal que, magicamente se amontoava ao pé da planta. Certa vez, o irmão de Dataware, Ayarioko pensou: vou cortar e queimar a palmeira, pois, desse modo, será melhor para obter o sal. Ao fazer isso, o sal fugiu para dentro do oco da árvore e quando Dataware - foi pegá-lo novamente, descobriu a façanha do irmão e o reprovou imediatamente.

A partir das repetidas desobediências e trapalhadas de Ayarioko, os Enawene narram a passagem de um mundo espontaneamente criado pela ação dos demiurgos, para um mundo onde os Enawene Nawe ficaram responsáveis por fabricar, construir, produzir, plantar, em decorrência das transgressões, traças e ações malsãs empreendidas por estas figuras desordeiras que, num primeiro momento, desestruturaram a ordem estabelecida, instituindo assim uma nova ordem.

A técnica de produção do sal consiste de uma seqüência de procedimentos que se inicia pela busca das espécies vegetais adequadas à sua fabricação, são mais de dez as conhecidas e utilizadas, principalmente palmeiras, localizadas no entorno das aldeias e procuradas, sobretudo em matas secundárias das antigas aldeias/roças. Após o corte, no período do fim das

chuvas, acumulam um farto estoque numa clareira e aguardam secar para poder proceder à queima. As cinzas são recolhidas e transportadas para a aldeia embrulhadas em folhas de pacova e transportadas em grandes cestos cargueiros (*dolate*) fabricados pelos homens. Na aldeia, os homens preparam um coador com as folhas de pacova, em forma cônica, e a partir daí as mulheres dão continuidade ao preparo. As mulheres vão acrescentando água as cinzas, que ficam, por dias, filtrando neste coador que funciona como um conta-gotas. O líquido que escorre lentamente para uma bacia é depois levado ao fogo até formar uma substância sólida e cristalina - um sal de coloração cinza esverdeada, de consistência próxima a uma farinha e sabor levemente metálico.

A extração e preparação do sal é um processo, extremante dispendioso, trabalhoso e lento. Além do peso que



José Maria

é preciso carregar no momento do corte para aguardar a queima, mais os vários dias necessários à filtragem e, depois, as horas de fervura que consomem estoques de lenha, os Enawene executam toda uma complexa seqüência que resulta em apenas pequenas trouxas desse produto - tão caro, e também por essa razão, considerado tão valioso. Desse modo, tem seu uso dirigido prioritariamente a finalidades rituais. Raramente os Enawene o consomem de maneira ordinária com a intenção de salgar alimentos no dia-a-dia. Se o fazem, geralmente com os cogumelos, ainda assim necessitam da operação ritual em que convém a intervenção de um soprador (*huenaitare* - o especialista que atua como um “benzedor” que sopra/profere palavras mágicas investidas do poder de neutralizar possíveis perigos envolvidos com a ação indesejada dos *Yakairiti*).

O sal deve ser sempre oferecido aos *Yakairiti*. É a moeda de troca, pagamento indispensável que entra em cenas diversas nas etapas rituais consagradas aos *Yakairiti*, especialmente no ritual de Yaokwa, antes da construção das barragens de pesca, a fim de obter o auxílio desses seres na captura dos peixes e, depois, no retorno dos pescadores à aldeia, antecedendo à distribuição e consumo dos peixes armazenados durante a expedição de pesca.

Os *Yakairiti* habitam toda a extensão das paisagens, suas residências são fixas e nominam os acidentes geográficos tais quais: morros, ilhas, barrancos, margens, lagoas, brejos, cavernas, pedras, configurando uma lógica de representação espacial e definindo o padrão de ocupação territorial, servindo de referência à classificação dos lugares para realização de suas atividades econômicas, para estabelecimento de aldeias, acampamentos, áreas de coleta, pesca, pontos de encontro, vias de deslocamento e compondo o cenário das narrativas que expressam a memória de suas vivências e também de um tempo ancestral muito distante.

A distribuição dessas referências abrange toda a extensão do alto-médio rio Juruena até a confluência com o rio do Sangue ao norte e das cabeceiras do rio Iquê ao sul. Porém, esses seres não estão localizados apenas nesse território histórico de ocupação tradicional dos Enawene, eles são o domínio das paisagens, podendo ser sempre reconhecidos a partir de suas moradas presentes nesses ambientes de natureza, principalmente, aquática e subaquática.

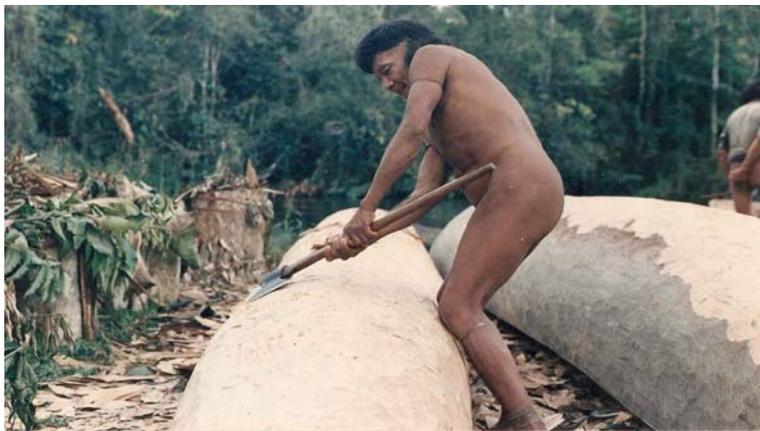


Rodrigo Petrela

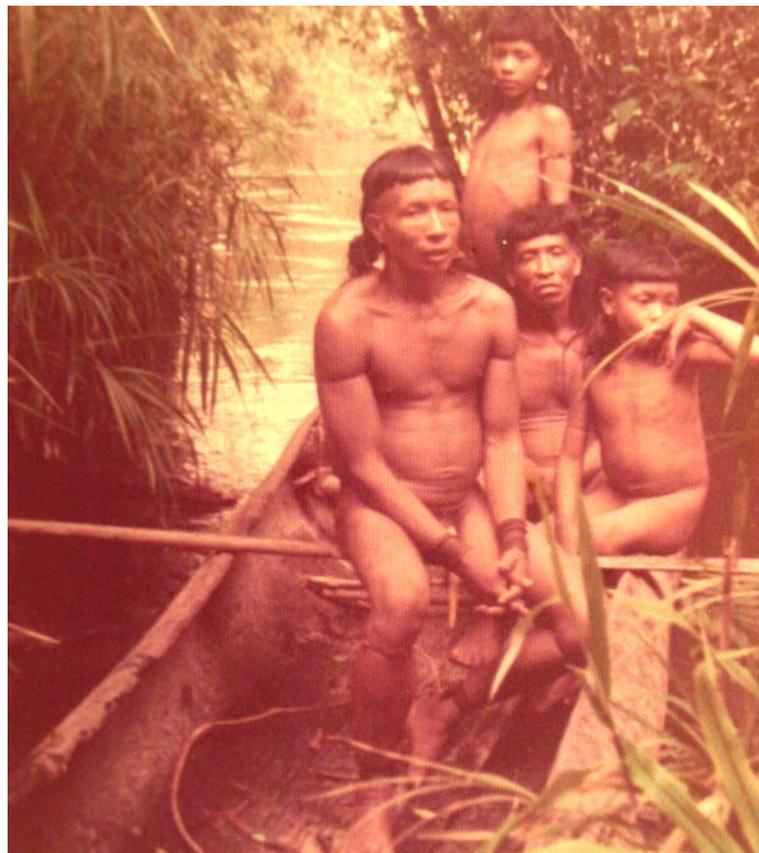
Esse povo, que se destaca por serem exímios pescadores, mergulhadores e navegadores, perambula menos por vias terrestres, a maioria dos caminhos, vias de ligação, se dá por acessos fluviais, com exceção dos caminhos da roça e de algumas coletas. Nesse sentido a hidrografia corresponde a um campo de conhecimento e orientação espacial e temporal, numa fonte de recursos vitais inestimáveis aos Enawene Nawe. Os Enawene não são caçadores, não consomem carne de caça – vermelha. A coleta e a carne de três espécies de aves – mutum, macuco e jacutinga - juntamente com o peixe constituem as suas principais fontes de proteína.

Até 1998, os deslocamentos se realizavam através de embarcações que passaram por diversas transformações tecnológicas. Eram fabricadas de casca de jatobá, com pontas chatas e arrematadas por uma mistura de cascas e barro. Por serem muito pesadas para remar e, portanto, lentas, foram substituídas pela madeira de cajú do mato, tecnologia desenvolvida a partir da observação de canoas Rikbaktsa.

Porém, essas, por terem vida útil curta (por volta de um ano), passaram a ser construídas com o mogno e a cerejeira, após a introdução dos machados de metal, garantindo um tempo de uso maior.



Arquivo OPAN



A partir de 1998 foram gradativamente incorporando os motores de popa e, atualmente, possuem uma ampla frota contando com dezenas de embarcações movidas por combustível.



Desse modo, os Enawene estão a todo o momento espalhados por sua dimensão territorial, num vai e vem constante, envolvidos em inúmeras atividades reguladas pelos ciclos ecológicos e rituais, numa dispersão definida a partir da lógica clânica.

Os clãs correspondem aos diferentes grupos internos que, associados, configuram o conjunto, a coletividade maior denominada Enawene Nawe. É o eixo que conforma a organização social desse povo, manifesta contextos da memória, aspectos históricos e territoriais, e fundamentos da dinâmica social instituinte do povo Enawene Nawe. Ele se articula - orienta - tanto às concepções que os Enawene fazem do Tempo, quanto do Espaço.

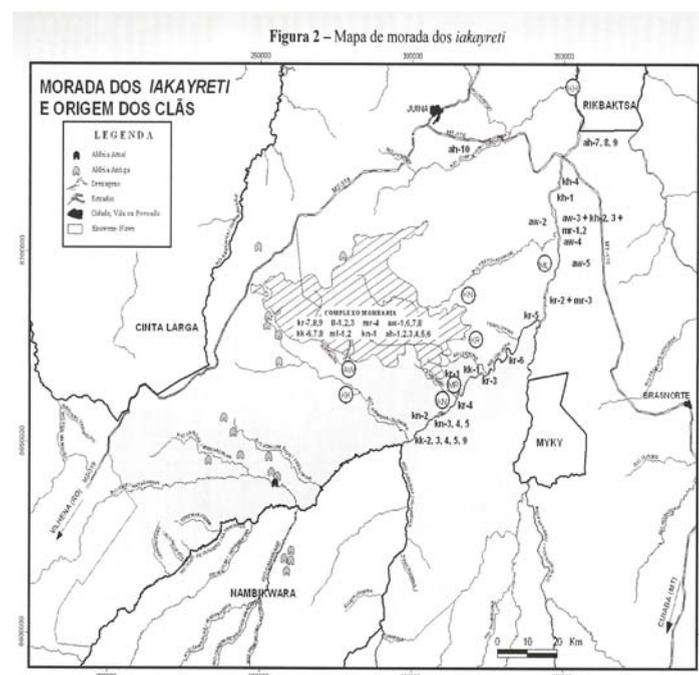
Cada clã - Yaokwa - tem um lugar demarcado no território, uma origem que remonta um passado muito remoto e conjuga grupos de pessoas, espíritos, paisagens, recursos, saberes e instrumentos musicais. Os Enawene contam que sua sociedade é resultado de um longo trajeto histórico que gradativamente foi incorporando pessoas e saberes de remanescentes de outros grupos que são considerados o vínculo de ancestralidade que integra os Enawene Nawe.

Os Enawene são monogâmicos e as alianças matrimoniais constituem relações recíprocas entre os clãs que, dessa maneira, não podem se casar entre si. O clã é passado de pai para filho, quando o pai reconhece a paternidade *pagando peixe* ao sogro e, garantindo, assim, a continuidade de seu clã. Os clãs são: Kailore (KL), Aweresese (AW), Anihiare (AH), Kawekwarese (KK), Kawinariri (KN), Maolokori (ML), Mairoete (MR), Lolahese (LH), Kaholase (KH). Dessa forma, os clãs comportam distinções - como papéis, funções, atribuições, dialetos, técnicas e saberes, estoques de nomes, repertórios de narrativas míticas, canções e instrumentos musicais, performances rituais, enfim, todos aqueles elementos que são de importância capital para a composição da sociedade Enawene Nawe.

Os Aweresese, por exemplo, são os que contribuíram, entre outros elementos, com o desenvolvimento das técnicas arquitetônicas, das casas residenciais, das barragens de pesca. Junto com os Kaholase, têm a morada de seus *Yakairiti* indicando a forte presença desses clãs na região do baixo Juruena.

Aos Anihiare atribui-se a difusão da utilização do estojo

peniano¹, do corte de cabelo, da técnica de fiar e tecer o algodão, das caneleiras de borracha femininas. Conjuntamente com os Lolahese, os Anihiare têm a presença territorialmente demarcada entre as nascentes do rio Aripuanã e a foz do rio do Sangue. Outros dominam as técnicas de cestaria, outros da confecção de adornos feitos de tucum e assim por diante. O médio curso do Juruena, por sua vez, é de domínio da legião de *Yakairiti* associada aos Kailore e o alto Juruena aos Kawekwarese.



Fonte: Mendes Dos Santos: 2006

Além do conjunto de atribuições e conhecimentos, além das pessoas e genealogias, os clãs são constituídos também por legiões de espíritos, a cada clã se associa um grupo de *Yakairiti* e um grupo de seres celestes denominados genericamente de *Enore Nawe* (que literalmente quer dizer 'gente do alto/do céu').

Se, como vimos, nas relações estabelecidas com os *Yakairiti* convém a troca, as relações com os espíritos celestes estão pautadas pela reciprocidade, marcada pela generosidade por meio de oferendas, presentes e retribuições.



Emanuel

¹ Pequena amarração, como uma miniatura de gravata, confeccionada de folha de bacuri, utilizada pelos homens (como um 'tapa pênis') após a iniciação masculina, por volta dos 12 anos.

Os Enawene os chamam de avós, os *Enore* são donos do mel, da batata doce, das ervas, do algodão e das aves, como os mutuns, araras, papagaios e periquitos, e também, das bordunas e arco e flechas. São eternamente jovens, belos e imortais, e possuem o poder da cura. Para os *Yakairiti* os Enawene dedicam os rituais *Yaokwa* e *lerohi*, e para os *Enore Nawe*, os rituais Salomã e Kateoko.

Dessa feita, esses rituais não se caracterizam como festa, diversão, lazer, ainda que os destinados aos espíritos celestes sejam mais leves e descontraídos, diferentemente dos voltados aos *Yakairiti*, nos quais o clima se desenvolve numa atmosfera mais tensa, até hostil em determinados momentos. Esses rituais trazem impresso um caráter de obrigatoriedade, não há como escapar, negar ou furtar-se a estes deveres. Da execução destes compromissos depende a própria vida e a ordem social; deixar de cumpri-los, como avisam os próprios *Enore Nawe*, é estar exposto e vulnerável ao infortúnio, à calamidade, com conseqüências que podem tomar dimensões trágicas.

Ao mesmo tempo, esses rituais se interpenetram e, assim, mais do que delimitações, compõem uma entrelaçada complexa dramaturgia que encena em muitos e diferentes atos cênicos a representação de todo um acervo de memória narrada através de um vasto repertório musical, expresso pelas flautas e coreografias. Esses atos revelam os padrões de conduta, de ética e estética instituídos pelos acontecimentos e saberes acumulados no tempo, entoando diálogos e transmitindo modelos e histórias fundadoras e primordiais, atualizando constantemente a memória seletiva e coletiva dos Enawene.

Entre os Enawene Nawe, portanto, música e território, estética e ecologia, estão radicalmente embricados através de uma relação ritualizada com a ancestralidade.

É muito comum associarmos, automaticamente, as populações indígenas à floresta, sendo recorrente, portanto, a idealização de que operam como povos plenamente identificados com aquilo que denominamos *natureza*. Da perspectiva dos ameríndios, porém, geralmente a relação se dá de modo inverso.

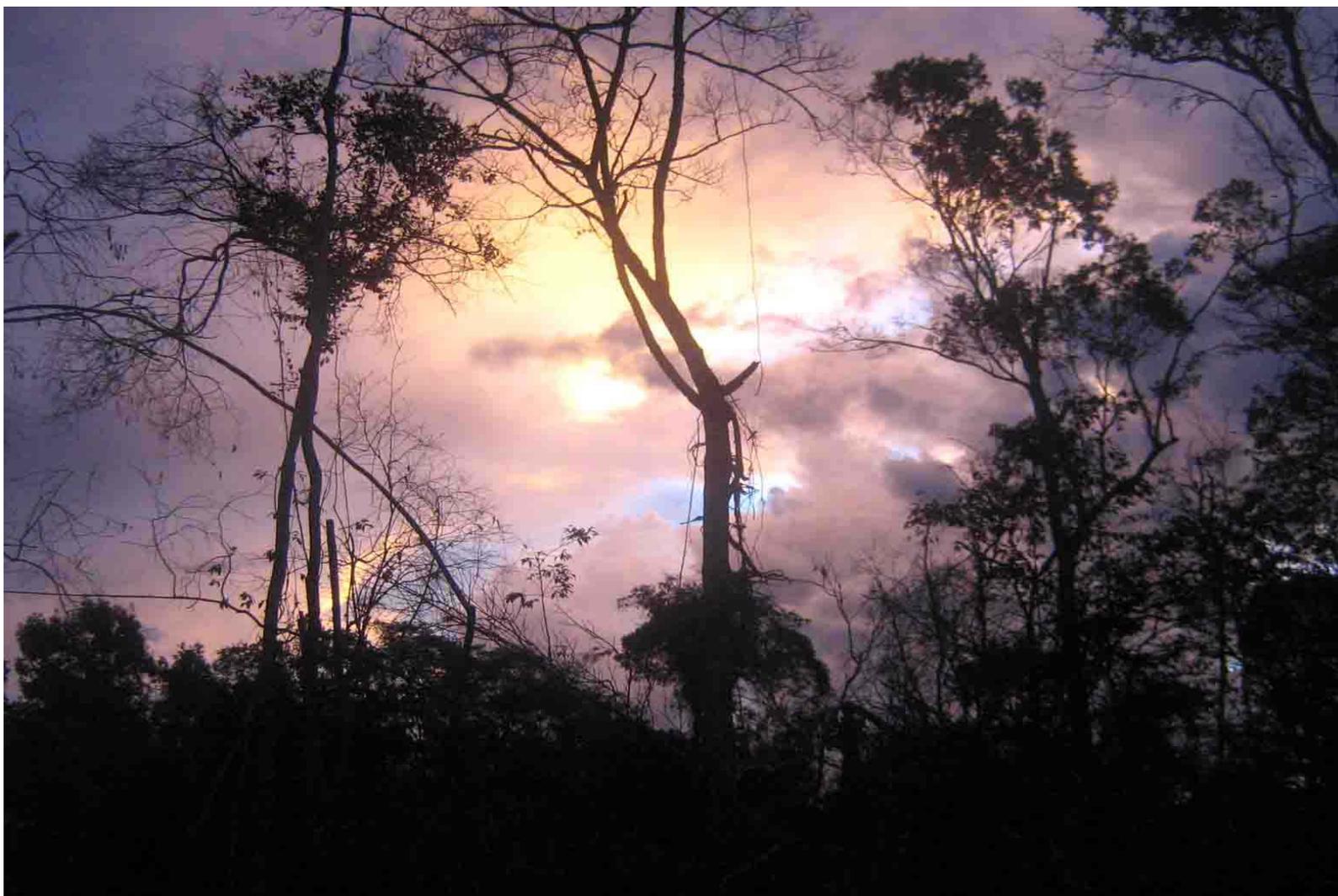
No caso e contexto Enawene, a floresta - Kaira - como vimos, é de domínio dos *Yakairiti*, outros seres, espíritos que representam a antítese daquilo que os Enawene devem ser, ou vir a ser, enquanto Gente. Psiquicamente esses entes revelam o lado sombrio, a conduta humana indesejável, mas também inevitável, aquilo que deve ser ocultado e que tem seu espaço de expressão e manifestação explicitada na dramatização do *Yaokwa*, já que *Yaokwa*, destaca-se entre os outros ritos por caracterizar-se pela sua potência de condensar os sentidos da integralidade do *ser* Enawene e de sua conexão com o Todo - o cosmo.

A floresta, nesse ponto de vista, corresponde ao lugar dos *outros* e a aldeia - *hotaikiti* (cidade) - é que corresponde ao lugar de humanos, Gente Enawene. Os Enawene, por sua vez, identificam-se, dessa maneira, com os seres celestes - *Enore Nawe* - Gente do Alto que fornece os padrões e a justa medida da ação *humana*. Assim, a aldeia Enawene, localizada na paisagem terrestre constitui um reflexo, uma tentativa de reprodução do espaço aldeão que configura a morada dos *Enore Nawe* na paisagem celeste.

O zênite, que podemos ver de qualquer ponto da terra, localiza o centro do grande pátio da aldeia dos *Enore Nawe* que ocupa toda a extensão da abóbada celeste. Os Enawene dizem que a aldeia é tão imensa que os *Enore* devem ter cuidado para não se perder. As casas dispostas num desenho circular com a presença da casa das flautas no eixo do itinerário solar apresentam uma arquitetura magnífica. No céu tudo é perfeito e tudo é belo. Os *Enore* são alegres, exuberantes, estão sempre bem trajados, elegantes, exibem ornamentos confeccionados com precisão: braceletes, colares, tornozeleiras, brincos e cocares magistrais. Estão sempre com os cabelos bem aparados, vivem pintados de urucum exalando um perfume estonteante. Nessa dimensão, tudo é farto, tudo floresce e as roças são impecáveis e abundantes. Os Enawene procuram viver, na terra, de acordo com o modelo estabelecido por esse patamar onde os *Enore*, seus *avós*, representam o ideal do bem viver e a referência para os padrões de ordem, beleza, e da conduta humana por excelência.

As práticas rituais reafirmam a conjunção entre essas dimensões, Céu-Terra-Água, que se espelham e se referenciam mutuamente, tendo nos Enawene o intermédio - o corpo e a expressão - dessas relações que manifestam oposições, tensões e conflitos, que encarnadas nos Enawene devem ser harmonizadas por meio da execução ritual para garantir o equilíbrio ecológico e a ordem social e cósmica.

O palco imaginário do rito se define pelas cenografias que representam essas dimensões em questão, encenando ora encontros, ora confrontos, ora apaziguamentos, realizados em jogos de força que atuam numa política cósmica em que essas esferas exercem influências e interferências umas nas outras. O espaço da concretização dessas peças rituais se dá na inter-relação entre as *roças*, a *floresta* e a *aldeia*. As roças representam o universo do cultivo e da colheita, com ênfase nas plantações de milho e mandioca. A floresta, a ocupação, o manejo e utilização de recursos, com ênfase para as coletas e a pesca e, no caso do ritual de Yaokwa, para os acampamentos e barragens de pesca. A aldeia aparece como lugar privilegiado para o processamento dos alimentos, fabricação da cultura material, distribuição e consumo.





Edson Rodrigues

2. A Aldeia e o lugar dos *harekare*.

Os Enawene mudam de aldeia, aproximadamente, a cada dez anos. Esse ciclo está, de um lado, motivado pelo contexto de ocupação: desgaste dos solos, córregos e recursos que circundam a aldeia e que precisarão de pousio para se regenerar. E, de outro, ao término do ciclo do rodízio entre os clãs no papel de anfitriões - *Harekare* - da cerimônia de Yaokwa. Ambas as motivações estão regidas por um princípio de circularidade. Essa forma circular e sua multifacetada seqüência se refletem em muitas outras práticas, gestos e concepções dos Enawene Nawe, ou seja, fundam em grande escala toda uma filosofia Enawene Nawe.

Essa circularidade está diretamente impressa no manejo dos ciclos ecológicos, nos caminhos da ocupação territorial, e nas representações temporais e espaciais.

Toda a subsistência – a vida agrícola, pesqueira e coletora – vinculada aos ciclos climáticos, hidrológicos, que regulam a sazonalidade das espécies, encontra nos Enawene uma percepção e sensibilidade para cada um desses períodos, que estão expressos não apenas no rito, que narra esse processo cíclico e se impõe dentre essas passagens e opera como agente, como interventor, como sujeito.

Mas, também, é visível pelo modo como os Enawene detêm uma observação objetiva e cumulativa desses ciclos, elaborando e praticando técnicas que demonstram o profundo conhecimento, os *saberes*, que entre tantos (manejo de solos, do ambiente aquático, de coletas, de consórcios e seqüências de cultivos, usos medicinais, etc.), sabe manejar, modificar, usar, interferir, sem produzir altos

impactos negativos. Pois, a idéia é a constante troca estabelecendo ciclos de construção e reconstrução. A idéia é perpetuar, não extinguir!

As tecnologias de manejo são tão especializadas, que permitem um equilíbrio entre o que se extrai e entre o que deve permanecer, permitindo as reconstituições, a re-criação contínua. Esses mesmos conhecimentos se fazem presentes na dinâmica das ocupações territoriais que obedecem a uma tendência de reocupação de sítios anteriormente ocupados por eles mesmos, ou por outros povos, ou também por uma recombinação de grupos dos Enawene e de outras etnias; trata-se de um saber arqueológico, cuja função é beneficiar-se de nichos de diversidade e melhor adaptatividade dos solos gerados pelas ocupações humanas: a questão denominada “terra preta de índio” e a ciclicidade de ocupação de porções de terra que ela implica.

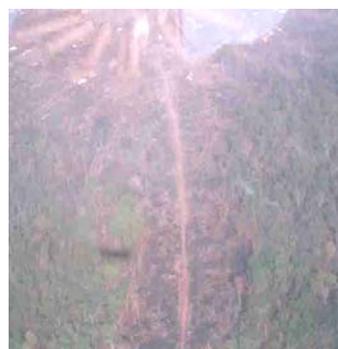
Desde 1974, data oficial do contato, os Enawene já erigiram cinco aldeias (*Hakotokwa, Maerekwa, Matokodakwa I, Matokodakwa II e Halataikiwa*), cada uma foi nominada de acordo com o recurso mais abundante na região, ou por alguma referência histórica, seguida do sufixo *Kwa*, que designa a idéia de *Lugar*, atualmente, chama-se *Halataikiwa*. As aldeias são compostas pela área residencial, hoje configurada por 15 casas (o dobro do que havia em 1974), de formato oblongo, que tem em seus fundos os caminhos que dão acesso às roças familiares, distribuídas num raio de 3km, aos lugares de coleta e aos pequenos cursos d’água que circundam a aldeia em 200m.

Um grande pátio circular localiza-se no centro (*Wetekokwa*), “lugar do lado de fora” que define o espaço adequado às reuniões, aos passeios, e bate-papos no fim do dia, e opera como o palco das cerimônias rituais. Assim como na aldeia celeste, encontra-se também na aldeia dos Enawene, no eixo do sol, a *haiti* - Casa de Yaokwa (Clãs) - de formato cônico com uma pequena abertura voltada para o poente, e a entrada defronte ao grande Pátio voltada para leste, apontando em direção ao *Caminho de Yaokwa*²(*Yaokwa Awiti*).

O Caminho de Yaokwa é a ligação e a passagem entre as



Emanuel



Edson Rodrigues

dimensões Celeste e Terrestre, entre o domínio da aldeia e o domínio da floresta, entre o Um e o Todo (Micro e Macro Cosmo), e entre o passado, o presente e o *devir*. Quando o sol se põe na aldeia Enawene, está nascendo na aldeia dos Enore. E, é por esse caminho que os Yaokwa adentram o espaço aldeão durante as peças rituais.

É a chegada do Yaokwa e o início das performances musicais e coreográficas na aldeia - O Ritual de Yaokwa.

No retorno das expedições/barragens de pesca, após dois meses, os pescadores -Yaokwa - chegam à aldeia, durante o pôr do sol³, sorrateiramente, enfileirados, cobertos com barro, pintados de jenipapo e ornados com palhas de buriti *in natura*, quando são surpreendidos pelos harekare (anfitriões) saindo de dentro da Casa de Yaokwa, portando cajados e canivetes (*tonohi*), pintados de urucu, e com os cabelos minuciosamente aparados, ornados com braceletes, colares, cocares e palhas de buriti processadas, numa idumentária pomposa composta de muitos detalhes que produzem um marcante impacto estético. Saem um a um pela porta da Casa das Flautas, em saltos para Pátio, liberando gritos e urros. Nesse primeiro encontro, um dos pontos auge do roteiro ritual, o clima é hostil; se dá na cena, um confronto violento, um combate aberto, corpo a corpo.

³ A entrada na aldeia se dá no pôr ou nascer do sol, eventualmente no meio dia, invariavelmente numa dessas três possibilidades.



Arquivo Opan

Nos instantes que antecedem a entrada, o clima da aldeia é de ansiedade e expectativa. A sonoridade dos pilões toma conta, como uma sinfonia, que anuncia a intensa produção dos alimentos em processamento para saciar a fome voraz dos *Yakairiti*. As mulheres espiam a todo o momento pelas frestas das palhas da casa, aguardando o momento da chegada. No momento em que os *Yaokwa* adentram o espaço aldeão, nada se move, o silêncio reina absoluto e só será rompido pelo estampido dos *Harekare*, em gritos, invadindo o pátio para o confronto.



Luciana Pinheiro

Do conjunto de tarefas que os anfitriões devem se dedicar nos preparativos para a recepção dos *Yaokwa* no retorno das pescarias, a limpeza desse caminho é parte integrante. Essa limpeza inclui a terraplanagem do terreno, a reposição e conserto de pontes

(pinguelas) e se dá com o auxílio dos sopradores e com a disposição, pelo trajeto, de alimentos em processo de deterioração, os quais os *Yaokwa*, no momento da passagem, seguem chutando em gestos brutos. São as bebidas azedas que entornam pelo chão e vão direto para as 'panelas' dos *Yakairiti*. Os *Enawene* são avessos a bebidas fermentadas, dizem que o sabor azedo é próprio ao gosto dos *Yakairiti* que as apreciam imensamente. Assim como o caminho deve estar limpo e preparado, o pátio também deve estar impecável e, próximo às residências, os *harekare* mantêm estoques imensos de lenha que foram sendo armazenadas e irão abastecer as fogueiras noturnas que iluminam o pátio durante o período dos espetáculos rituais. Nos fundos das residências, preparam ainda, toda a indumentária (*esoana*) que fica acondicionada dentro das casas.

O processamento do buriti (recurso de extrema importância na vida, na alimentação, na arte e na cultura material dos *Enawene*), após a coleta e o desafio, passa por inúmeras lavagens e fervura para depois proceder ao desbaste, aguardar a secagem e pentear - produzindo uma textura sedosa.



Edson Rodrigues

Dependendo da peça do figurino que está sendo confeccionada, o buriti será reunido em feixes dessa seda fibrosa que recebem amarras de algodão, como pinças, conformando um cinturão drapeado. Ora trançados, ora torcidos, conformam braceletes, colarinhos, gravatas, e ainda, podem ser combinados à embira, algodão e plumas conforme o adorno que se manufatura.



Seq. José Maria



Serg GiuraudEdson Rodrigues

Edson Rodrigues



O conjunto plumário apresenta destaque para as penas de mutum e gavião, que após a caça dos pássaros passa por seleção e corte das penas antecedendo a montagem seja de braceletes, colares ou cocares. Já as penas de papagaio, crias domésticas e de estimação, são utilizadas na coloração amarela, modificando o

colorido original por meio da técnica da tapiragem, utilizadas nos cocares que sobressaem como presença imponente nas peças rituais e simbolizam a força e o itinerário solar.

José Maria



Essa indumentária é produzida com um pequeno conjunto de recursos, que em suas variações e versatilidade compõem um figurino extremamente rico, produzindo um efeito de forte intensidade estética, constituindo um ícone - formas que caracterizam a imagem conferida aos Enawene Nawe.

Enquanto os fundos das casas definem um espaço essencialmente doméstico, utilizado no dia-a-dia por todos os moradores da residência, sobretudo pelas mulheres e crianças,

Ameiro



Ameiro

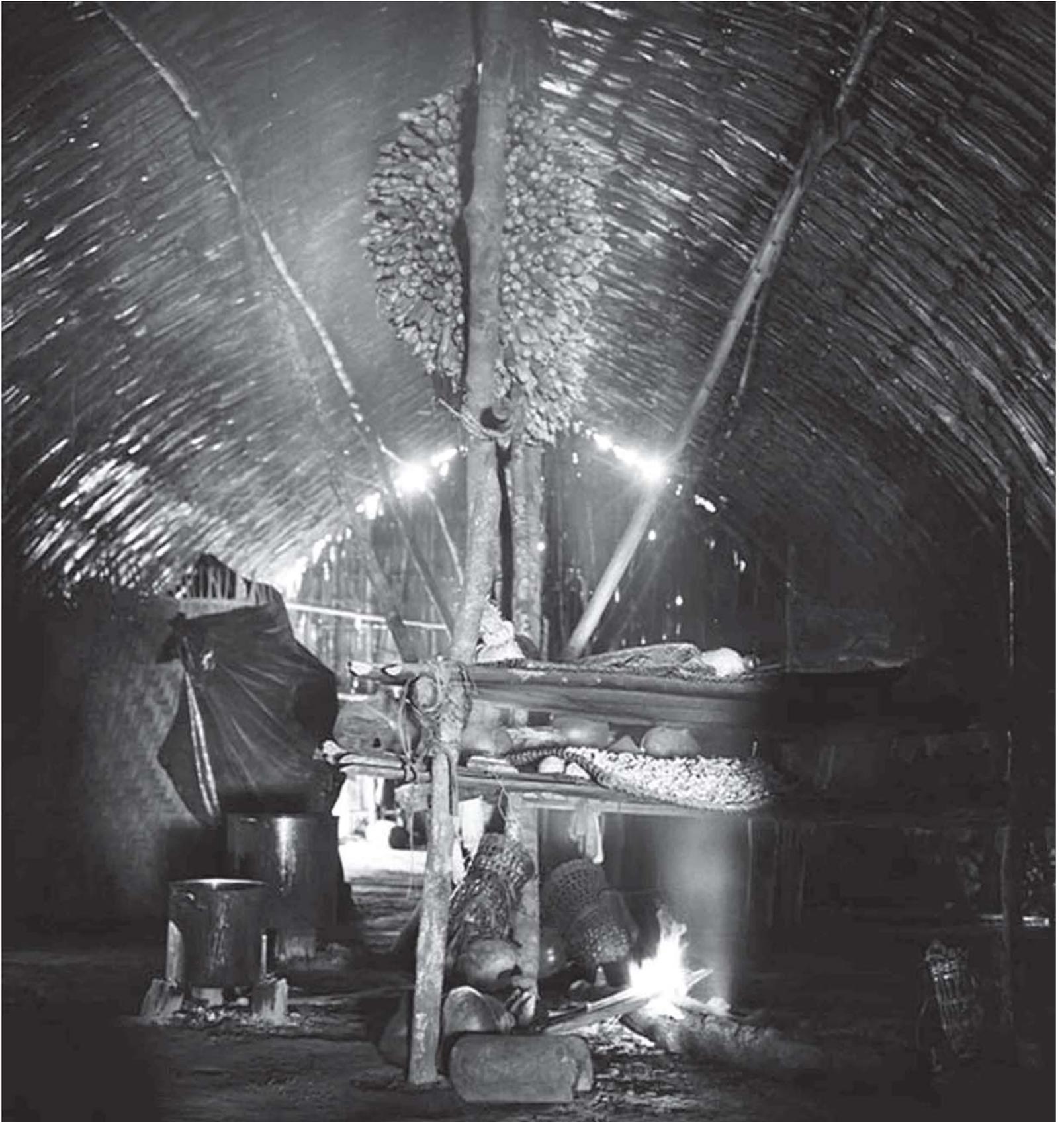


o pátio corresponde ao espaço público, destinado aos temas de interesse para o bem comum, lugar predominantemente masculino e de representação social.

As esposas dos *Harekare* são também anfitriãs - *Harekalo*. Os afazeres femininos estão voltados prioritariamente para a produção dos alimentos, o banquete que será servido aos espíritos, em cena no Yaokwa. Esses alimentos, que serão trocados pelos peixes e que constituem os *alimentos cerimoniais* têm como base de seu preparo a mandioca e o milho (*Kete* e *Koreto*). São bijus (*xixi*), sopas (*holokwari*), mingaus (*ketera*) e bebidas (*oloyti*), em grandes quantidades e que exigem muito trabalho.



José Maria



Rodrigo Petrela



José Maria





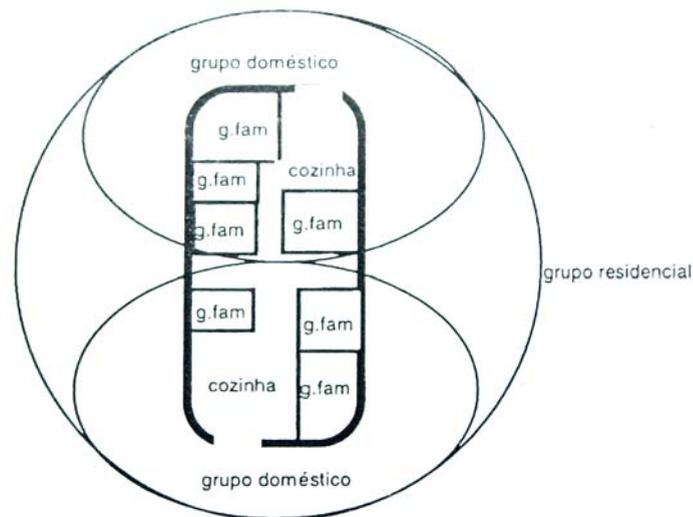
A roça de Yaokwa (milho e mandioca) que abastece os ciclos rituais; é plantada numa sequência (representada pelos Enawene em forma circular) de dois anos, determinada pela lógica clânica e o rodízio estabelecido de associação entre dois clãs para o cumprimento do papel de anfitriões. As donas das roças - Harekalo - é que irão zelar pelo cuidado dessas áreas cultivadas, colher e processar os alimentos, auxiliadas por suas filhas e parentela extensa.

Cultivar a mandioca é uma atividade extremamente relacionada às performances músico-rituais ligadas ao Yaokwa (e ao Leroh)´). Seu espaço de cultivo é imediatamente limítrofe ao espaço da aldeia, estabelecido radialmente e de forma expansiva em torno da aldeia circular.

O consumo abrange também o âmbito doméstico dado pelo dia-a-dia, portanto, assim como todas as atividades de subsistência que são tematizadas pelos cantos, o cultivo é também enfatizado coreograficamente⁴. Os grandes períodos de performances na aldeia estão, portanto, diretamente associados à agricultura, especialmente ao cultivo e colheita da mandioca e do milho.

As cozinhas estão sempre movimentadas, principalmente em períodos rituais e, mais ainda, nas casas das anfitriãs da vez. As casas compõem-se de compartimentos, como quartos privados, em que se estabelecem os núcleos familiares - Pai, mãe e filhos(as) solteiros - considerando que após o casamento, é o homem que se muda de residência, permanecendo as filhas na casa dos pais. Desse modo, os compartimentos abrigam tradicionalmente irmãs casadas com membros de outros clãs, definindo o grupo doméstico. Cada casa abriga até, no máximo, quatro grupos domésticos constituídos dos pequenos núcleos familiares compondo o grupo residencial, que pode variar de 30 a 60 indivíduos numa mesma e única grande casa comum. Assim, há uma cozinha para cada grupo doméstico - a mãe e suas filhas, podendo, portanto, ocorrer numa casa, até três cozinhas.

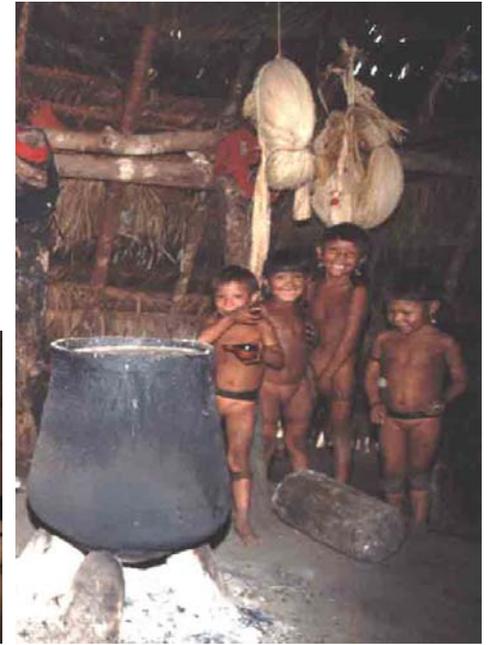
Durante o preparo dos alimentos: colher, carregar, descascar, lavar, ralar, espremer, moldar ou pilar, o frenesi é grande dentro das casas. Todas reunidas, muitas conversas, e todo um aparato de equipamentos em atividade, raladores (*tinoare*), peneiras (*manarise*), pilões (*anase* - base, *atata* -



Fonte: Silva:1998a:29

mão de pilão), esteiras, xires (*dolate*), (todos esses artefatos confeccionados pelos homens), e, ainda, pratos de cerâmica (*atare*), panelas (*mataloxi*, *matalowise*), cabaças (*ixixawi*, *ixixase*), manufaturadas pelas mulheres. A partir da década de 80, os registros dão conta de indicar uma gradativa inserção do alumínio. As bacias desse material estão, hoje, difundidas em todas as casas, bem como, as grandes panelas de cerâmica que têm sido substituídas, em geral, pelas grandes panelas de alumínio, permanecendo apenas algumas menores – que são utilizadas para servir o alimento cerimonial durante o banquete ritual. As mulheres argumentam que as bacias são mais leves e práticas para manusear, e as panelas aceleram o cozimento dos alimentos, otimizando o tempo e, principalmente, o gasto de lenha que se torna conseqüentemente menor.

Elas revezam entre elas quem vai à roça, o grupo que vai descascar, ou ralar, preparar a massa, ou inclusive, quem se dedicará a outro afazer como o algodão ou a cerâmica. No que se refere aos alimentos e ao feitiço das cabaças, nunca trabalham sozinhas, já a confecção de artigos de algodão, cerâmica ou algumas coletas específicas são tarefas individuais. Como vimos, as mulheres, são também as responsáveis pela finalização do preparo do sal, bem como, pelo arremate de algodão presente na maioria das peças que integram a indumentária ritual.



Marcus Malthe



José Maria

As casas se transformam também, em verdadeiros camarins, e palco, conforme a fase músico-coreográfica em andamento na seqüência ritual.



Seq. Serg Giurand



Kristian Benghestone



Marcus Malthe



A Casa Enawene

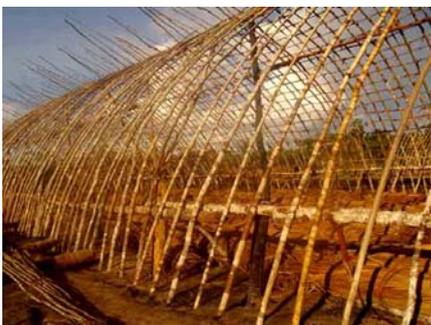


Juliana Almeida

Toda a estrutura das casas Enawene é de madeira, que é retirada e utilizada “in natura” sem praticamente nenhum acabamento. Para a fixação das peças umas as outras é utilizado o cipó e toda a vedação (frontal, posterior e lateral) é em palha de buriti tendo acabamento na cumeeira com palha de açai. Estes materiais conferem à construção um excelente isolamento térmico permitindo internamente um clima e uma iluminação bem agradável.

O formato das casas em planta é retangular, isto permite um alongamento na sua dimensão se necessário for. Existem apenas duas aberturas nestas casas, uma de frente para o pátio central e outro na extremidade oposta. Nas casas que atingiram medidas superiores a 40 metros, pequenas aberturas são providenciadas nas laterais para maior entrada de luz natural.

Juliana Almeida



Pode-se perceber que as casas possuem dimensões praticamente idênticas na largura e altura se diferenciando apenas no comprimento.

No sentido transversal é em formato de uma ogiva, como o arco ogival. O emprego desta forma permite uma excelente distribuição de cargas no solo. Embora existam pequenas diferenças de medidas entre as casas, podemos afirmar que na média, os valores se apresentam da seguinte maneira: para a largura = de 8,50 a 10,00 metros; para o comprimento = de 22,00 a 44,00 metros; para a altura = 5,00 a 6,00 metros. As casas maiores têm mais de 300m² de área construída.

Uma vez definido o perímetro de cada casa, inicia-se a construção através dos pilares centrais e laterais em todas as casas do conjunto ao mesmo tempo, de modo alternado (pois os moradores de uma residência não constroem a sua própria casa), definindo uma dinâmica cruzada em que cada grupo que se dedica à construção da casa do outro, que assim, o retribui. A construção do espaço aldeão opera como um momento de reafirmação dos laços e papéis que expressam a ordem social. Aos homens cabe a tarefa da construção em si e às mulheres cabe o preparo dos alimentos que deverão ser oferecidos em

meio aos cantos, gestos e gritos característicos dos rituais Yaokwa e Lerohi, concernentes aos *Yakairiti* - donos da maioria dos recursos utilizados no processo de construção.

Juliana Almeida



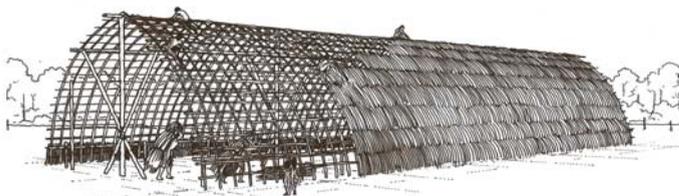
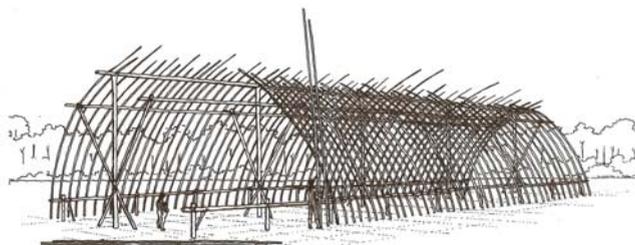
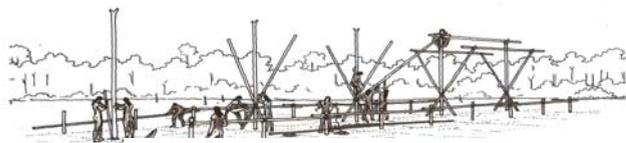
Desse modo, a aldeia Enawene conjuga tanto o domínio dos *Yakairiti*, como os construtores em si do espaço aldeão, que, por sua vez, obedece ao padrão espacial dado pelo modelo de habitação dos *Enore Nawe*. Cada casa é, portanto, construída, dinamizando as relações entre clãs, gênero, classes de idade e parentesco.

A Casa de Yaokwa (casa dos clãs - que abriga as flautas) constitui o eixo fundamental - primeira edificação orientadora das demais e única na qual todos participam da construção.



Arquivo OPAN





As peças de madeira que diferem no seu diâmetro e dimensão têm seu lugar certo na construção. As peças utilizadas para o pilar central têm suas dimensões específicas assim como os pilares laterais. Da mesma forma, as vigas que funcionam como terças (peças posicionadas em alturas diferentes no sentido longitudinal da construção) também possuem medidas específicas. Entendido como medidas específicas apenas o que se refere ao diâmetro de cada peça, pois no comprimento a interpretação é diferente. Os pilares de sustentação ficam distantes uns dos outros de acordo com a dimensão (comprimento) das peças disponíveis para a cumeeira (a viga mais alta da estrutura). Não há, então, um padrão de distância pré-estabelecido.

Juliana Almeida



As madeiras cortadas e trazidas até o local ficam à disposição de seus construtores como se estivessem depositadas em um canteiro de obras. De fato assim é, pois logo que o trabalho de corte de madeiras e de cipós para as amarrações está prestes a ser concluído, chega a vez da extração das palhas de buriti e açai. Vale destacar que, atualmente, há predominância da presença das palhas de buriti, considerando que o açai, recurso tradicionalmente preferencial para esse fim, tem se tornado escasso, presente em maior abundância nas áreas do lado de fora da terra demarcada.

A aldeia, território dos humanos, espaço que reproduz em sua ordem e composição a forma de ser e viver dos antepassados que moram, agora, na abóbada celeste, define o lugar do viver a vida e o ambiente de expressão das relações estabelecidas entre o micro e o macro cosmo, numa arquitetura que manifesta a conexão indissociável entre as esferas celeste e terrestre, entre os homens e os espíritos que conferem sentido e existência à paisagem que habitam.

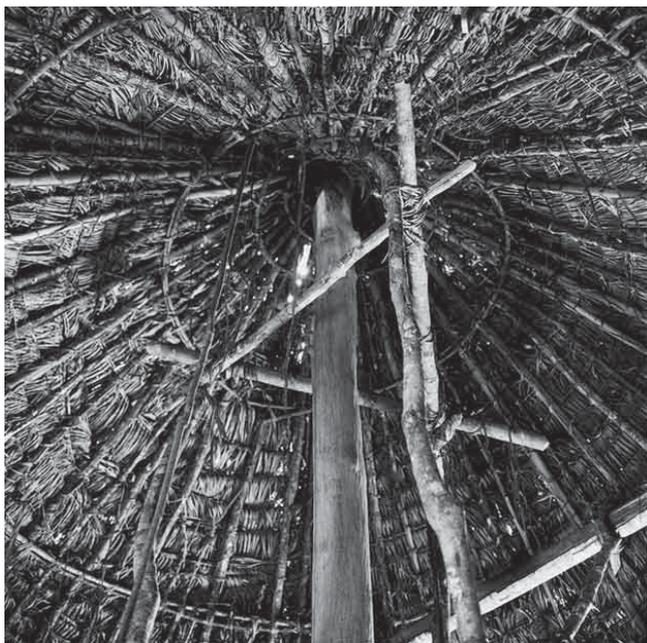
Durante todo o ano enawene nawe há sempre alguma atividade ritual/sazonal acontecendo: ou se está em performances músico-coreográficas na aldeia, ou se está em expedição pelo seu território. Nos períodos de expedição, os que ficam na aldeia também realizam performances diariamente – esse é especialmente o caso do *Yaokwa Hōla* (xerimbabos do Yaokwa) no momento das barragens de pesca, quando os anfitriões que permanecem na aldeia (*Harikare*) cantam, tocam e dançam o bloco de cantos denominado *Hekali*. Trata-se de um estilo músico-coreográfico específico, composto por uma alternância entre canto vocal e canto instrumental entoado em trompetes – as chamadas “flautas rachadas” – o qual se revela extremamente *sui generis* no repertório ritual Enawene Nawe por apresentar-se em formatos coreográficos muito variados conforme o momento da seqüência ritual.



Rodrigo Pereira

2.1 A Casa de Yaokwa.

Podemos perceber que a estrutura da aldeia enawene evoca a onipresença dos espíritos (*Enore Nawe* e *Yakairiti*) no espaço aldeão. De um lado, pela referência do padrão que segue uma fiel reprodução do modelo dado pela dimensão celeste e, de outro, pela utilização das matérias primas, recursos de domínio dos *Yakairiti*. É como se os *Enore* fossem os arquitetos, e os *Yakairiti* a matéria e mão de obra indispensável.



Rodrigo Pereira

Nessa estrutura, destaca-se a Casa de Yaokwa (casa dos clãs), projetada um pouco mais à frente no círculo das casas residenciais em direção ao Pátio, que possui um diâmetro de aproximadamente 30 metros. De formato cônico, a casa é erigida em torno de um único pilar central, de quase 6m de altura, sob uma planta circular de, atualmente, 9m de diâmetro.



Juliana Almeida

Enquanto limpam o terreno no preparo para a construção, tocam as flautas que são levadas para o local onde será feita a casa e muitas bebidas são oferecidas. No solo, é desenhado o círculo correspondente ao diâmetro da construção. Neste perímetro, os pilares vão sendo posicionados numa altura de 1,40 metros de altura. As peças seguintes são posicionadas de forma a ficarem paralelas ao solo e amarradas no topo destes pilares laterais. Aqui cabe uma observação: estas peças precisam oferecer, além da resistência, uma excelente envergadura, pois farão com que a forma circular desenhada no solo se concretize. Estas peças posicionadas irão dar o arranque para as demais.

As novas peças são posicionadas perpendicularmente ao solo e amarradas à primeira linha de peças que foram fixadas aos pilares que se encontram no perímetro do círculo. De diâmetro aproximado de 5 ou 6 centímetros e colocadas cerca de 50 centímetros umas das outras, estas peças vão se encontrar no centro, atingindo a altura de 5,70 metros. A cada um metro e meio, um novo “elo” é construído amarrando em feixes as peças que vêm perpendicularmente do solo, sobrepondo em diâmetros decrescentes, num efeito espiralado, até o fechamento no ponto mais alto. Esse movimento vai sendo realizado pelos homens que correm por dentro da estrutura, gritando, enquanto as bebidas continuam sendo servidas ao toque das flautas e da execução dos cantos. Depois são providenciadas as peças que darão sustentação e fixação às palhas.

Os Enawene contam que quando Wadare (herói mítico) levou os Enawene, em tempos remotos, estabelecendo-os no curso do rio Papagaio, tocou uma flauta e todos os paus saíram sozinhos *de dentro d'água* e foram se empilhando, formando a casa de Yaokwa e, depois, vieram os outros paus e formaram as casas da aldeia. A aldeia já estava pronta quando Ayareoko falou: - está casa é minha.

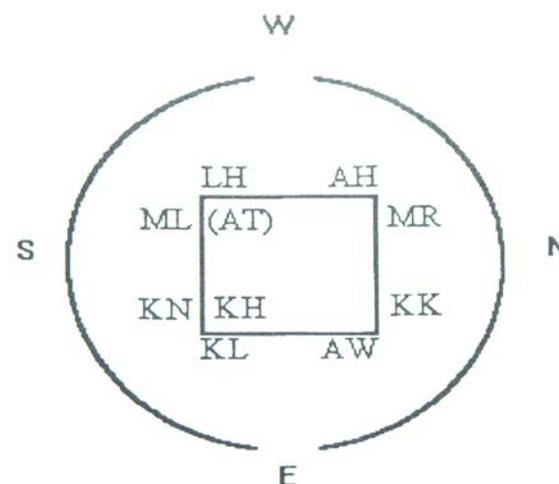
- Não é sua não! É a casa dos Yaokwa! Então, Ayareoko tocou a flauta mágica e os paus não gostaram e voltaram para dentro d'água. As casas se desmancharam. Com sua desobediência, Ayareoko estragou tudo, acabou a aldeia!

Durante o processo de construção, a cargo então dos Enawene, auxiliados pelos *Yakairiti*, é necessário manter uma vigília constante, posto que, as flautas, ainda desabrigadas, representam um perigo iminente.



Serg Giuraud

Em toda aldeia, a Casa de Yaokwa é sempre a primeira edificação, orientando as demais. Quando pronta, guarda os instrumentos musicais em seu interior, de acordo com as posições definidas desde o momento da instituição da sociedade Enawene.



Fonte:Silva:1998a:35

Assim guardadas, a ordem ideal de configuração espacial e social está garantida e, então, é possível dar continuidade à construção da aldeia, a partir desse núcleo georeferenciador representado

pela Casa de Yaokwa, que oferece as coordenadas cósmicas que determinam a estrutura social.

A ordem social Enawene Nawe tem na casa dos clãs o sentido de sua origem, do ajuntamento de grupos que historicamente definiram a atual constituição que caracteriza os Enawene como um Povo, como Coletivo Social. Desse modo, a Casa dos Clãs, desponta também nas narrativas e relatos dos Enawene como o cerne da história Enawene Nawe - a cada destruição, uma nova *haiti* é construída, marca sempre um princípio, um espaço-tempo de gênese (Princípio) social.

Para esse povo indígena, a *topologia territorial* – amplamente reconhecida e detalhadamente nomeada pela população em geral – está associada de forma direta a uma *topologia musical* da casa das flautas na aldeia. O elo vital e motor dessa relação é a combinação sequenciada ou incidental das quatro grandes prestações sazonais já citadas denominadas *yaokwa, leroh, salomã e kateokõ*.

A memória desse processo social e histórico é revelada tanto materialmente, no percurso de construção da aldeia e

ordenação das flautas no interior da casa, quanto pelo acervo musical que expressa em suas narrativas cantadas e em suas composições melódicas, as tramas que se desenrolam nesse longínquo trajeto histórico.

Os clãs – Yaokwa - são, como já assinalamos, formados pela junção de Pessoas (“linhagens”), Espíritos (legiões de entes celestes e da paisagem) e Flautas (associadas por sua vez às linhagens e legiões de espíritos correspondentes), conforme ilustra a tabela a seguir.

Yakayriti Enewari (nomes yakayriti)									
no me do clã	Aweresese	Kayroli	Kawekwalise	Mayroete	Kawinayliri	Aynihyari	Kaholase	Lolahese	Hotakanese
weresero (flauta doce)	- Aõre ma la kwa ise - Awivare - Anaolise - Xawayliokwa - "	- Yo leto kwaete - Da na la teete - Ototo kore - Wada koyares e - Yo iya ise	- Tela wima ete - Hawase kwaete - Wete kwo'yo lo ta la - Wada kolisere iwa - Awasek waete - Awasek wayhi		- Ka li iwimete - Oto tawena re - Ka kixio kwore - Kwitoda'oma te - Ka e to tewe ma re - Ka olo lo lo rina	- Kinyare'wita rise - Kehen awe'e tere	- Ka li ta hobete - Hyawisiri kwa - Amaolilo lo - Yayo la nosiri'wa - Amaolikwita lo - Lo bwe ma tone - Amaolilo bh?	- Da waytiete - Oa edihya koete - Ka wa la loseme - Haya yto lise - Ka wayhi u lliwa - Otawila iwa	- Hetoya lisiri kwa - Hetoya ta la no - Kawiya ta lo li - Hetolwa - Aya ma lise - Doa lise
alamonko (se)	- Ka teraliete - Yo la lilase				- Va la livimete - Onata la lina - Sayli lasire iwa - Ewe eo lo - "		- Awaoliteh? - A turode ylayi wayate		
tawaylio (trompa média)	- Hya hilyo li - Do la lila se - Koro wiña ete - Hi ililio ko - Aõre Du ña lise			- Ta tada kwa'wayate - Enelayti laway koli - Aõre Du ña lise	- Ma la iwaya lirikwa - Otawa yolo	- Ma la iwaya lirikwa - Otawa yolo			
hawnalayre (clarineta)	- Ka mepo ho layre - Ka ma que ro lona a - Ma huãri wimaete (este ult. esquecido) - Ma huãri witaoko - Ma huãri beweo ko - Dabokwa witaoko - Dotatyoli			- Ka la ta holoete - Xilihyawa yli - Hinikwa yñasare - Ya wa la bsriri'wa - Ya wawa la hiniyase	- One'wentaete - One'roliete - One'ya hini kwa		- Wa lowa wata re - Ma õto to kwae te - A hodiae		- Kya tiliyo lise - Te ne la yti - Ka lone re
									- Iwa wilyolose - Ada ña y lise

Fonte: Ataina. Sistematização dos dados: Lima Rogers

		(cont.) Yakayriti enewari (nomes yakayriti)							
nome classe de do clã	Aweresese	Kayroli	Kawekwalise	Mayro ete	Kawinayliri	Aynihyari	Kaholase	Lolahese	Hotakanese
kakanoyro (trompas grandes)		- Tãyleose - Ìámerolera neose - Aðre Duñaliseose							
wala lõ		- Wãya loliri - Daõlirivina ete - Ìátedawina ete	- Yákolobete - Yákolobiyi - De nayida lwa se - Ìá llyosiri - Yo lolíya y lli - Ìá ytyoda lilase	- Hesene walobene - Ìárela ne ne ne - Ìáyro ete - Dikéyí oli - Dotã s irikwa		- Amolínakayli - Duñalíiri (Yoda dawe) - Ìáya taose - Wãtãlãkoloré (vermelho)			
yat okwe (chocalho)			- Eo koliete - Aðre Duñalíe - Wãlytãlililase - Wãlytãsirikwa - Kw irãlyã líe - Kw iyayata (ilolã)	- Dotã ytyolíkwa - Ìáyíõõ lilase - Ìáyíõõ y lli - Ìá lãtãkoliete				- Ìá waytyo lilase - Ìá waytyu lilwa - Da lãwina ete - Lo lãwẽs irikwa - Ho ytyawina ete - Tãtãlãliririkwa	
ixinitakore			- Ìá tãyãliete					- De wãlẽ sãwã - Ìá ytyãwãwã	
halawanase								- Ho lãwãwina ete - Ho lãwãwina ete - Ho lãwãwina ete	
dalaõli (yodadawe)/ dalaõ dahuare – um tipo de coco de palmeira, tal como bacaba, que se bebe, ost onoyare ewayate, mas não se usa mais EN; tolyokoli, olo rinawe (máscaras, vestes específicas)						- O tãwayíliõ - Ìá lãkwãya liri kwã - Ìá tãyãliete - Ìá lãwãwãwã		- Ìá wãlẽ sãwã - Ìá lãwãwãwã - Ìá wãlãwã	
towal inere/ malolãoko (talvez antigamente os yãkwa fize ssem muito)									

As flautas utilizadas nos rituais destinados aos seres celestes são acondicionadas nas residências, enquanto que a Casa do Yaokwa abriga apenas os instrumentos ‘herdados’ dessa origem social enawene, as flautas dos clãs utilizadas no Ritual de Yaokwa. Os instrumentos musicais do Yaokwa são também antropomórficos, ou seja, compreendidos como gente e enfeitados como eles, ambas as suas vestes (dos homens e das flautas), são feitas de palha amarrada (*esoana*) que são,

também, associadas às cobras (que os *Yakairiti* portam enroladas no braço), remetendo-se aos modos *Yakairiti*.

Assim, as referências de ancestralidade e destino estão simbolizadas pela presença do Caminho e da Casa de Yaokwa e pelos instrumentos musicais e seres sobrenaturais que a habitam, representando a materialização do significado de Yaokwa - expressão da integralidade do *ser* Enawene - conjunto de Pessoas, Espíritos e Flautas.

2.2 As Barragens: lugar de pescadores.

As barragens de pesca constituem uma, dentre as modalidades e técnicas de pesca empreendidas pelos Enawene. A cada etapa ritual - Lerohi, Salomã, Kateoko e Yaokwa - corresponde o emprego de determinados pacotes tecnológicos envolvendo o manejo das áreas alagáveis e da fauna ictiológica. A escolha dos locais e dos instrumentos e técnicas de pesca, além de definidos de acordo com o calendário e as práticas rituais, levam em conta os níveis fluviométricos, as dimensões e profundidade dos ambientes de pesca - rios, lagoas, riachos, córregos - a diversidade de peixes e predominância de espécies (são cerca de 80 espécies conhecidas e manejadas), bem como,

os movimentos reprodutivos e migratórios definidos em sua sazonalidade pelos ciclos hidrológicos.

No manejo de lagoas marginais (durante a seca), os Enawene se utilizam da linhada, pesca com anzol (*Iotakare*), anzol de espera (*Maritihí*), anzol de colher (*Mere Mere*). Nas lagoas de médio e grande porte que apresentam, em função da seca, baixo nível fluviométrico (e de preferência sem ligação direta com os grandes rios), lançam mão do timbó - utilização de venenos/ictiotóxicos, preparados a partir de cipós e cascas de árvores - que é produzido e aplicado com base em minuciosas práticas tecnológicas. São as pescarias de *Aikyuna* do ritual Lerohi. Nos riachos recém alagados (durante a cheia), fazem uso das armadilhas (*Mataxi*) de formato cônico para a captura de pequenas espécies. Nas áreas alagadas (no final da enchente), além das armadilhas, realizam a pesca com arco e flechas, facões



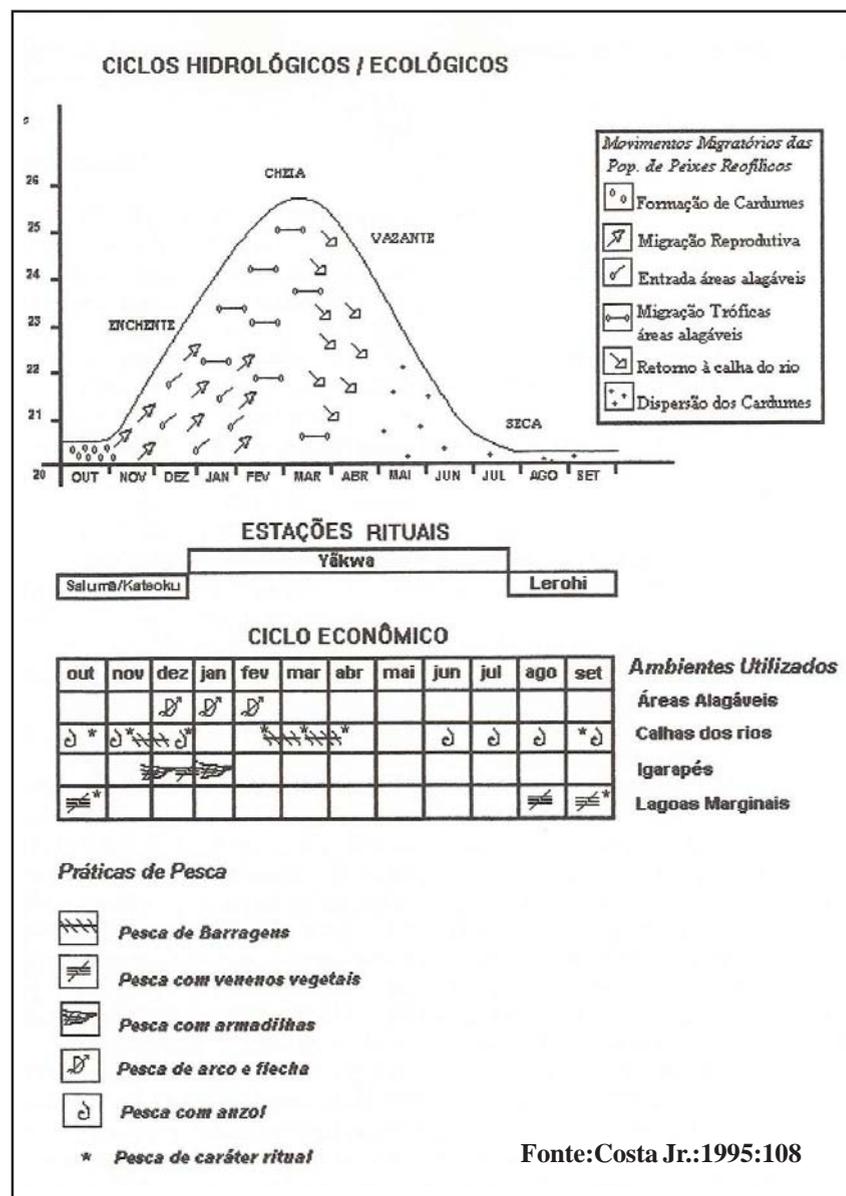
Marcus Malthe

e/ou arpões. Nos rios de médio porte, constroem, na vazante, as barragens de Yaokwa. Vale destacar que cada um dos elementos e instrumentos de pesca encontra correspondência na corporalidade Enawene, conformando a anatomia do corpo masculino⁵.

Partes do corpo	Nome indígena
Olhos	Dalala (fruto / ven. veg.)
Testículos	Halula (fruto / ven. veg.)
Vasos sanguíneos	Lululaihi (cipó / ven. veg.)
Carne do corpo	Xaihi (cipó / ven.veg.)
Veias	Aikyuna (cipó / ven.veg.)
Unhas	Wahu (ven. veg.)
Pele	Ketaiti (ven.veg.)
Pele	Lotahitanece (ven.veget.)
Pele	Tairi (Mogno / ven.veg.)
Pele	Kasewakatatá (ven. veget.)
Parte posterior inferior da cabeça	É o sedimento das lagoas marginais que os Enawene-nawe revolvem durante a pesca de aikyuna.
Tórax/Abdomem	Mata (com a casa desta árvore se confecciona o Mata, armadilha utilizada em barragens de pesca). Família: Bignoneaceae
O brinco preto de tucum	o furo do anzol.
O contorno da orelha	o corpo do anzol
Os cílios do Dokoi	se transformaram no Mataxi (armadilha de pesca).
O ânus	Kinore (armadilha de pesca).

Fonte:Costa Jr.:1995:110

Em seu estudo sobre a pesca na sociedade Enawene, Costa Jr. (1995) observa que a incorporação de novas técnicas, sem prejuízo das formas tradicionais enfatizadas nos ciclos rituais, permitiram, sobretudo os anzóis, e também arpões/máscaras de mergulho, a ampliação da atividade pesqueira com a exploração de remansos, corredeiras, poços e regiões profundas, antes esporadicamente utilizadas.



Os peixes, e a pesca por meio das barragens, revelam um universo fascinante onde se fundem práticas, saberes, lugares, personagens, relações e representações que proporcionam inúmeras possibilidades de reflexões: sobre os modos de elaboração de formas de coesão social, sobre os modos de relacionamento entre a cultura e a natureza, sobre o saber e o fazer, sobre os significados do alimento, e tantas outras, inspirando aprendizados diversos.

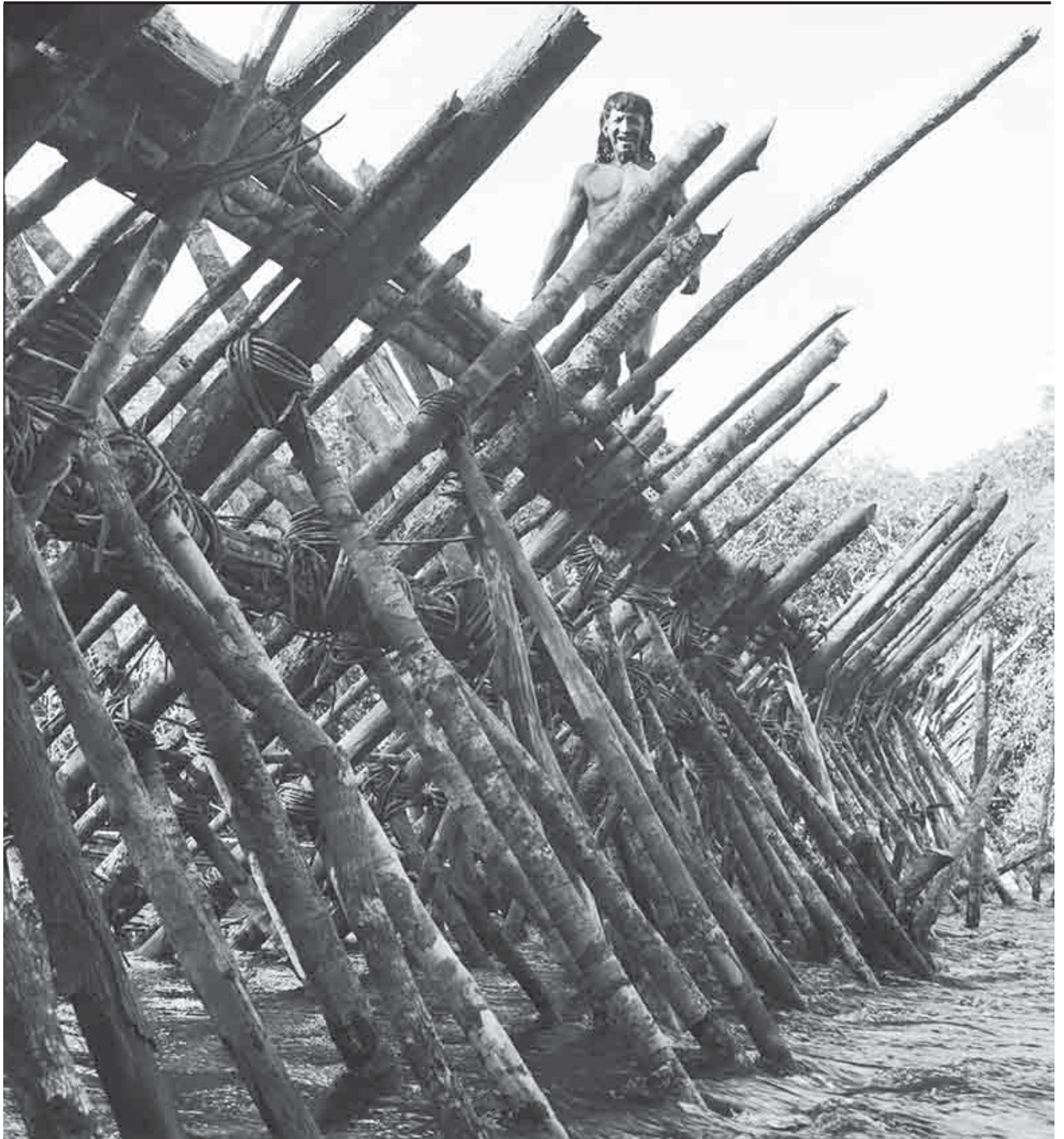
A dinâmica ritual, que envolve as expedições de pesca e a construção e utilização das barragens, revive e reconstitui, sazonalmente, o *Mito de Dokoi*.

⁵ Para maiores detalhes Costa Jr.:1995

O Mito de Dokoi

Dokoi era o único que possuía uma rede mágica denominada hiala, com a qual capturava grandes quantidades de peixes.

Dokoi avisa Ayareoko (seu tio paterno) para ele não pegar a rede, pois ele poderia morrer. Quando Dokoi não estava olhando, Ayareoko pegou esta rede e a mesma se enrolou nele, ele caiu no chão, ficando sufocado, quase morto, de tanto que a rede o apertava. Não podia falar, imobilizado, seu coração batia devagar. A rede o apertou tanto, que ele defecou ali mesmo. Nisso, Dokoi vai procurar a rede e encontra aquela situação, vendo que Ayareoko estava morrendo, pegou uma vara (olokoira) e começou a bater no corpo envolto pela rede, conseguindo libertá-lo. Dokoi disse: “Porque você pegou a rede, você não podia ter feito isso, só eu posso pegá-la, eu sou o dono da rede.” Ayareoko ficou pensando - Quase que eu morri. Ressentido, foi para a beira do rio. Pegou uma peneira e tingiu-a de extrato de urucu e resina de jenipapo, criando o pacú de pintas pretas e vermelhas e jogando-o na água. Feito isso, ao retornar para aldeia, o tio paterno diz: “filho, tem peixe no porto”. Dokoi respondeu: “Eu vou buscar minha rede”. Ayareoko retruca: “Você não precisará da rede, pois os peixes estão em locais rasos”. Dokoi, ouvindo-o, pegou seu arco e flecha e flechou o Kayare, que escapou para o meio do rio. Então Ayareoko falou: “Entre lá e pegue os peixes”. Dokoi se transforma em peixe e vai atrás dele. Ao entrar na água, um cardume de pequenos peixes se aproxima e eles falam: “Você é ruim, você pegou todos os peixes e eles acabaram, olha o weteco (pátio dos peixes), ele está vazio, não há mais peixes. Quem é o seu pai? Dokoi responde: “Eu sou filho da areia”. Os peixes perguntaram novamente: “quem é o seu pai?”. E Dokoi, novamente, respondeu que era filho da areia. Os peixes insistiram: “Quem é o seu pai?” Dokoi mente mais uma vez: “Sou filho das folhas”. Os peixes não se convencem. “Sou filho do lolaihi (fruto da margem dos rios), sou filho das árvores...” Os peixes disseram: “Você é filho de Dataware”. Outros disseram para que fossem embora, pois ele era filho de Dataware e iria voltar, então os peixes começaram a mordiscá-lo e Dokoi avisa: “Parem com isso ou vão morrer, em minhas veias corre Nololohi, o veneno do cipó de Aykyuna e vou lança-lo sujando toda a água e matando todos vocês”. Os peixes respondem: “Se tiver alguma mulher menstruada e se chover forte, não serão todos os peixes que morrerão.” “Então eu usarei o veneno Halolase do pequiá, que corre em meus testículos”. “Mas se tiver mulher menstruada ou chover forte, poucos morrerão, e então vamos comê-lo, ou, o que mais você poderá fazer contra nós?” “Usarei o veneno Dalala que está em meus olhos, usarei o Waho que está em minhas unhas...”. Os peixes continuaram usando o mesmo argumento, até que Dokoi responde: “Usarei minha cintura (Mata - armadilha das barragens de pesca). Desta vez os peixes se calaram e ficaram com muito medo. Repentinamente aparecem mãos nos peixes, que agarram Dokoi, o peixe agulha lhe desfere um golpe mortal e assim os peixes levam Dokoi até a margem e o devoram. Feito isso, os peixes grandes, com medo de Dataware, pai de Dokoi, fogem em direção aos grandes rios. Enquanto isso, Dataware, dando pela falta do filho sai a sua procura pelos lagos e igarapés, e pergunta a todos os peixes que vai encontrando pelo caminho, se haviam visto seu filho, se eles haviam comido seu filho. Os peixinhos negam, dizendo que foram os peixes grandes que fizeram isso. Dataware se dirige para as áreas alagáveis e planta todo tipo de árvores que, durante a cheia, produz frutos e flores que servem de alimento aos peixes. Quando tudo fica pronto, Dataware se transforma em um pacú e vai em direção ao grande rio (Jurueña). Ao encontrar com os peixes grandes, chama a todos: “Vamos subir o rio que há muitos frutos e flores para a gente comer!” (o avô dos peixes - Jacu – percebe que se trata de Dataware disfarçado e alerta os peixes, porém, eles não lhe prestam atenção e aceitam o convite). Enquanto os peixes se fartam de comer, Dataware rapidamente desce o rio, arremessa os paus para dentro da água e magicamente a barragem se eleva, pronta por sobre as águas. Dataware ainda preparou os jiraus e estocou lenha para defumar os peixes. Terminado, retorna e diz aos peixes que levem comida ao seu avô, preparando o dolate. Dataware retoma sua forma humana e chama Ayareoko e alguns Enawene para irem ajudar a pegar os peixes que, na descida, seriam todos capturados pela barragem encantada. Os Mata pegaram muitos peixes, todo tipo de peixes.



Após a temporada dos jogos de futebol de cabeça (em janeiro), pontuam, dia a dia, movimentos, gestos, afazeres, falas rituais que indicam a proximidade da partida dos homens para as barragens - uma técnica arquitetônica que realiza elementos do imaginário vinculados ao contexto da vingança e da guerra, operando relações de trocas e inversões que produzem efeitos de ordem bio-psico-socioculturais.

Toda a população masculina, incluindo os meninos, se retira da aldeia em direção aos acampamentos de pesca, todos os anos, entre os meses de fevereiro a abril, com exceção das mulheres, crianças pequenas e dos homens pertencentes aos clãs que cumprem, naquele período, o papel de anfitriões.

Esses acampamentos são construídos em pontos específicos do território enawene - de acordo com a lógica de distribuição dos clãs e seus respectivos *Yakairiti* na paisagem - próximo às margens de rios de médio porte: rio Joaquim Rios (*Tinuliwina* e *Muxikiawina* - tributários do rio Camararé), rio Arimena e rio Preto (*Olowina* e *Adowina* - tributários do Juruena) e rio Nambikwara (*Huyakawina* - tributário do Doze de Outubro).

Nesse período que antecede a ida dos Yaokwa para as barragens, os anfitriões se ocupam das roças e preparo do sal, enquanto os futuros pescadores se dedicam ao feitiço de indumentárias e à coleta da matéria prima de confecção das armadilhas de pesca - *Mata*. A *Mata* corresponde ao tórax e abdômen no corpo masculino, é a cintura de Dokoi. Após o exame e seleção das árvores, os Enawene procedem ao corte por todo o perímetro do tronco, e outro mais abaixo, distante cerca de 50 cm. Num corte longitudinal e com o auxílio de cunhas, ‘descolam’ a casca em forma cilíndrica que vai sendo estocada no porto para posterior fabricação das armadilhas nos acampamentos.

Os homens mais velhos, durante a madrugada, passam pelas casas entoando cantos que avisam - “Cunhado, peça à sua esposa que prepare muita comida pra levarmos para as barragens de pesca!”. Na aldeia, os anfitriões executam danças e cantos no pátio, bem como no interior da Casa de Yaokwa.

Vejamos um trecho:

Acorda Dokoi, filho de Dataware. Vá pegar o peixe!

Como antigamente, o cajuzinho já caiu na água e o peixe o comeu, muito peixe irá comê-lo.

Como antigamente o cajuzinho caiu na água e a matrinxã o comeu

Como antigamente o cajuzinho caiu na água e o pacú o comeu

Como antigamente o cajuzinho caiu na água e o ... [citação de várias espécies na mesma estrutura do verso].

Vou pescar primeiro o piau, vou pela margem.

Se Dokoi morreu, agora é a minha vez.

Pegarei bastante peixe: pegarei pacu...

Levante para escutar...

Escute, wayato. Não fique triste, fique feliz.

Quando eu voltar, será a vez de outra wayato.

Meu tempo chegará ao fim, haverá outro Yaokwa.

Você vai colher da nova roça, a roça velha está chegando ao fim.

(Dataware): Acorda Dorinero, Yaokwa já começou.

Venha fazer oloyti, ketera...

Não faça pouco, faça muito para o meu ritual.

(Dorinero): Mais tarde farei a comida para o seu ritual.

(Datamare): Porque você fez pouca comida?

(Dorinero): Calma! Isso não é tudo, tem mais...

É assim mesmo, estou fazendo oloyti, ketera... Nada vai faltar.

Os dançarinos ficarão satisfeitos com o seu ritual.

Esses homens mais velhos são os mestres de cerimônia - função ritual rotativa (*honerekaiti*) - que guiam, em parte, a sucessão das peças rituais, coordenando a pesca. Fazem recomendações a cerca dos preparativos para a saída e indicam os momentos adequados de proceder à seqüência ritual - organização da partida; oferecimento de sal aos *Yakairiti* no acampamento; construção e destruição da barragem; organização do retorno; e sinal de entrada na aldeia.

Esses homens experientes são especialistas na leitura de diversos sinais (bio-indicadores e outros) que permitem o cálculo preciso para identificar a hora certa de se dirigir as barragens em função da descida dos cardumes de peixe, pelas calhas dos rios, após a piracema. Uma gramínea, denominada por eles *Ohã* (*Gymnopogo foliosu*), pouco antes de florir indica o momento da partida, bem como, uma árvore denominada *Owe* em seu estado de florescência, já seu estado de frutificação indica o fim das chuvas. “A temperatura ambiente dos dias que antecedem a ida para as barragens, por estar relacionada à fenologia de alguns vegetais com significado cultural, também é levada em consideração, pois um período de dias muito quentes, segundo os enawene nawe, aceleram o processo de amadurecimento dos frutos de várias árvores encontradas nas áreas alagáveis, o que provoca uma antecipação na saída de vários cardumes de peixes onívoros como a matrinxã, o pacu e o piau entre outros.” (Costa Jr, 1995:129). Além desses, a

observação e conhecimento dos corpos celestes e suas referências astronômicas, conforme veremos no terceiro capítulo, são também indispensáveis nas determinações das atividades rituais.

Na saída, os *harekare* entregam pequenas trouxas de sal aos *honerekaiti*, e as embarcações já prontas e carregadas de comida, instrumentos de pesca, matéria prima para confecção de artefatos e pertences pessoais, partem, inicialmente juntas, até irem encontrando cada qual sua rotas. Atualmente, com a incorporação dos motores de popa, e conseqüente alteração no tempo do trajeto, os Enawene chegam rapidamente em seu destino. No período do deslocamento via canoas a remo seguiam pousando, coletando e pescando pelo caminho, num ritmo mais lento.

Os Enawene que permanecem nos acampamentos de pesca, retiram todas as insígnias que os identificam como Gente Enawene - os braceletes, tornozeleiras, trocam os brincos de conchas por pequenas argolas de tucum, não raspam as sobrancelhas como de costume, deixam os cabelos despenteados e sem corte, mantendo apenas o estojo peniano. Incorporam uma identidade íntegra durante o período das barragens, simultaneamente humanos e seres sobrenaturais, são os **Yaokwa**.

Após procederem rapidamente ao arranjo da infra-estrutura necessária à permanência prolongada, limpeza do local, reforma ou construção, em proporções menores, de réplicas das casas da aldeia, com espaços destinados a confecção de grandes jiraus que vão armazenar todo o pescado defumado, será iniciado o processo de construção das barragens.



O *Honerekaiti* oferece o sal aos *Yakairiti* (representado por um pescador enawene). Os Enawene explicam que os pescadores saem para os acampamentos de pesca acompanhados pelas legiões de espíritos dos *Harekare* - anfitriões que permanecem na aldeia. A finalidade da oferta de sal, como já observamos, diz respeito à troca a ser efetuada com os *Yakairiti*, sal em troca do peixe, pois, como senhores dos peixes, são os *Yakairiti* os responsáveis pela condução dos cardumes em direção às armadilhas posicionadas nas barragens. No ato da oferta, o *Honerekaiti* professa a seguinte sentença:

Aqui está o sal como troca pelo peixe que nós queremos pegar nas armadilhas.

Faremos as armadilhas para que vocês levem os peixes para dentro delas.

Quando os capturarmos, teremos peixes para nós e para vocês que muito os desejam⁶.

Além do auxílio dos *Yakairiti*, é *Dokoi*, por meio de sua cintura (*Mata*), quem captura os peixes, puxando e prendendo-os com toda força. A criação das barragens, de acordo com a narrativa mítica transcrita acima, é a resposta de *Dataware* que pretende se vingar dos peixes, responsáveis pela morte de seu filho. Ele os atrai por meio das árvores e frutos que planta e que lhes serve de alimento, induzindo a migração que vai ao encontro das armadilhas. Assim, os Enawene revivem esse episódio, incorporando a vingança de *Dataware* através da execução da pesca ritual.

Os Enawene, desse modo, mantém uma relação extremamente cuidadosa com as *Mata*, posto que constituem uma peça dotada de vida no corpo arquitetônico da barragem. As *Mata* se caracterizam por uma extrema sensibilidade, o acabamento de sua borda corresponde ao corte de cabelo típico dos Enawene. Eles as acariciam, abraçam, conversam com elas - *pegue peixe para mim... pegue muitos peixes, pacu, piau, matrinxã...*; *fique feliz, pegue peixes, seja atenta, não deixe escapar nenhum.*



A *Mata* sente a aproximação dos peixes, pois tem a capacidade de ver e ouvir e é muito sensível aos humores e odores em geral. Por serem muito temperamentais definem, em grande medida, o clima que deve ser mantido durante a permanência nos acampamentos. Ela não tolera diversos cheiros, em especial o suor característico dos corpos após os intercursos sexuais dos quais os Enawene devem abster-se enquanto perdura a pesca de Yaokwa. Portanto, os Enawene precisam se banhar, bem como banhar as *Mata*, utilizando ervas aromáticas. Se contrariadas, não capturam os peixes, então é necessário manter um estado de espírito sereno e alegre, não convém falar alto, travar brigas ou discussões, as crianças não devem chorar ou resmungar e não deve haver espaço para a tristeza, produzindo um ambiente que assegure a eficácia das *Mata* em sua função de captura dos peixes.

Cada homem possui cerca de uma dezena de *Mata* que ficam distribuídas, como em setores, sobrepostas em compartimentos submersos que se dispõem ao longo de toda a estrutura da construção da barragem e recebem bebidas no momento de seu encaixe (em torno de 100 *Mata*, conforme o tamanho da barragem). A construção se dá, em média, em cinco a seis dias e nesse processo o peixe está excluído da dieta que deve estar restrita aos produtos derivados da mandioca brava. Os Enawene dão preferência aos pontos mais rochosos no leito dos rios, evitando rompimentos devido à força das águas. Vejamos o esquema das etapas da construção.



Emanuel



Seq. Barragem: José Maria





Emanuel













Construída a obra e oferecidos os primeiros peixes aos *Yakairiti*, os Enawene ficam à vontade para comer, beber, fazer coletas, fabricar utensílios diversos - peneiras, esteiras, cestos -, colares de tucum, brincar, lembrar acontecimentos do cotidiano da aldeia, fofocar, falar e imitar as mulheres, dar muita risada. Mais do que na forma de contos, na sociedade Enawene Nawe, o mito é expresso por narrativas que são, sobretudo, cantadas. Porém, os acampamentos das barragens, local onde não se canta; é também o lugar e o momento privilegiado para ouvir e contar as histórias e mitos referentes aos heróis e ancestrais dos Enawene.



Os *harekare* que ficam na aldeia sempre comentam o quanto é agradável estar nas barragens. Dizem que ser anfitrião dá muito trabalho, enquanto nos acampamentos estão sempre relaxados e com abundância de peixes. Já os *Yaokwa* em expedição, são ressabiados, por considerarem que os anfitriões, a sós com todas aquelas mulheres na aldeia, são uma ameaça, pois se aproveitam de sua ausência para seduzir suas mulheres.

As barragens são revistadas três vezes ao dia (de manhãzinha, ao meio dia, e fim de tarde). Mergulham e cada qual vistoria suas *Mata*, recolhendo os peixes e limpando as frestas das armadilhas recolocando-as em seus lugares. Os peixes se amontoam nos cestos cargueiros para serem examinados e então levados. São limpos, em gestos rápidos, e embalados com o pecíolo da folha de buriti. Um conjunto de aproximadamente



15 a 20 unidades, conforme o tamanho dos peixes, contornado por uma embalagem um pouco maior, confeccionada com o mesmo material, que ficará acondicionada nos jiraus (formados por três a quatro prateleiras) por sobre um fogo permanentemente aceso que irá desidratar e defumar o pescado garantindo o processo de conservação e acumulação.



Os *Honerekaiti*, atentos ao movimento dos astros, em sua observação e conhecimento dos corpos celestes, avisa o momento de retornar à aldeia. No fim das chuvas, e com farto estoque de peixes, coordena o regresso. Conduz os *Enawene* até as barragens - é hora de destruí-la. Os homens retiram as *Mata*, e vão desfazendo algumas amarras de modo que a força das águas se encarrega de empurrar suas peças leito do rio abaixo, permanecendo apenas os eixos mais estruturais e pesados da construção. De modo tumultuado, assistem ao desmoronamento, falas rituais são entoadas em meio a gritos e breves toques de flautas.

No caminho de volta, todas as embarcações, vindas dos diferentes pontos de acampamentos, vão convergindo até alcançarem o ponto de encontro entre elas, próximo da aldeia, um ou dois dias antes de encenar a entrada triunfal dos pescadores no espaço aldeão pelo Caminho de Yaokwa. O momento é de euforia entre os pescadores que se cumprimentam, fazem saudações e analisam de modo comparativo as cargas, comentando os resultados do período da expedição. Alguns *Harekare* dirigem-se para este ponto, a fim de oferecer boas vindas e combinar os detalhes do momento da entrada em cena no pátio da aldeia. Tanto os pescadores (no porto) quanto os anfitriões (na aldeia) irão se adornar adequadamente para esse momento.

É a chegada do Yaokwa e o início das performances musicais e coreográficas na aldeia - O Ritual de Yaokwa.





Emanuel

A Ciência dos Caminhos: os cantadores e as coreografias.

3. A Ciência dos Caminhos: os cantadores e as coreografias.

As intensas idas e vindas, saídas e chegadas, de pequenos a grandes grupos da população operam sobre uma verdadeira “ciência dos caminhos” (*awiti*), sejam eles terrestres ou do conhecimento, geográficos ou cosmológicos. São também caminhos que ligam a aldeia aos patamares sobrenaturais, o território à casa das flautas através da noção de pertencimento clânico.

As trocas entre os clãs – casamento, aliança, nomes, cerimoniais – também são concebidas como estabelecendo, reforçando ou enfraquecendo caminhos. Os *caminhos* atuam, portanto, em várias dimensões cognitivas, como vetores norteadores de toda reinvenção vital e cotidiana de sua sociocosmologia. A ciência de como percorrer, extrair, produzir, mas também desfazer e cuidar desses caminhos e seus ecossistemas é a ciência dos mestres *músico-rituais* (*Sotakatare*), figuras absolutamente essenciais à socialidade *enawene nawe*, condutores por excelência de todos os ritos.

Enquanto os Xamãs (*Sotairiti*) viajam pelo espaço, através de um transe que possibilita um transporte psico-físico, sendo a eles reconhecida a capacidade de curar - em função de seu potencial para se comunicar, ver e interagir com o mundo invisível do sobrenatural, os Cantadores (*Sotakatare*) são os senhores dos caminhos - guias do povo *Enawene* por entre esses caminhos e mundos só vistos e descritos pelos Xamãs, que dão testemunho de sua existência e verdade.

Essa ciência dos caminhos exige um conhecimento profundo e extenso dos caminhos de toda espécie percorridos por esse povo, com suas histórias peculiares, da memória coletiva, da ecologia de seu território, enfim, dos segredos e saberes estruturados no tempo. Os *Sotakatare* são, por excelência, os mestres da atividade ritual, guardiões da cultura *enawene nawe*, sendo imensa a importância, admiração, respeito, prestígio e autoridade a eles coletivamente conferidos.

Esse entrelaçamento entre Território e Música, impresso em todos os aspectos da vida social *enawene nawe*, expressam manifestações da mitologia, das narrativas musicais e da estrutura melódica dos cantos, que são compreendidas como *portais*. Múltiplas vias de acesso a diferentes aspectos dessa sofisticada filosofia ameríndia.

Para abrir os portais e prosseguir nos caminhos, é necessário conhecer as chaves de acesso.

Os cantadores são os únicos que as possuem. É somente mediante o conhecimento do preciso encadeamento da seqüência narrativa que é possível dar continuidade ao percurso. É como se, no ato de cantar, se produzisse simultaneamente os destinos da sociedade Enawene (ancorados na ancestralidade que a sustenta). Nessa tarefa tão delicada, errar pode ser fatal. O Cantador não pode, não tem licença para errar. O erro leva a imprevisíveis conseqüências danosas, para si e/ou para seu povo, pois pode atizar tanto a fúria dos *Yakairiti* quanto dos *Enore Nawe*.

Conhecer o fio narrativo, que não pode ser perdido, pois traça a trama da qual depende a ordem social (e cósmica) e seu contínuo devir, impõe, para aquele que se prepara para exercer essa responsabilidade, muitos anos de dedicação e disciplina no cumprimento de amplas exigências, que prescrevem desde práticas corporais diversas - que envolvem os hábitos alimentares, de sono, postura, respiração, bem como, o exercício de práticas e condutas sociais e políticas específicas. Memorizar esse complexo e extenso *fio narrativo*, sem se desviar da exata seqüência vital, requer concentração e atenção extrema e constante, além de determinação, renúncias, abnegação, perseverança e paciência.

A sabedoria e a ciência dos *Sotakatare*/Cantadores caracterizam, em grande parte, a singularidade do modo de vida Enawene Nawe.

Proceder de modo preciso ao desempenho ritual, por meio do desenvolvimento das narrativas cantadas através do toque das flautas que executam a estrutura musical, inclui um complexo de caráter cênico que dramatizam diferentes atos - identificados pelas cenografias dadas pelo roteiro de incursão dos instrumentos musicais, ou seja, a própria dinâmica interpretativa das peças, que são identificadas/situadas pelas indumentárias, pela interposição de personagens e figuras coreográficas incidentais, pela repartição dos músicos e dançarinos em cada um dos círculos, que se sobrepõem, em arranjos e descompassos: as coreografias.

As coreografias percorrem trajetos que estão inscritos nesses caminhos, dados pela seqüência musical, orientados pelos Cantadores. Elas concretizam a travessia dos portais que vão sendo transpostos pelo itinerário que perfaz, periodicamente, a história e os saberes do povo Enawene.

Esse itinerário é revivido e contado em tantos detalhes que se faz praticamente impossível registrar os pormenores de cada gesto ritual significativo nessa longa dramatização que dura meses de apresentação diária. Apresentamos apenas breves descrições de algumas fases músico-coreográficas.

O formato músico-coreográfico que atravessa quase todos os dias da cerimônia do Yaokwa é o de três⁷ círculos de canto e dança concomitante, porém, cada qual detentor de um conjunto diverso de instrumento musical (da casa de flautas), cada qual entoando um refrão onomatopéico específico e, conseqüentemente, uma textura rítmico-melódica específica. Mesmo assim, há um forte engajamento entre os três círculos, tanto ao nível da matéria narrativa dos cantos - que é a mesma para cada círculo - quanto também ao nível sonoro-harmônico (não se trata de uma harmonia vertical, nem configura cacofonia).

Destacamos assim, os seguintes formatos/fases músico-coreográficos expressivos no ritual de Yaokwa: *hekali*, *danekwana* e *weresero*.

hekali : abrange várias fases músico-coreográficas no pátio da aldeia. Antecedem à saída dos pescadores para as barragens de pesca e permanecem concomitantes à pescaria nas barragens e posterior chegada dos pescadores. É a figura incidental dos cantos *hekali*. Há, contudo, uma importante variação observada na intensidade das performances conforme o período de sua execução. A volta dos pescadores para a aldeia define o ápice dessa forma coreográfica à medida que o conjunto cênico vai ganhando corpo. Esse formato, peculiar aos ritos destinados aos *Yakairiti*, adentra também o início do *Lero h*)', outra modalidade ritual.

Dançando o **Yaokwa** e (é) fazendo, arando, a roça de mandioca -

danekwana : figura coreográfica do ritual Yaokwa performada em geral ao final de um dos blocos diurnos de performances diárias. Dos três círculos de dança característicos desse ritual, abre-se em linha (*danekwana*) apenas o círculo maior, aquele que comporta o instrumento *weresero* - o tipo menos grave de flauta doce pertencente ao conjunto de instrumentos da casa de flautas (*Haiti*), do qual se pode dizer que é o único instrumento inter-clânico, ou seja, dos 9 clãs, pertence a 8 deles. Os demais instrumentos da casa das flautas, todos associados ao Yaokwa, não são de posse de todos os clãs, apresentando uma distribuição mais rarefeita.

66 7- Dependendo dos Clãs que cumprem, no período, o papel de Harekare, os círculos de canto e dança podem chegar a quatro concomitantes.

O movimento em questão é uma espécie de contenção da forma circular - própria das várias etapas do ciclo ritual - insinuando uma abertura para o espaço do Pátio da aldeia (*wetekokwa*). Primeiro dança-se (*aõlikywa*) dentro do espaço da Casa de Yaokwa, depois, ao sair para o Pátio, os dançarinos mantêm-se próximos à Casa, sempre em três círculos. No final, o movimento ganha sua versão extensiva - “arando”, “abrindo”, “varrendo” todo o Pátio da aldeia, com a figura nominada *danekwana*. É a simulação do cultivo da mandioca que tem nas roças, exatamente esse sentido de ampliação do círculo da aldeia ao longo dos anos, até que se esgote, em cerca de dez anos, o diâmetro possível para o plantio, quando se dá a mudança de aldeia.



Ameiro

weresero : a qualidade sonora desta flauta doce de 4 furos, compõe, com sua companheira um pouco mais grave *walalõ*, uma textura marcante e expressivamente destoante do restante de blocos de instrumentos musicais. As linhas altamente melódicas que executam (quer em termos relativos – intra-comparativos -, quer “absolutos”), destacam-se, no acúmulo de contra-passos dos três círculos concomitantes, como a própria *tessitura* Yaokwa.

Por isso não parece casual a larga distribuição destes dois instrumentos (principalmente o primeiro) entre os clãs, se comparados a todos os outros. A riqueza dos timbres de um coro de cerca de 20 a 40 flautas doces desenhando as mesmas *ehaynada* (linhas melódicas) é extremamente penetrante - aerofones, dentre os quais as flautas em particular, produzem sons extremamente ricos em harmônicos, como se sabe.

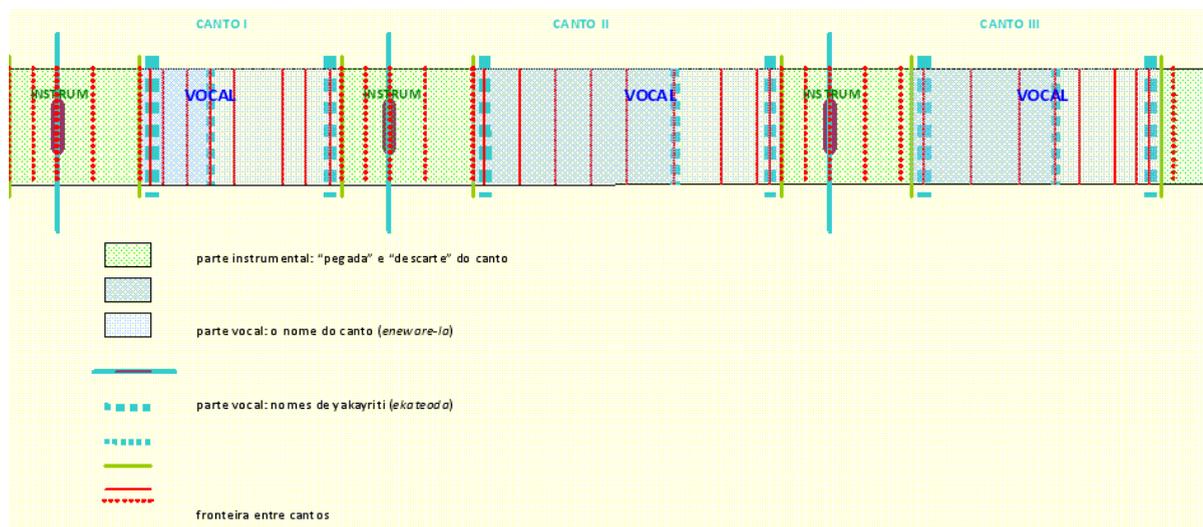
Sem dúvida, podemos chamar as *ehaynada* por elas executadas – a elas atribuídas enquanto instrumentos musicais e clânicos - de *Temas*. Enquanto aos outros instrumentos seriam atribuídos “contra-temas”, ou mesmo “variações”, estruturalmente falando. No entanto, etnograficamente, não há nada nas concepções enawene nawe que nos permita distinguir hierarquicamente (ainda que de forma apenas estruturalmente hierárquica) a disposição entre temas e contra-temas.

As peças músico-coreográficas são todas calcadas em cantos de referência, *cantos-conceitos*, e da mesma forma que não se pode dizer que há predominância do círculo executante da flauta doce em relação ao da trompa ou do chocalho, também as partes instrumentais não são contra-temáticas em relação aos *cantos-conceitos*. Tratam-se mais de blocos de canto vocal ou instrumental, entremeados segundo seqüência diversa por refrões onomatopéicos estreitamente ligados aos passos minimalisticamente distintos da dança circular. Os limites entre esses blocos, alguns Enawene os glosam como *porteiros*.

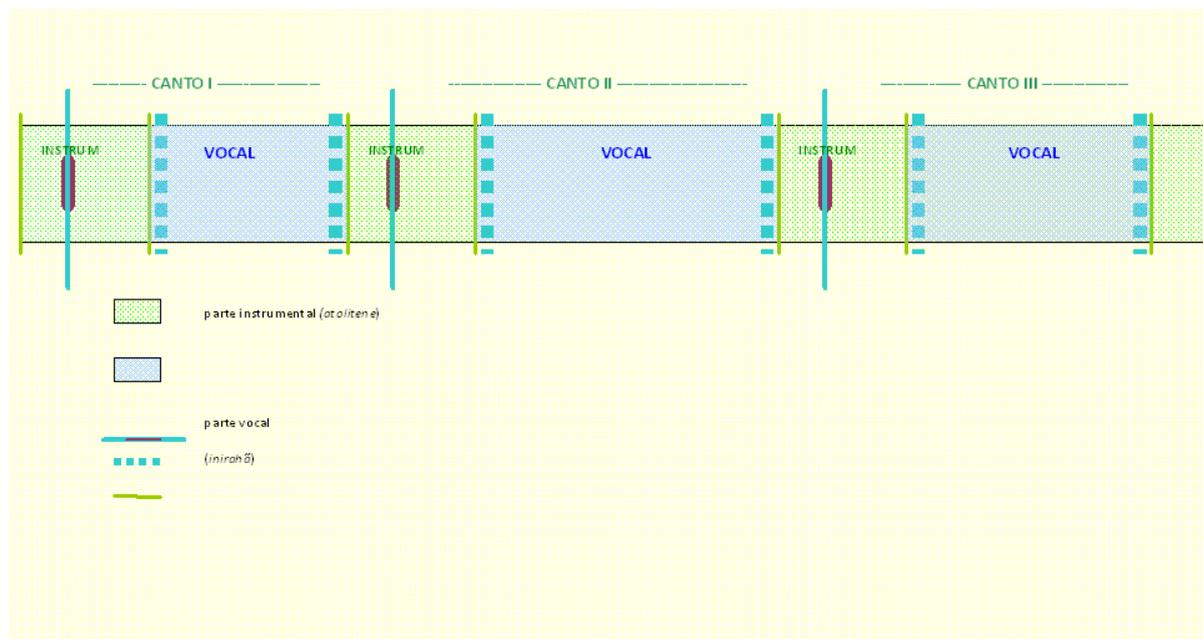


Arquivo OPAN

estrutura da seqüência de cantos com interposição dos refrões



estrutura da seqüência de cantos



Fonte:Lima Rogers





Yaokwa: Homens - Espíritos e suas Flautas



Edison Rodrigues

Interior da Casa das Flautas. Momento que antecede a saída dos pescadores para as barragens.



ser. arquivo OPAN





Emanuel

Coreografia dos Harekars (anfitriões) na aldeia, executada enquanto os Yaokwa estão nas barragens.



Roças de Yaokwa



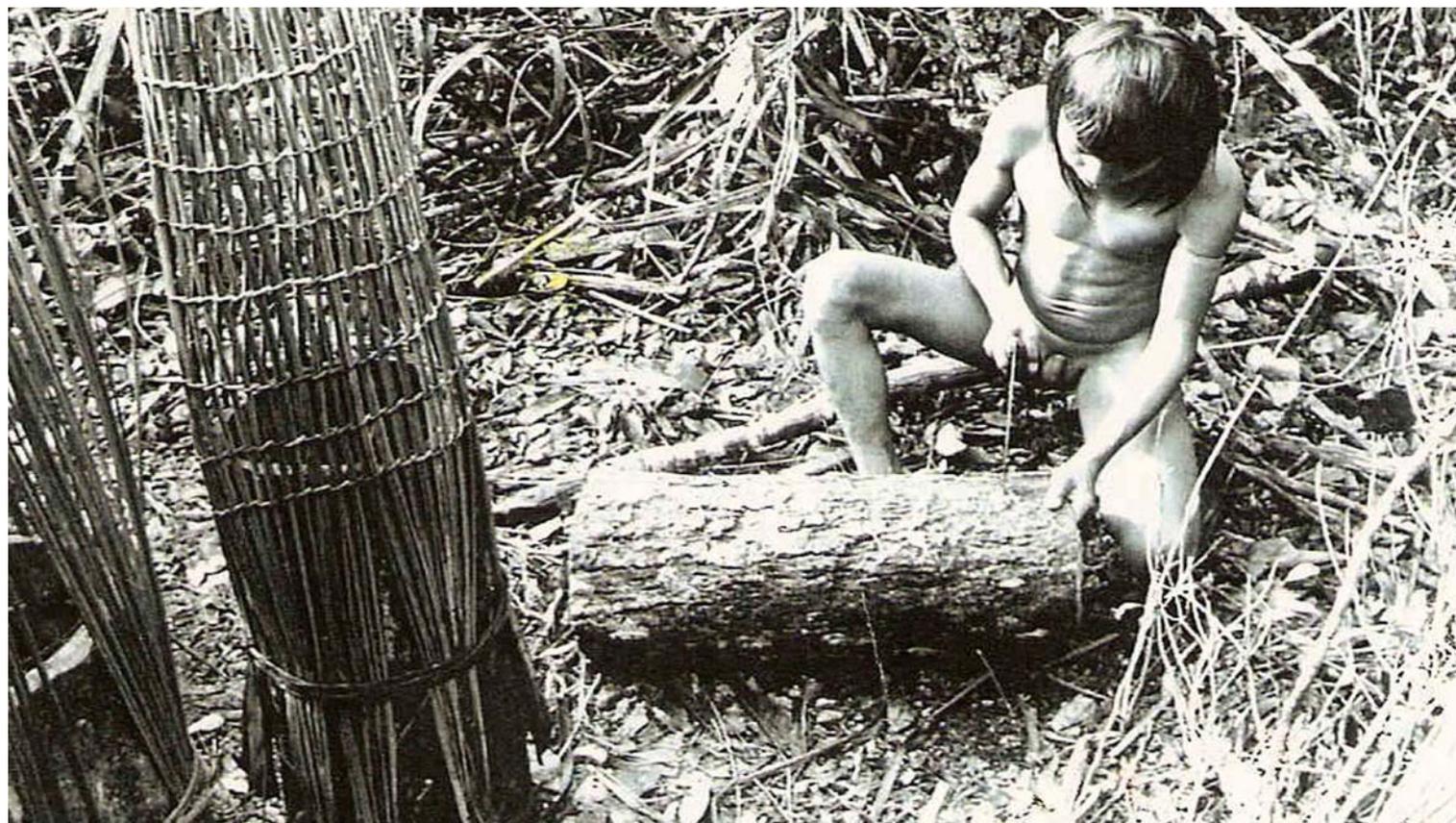
seq. José Maria



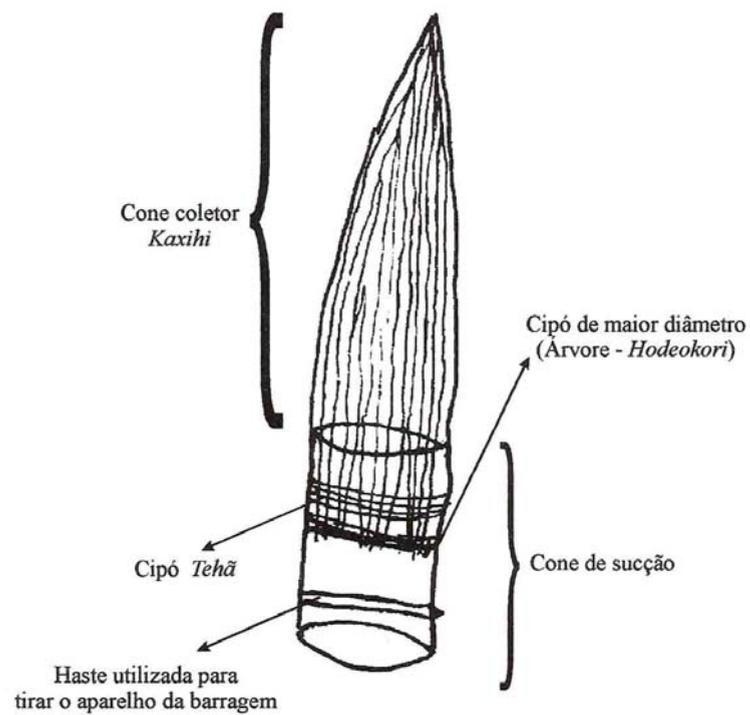
Seq. PB. Rodrigo Petrela

Nas Barragens





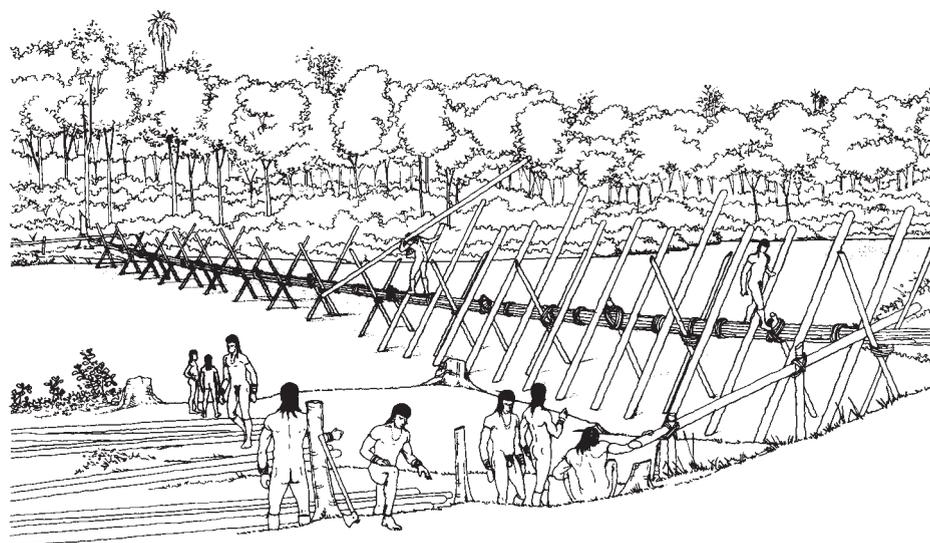
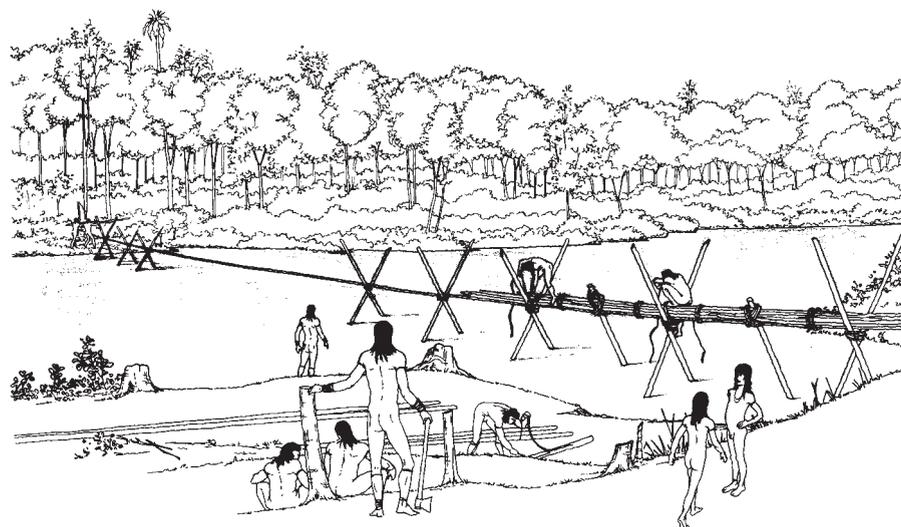
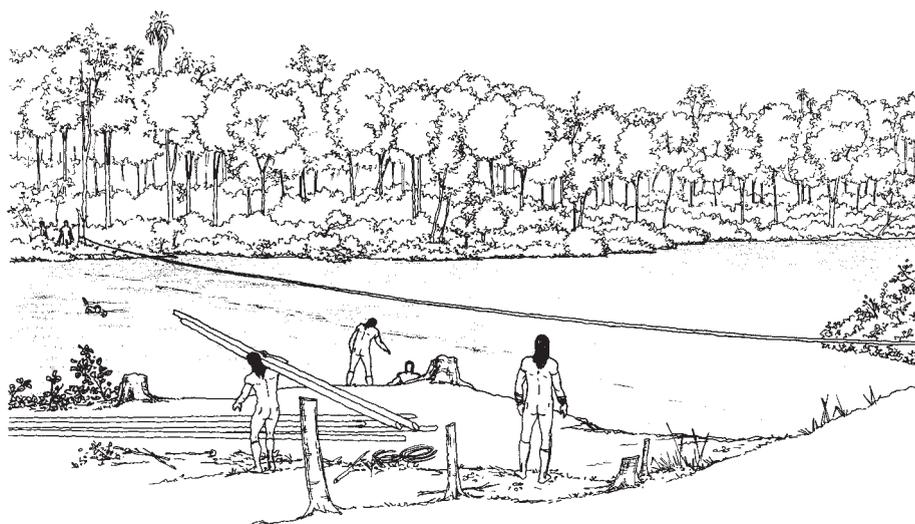
Mata - Armadilha de Pesca, usadas nas barragens.

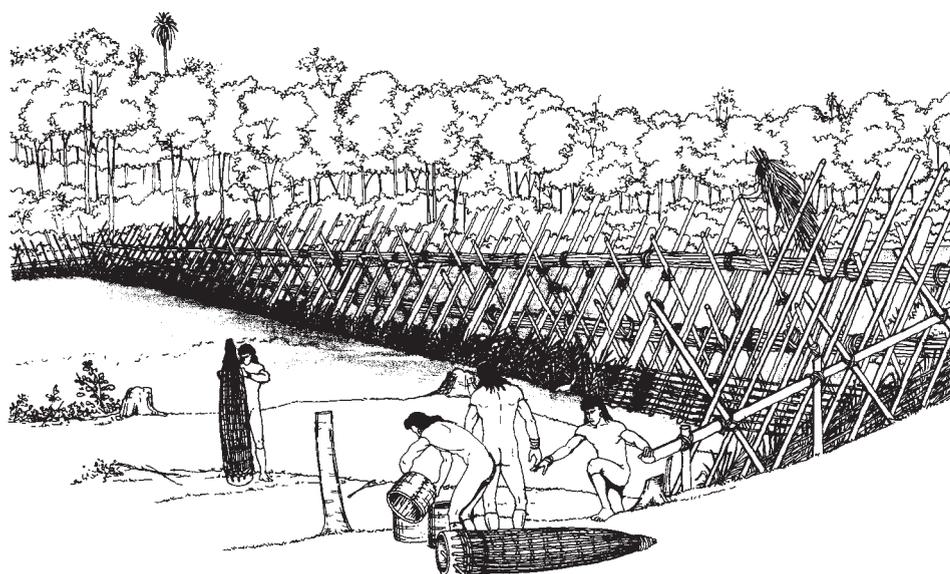
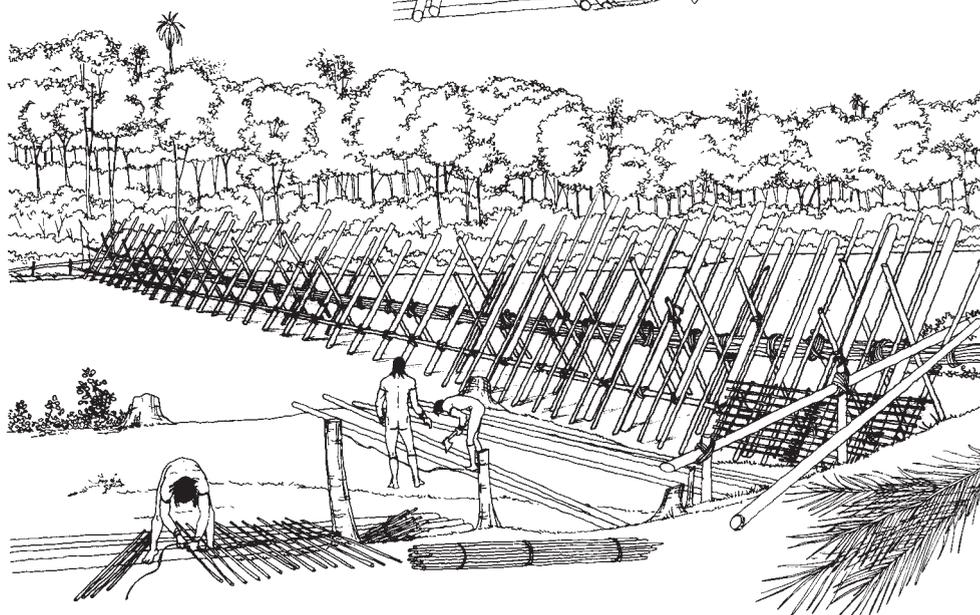
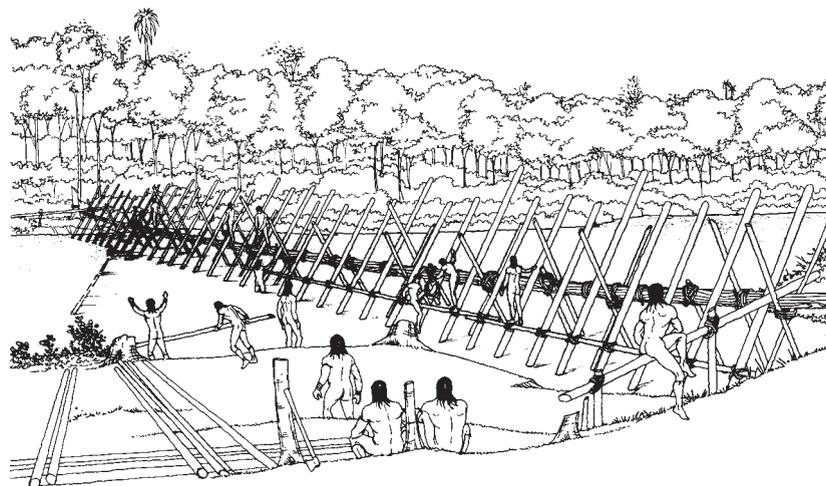


Fonte Costa Jr.:1995











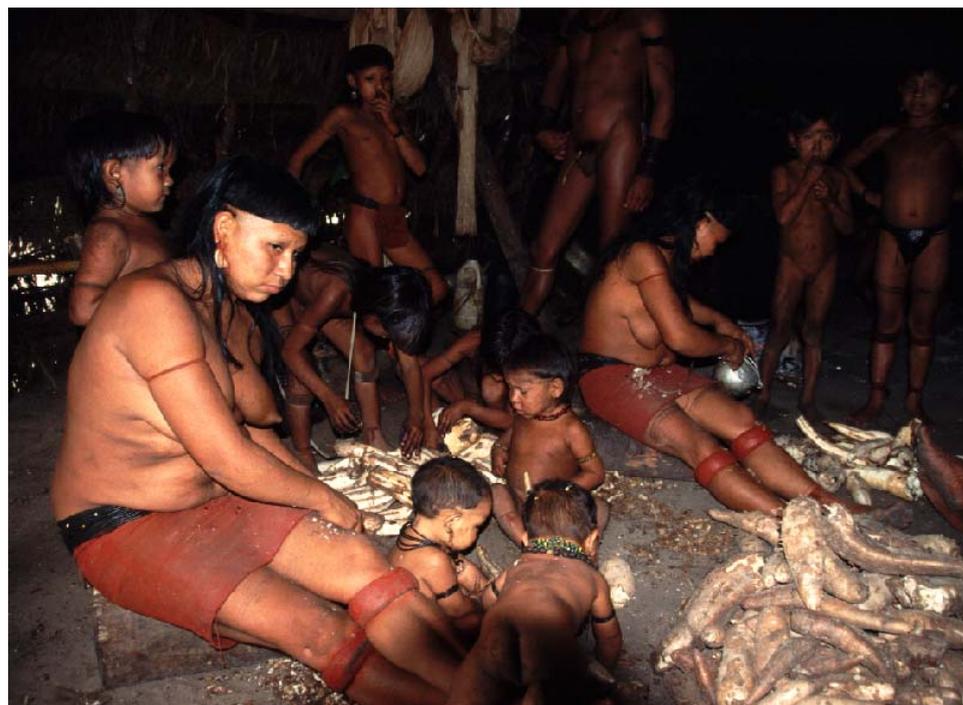
Edson Rodrigues

Destrução das Barragens que antecede o retorno dos pescadores à aldeia





José Maria Andrade



Arq. OPAN





Serg Giuraud

Serg Giuraud

Mulheres preparam o banquete de Yaokwa.



Seq. CTI/OPAN

Yaokwa se preparam no porto para adrentar à aldeia



Arq.OPAN



Seq. CTI/OPAN

A entrada pelo caminho de Yaokwa



Seq. CTI/OPAN



O confronto entre o anfitriões e pescadores

Sequências musico-coreográficas (Noturno)



José Maria



José Maria



José Maria



Seq. José Maria



Oferta de Sal dos Anfitriões aos Yaokwa.



Harekare oferece o DAWAITI (cocares/plumárias -tapiragem) aos Yaokwa.





Já domesticados os Yaokwa oferecem Sal aos Harekare (anfitriões).





Marcos Maithe

As rodas de Yaokwa no pátio.

O Amanhecer



Seq. José Maria



Troca dos peixes e o banquete



José Maria Andrade

Sequências musico-coreográficas (Diurna)



Emanuel



Emanuel



Seq. Arq. OPAN

Indumentária Ritual



José Maria Andrade



José Maria Andrade



José Maria Andrade





Emanuel





Serg. Giurand



Serg. Giurand



Emanuel



Serg. Giurad



Emanuel



Rodrigo Petrela





José María

Seq. Zé Maria Andrade



Nova Sequências musico-coreográficas (Noturna)







José Maria Andrade





Marcus Malthe







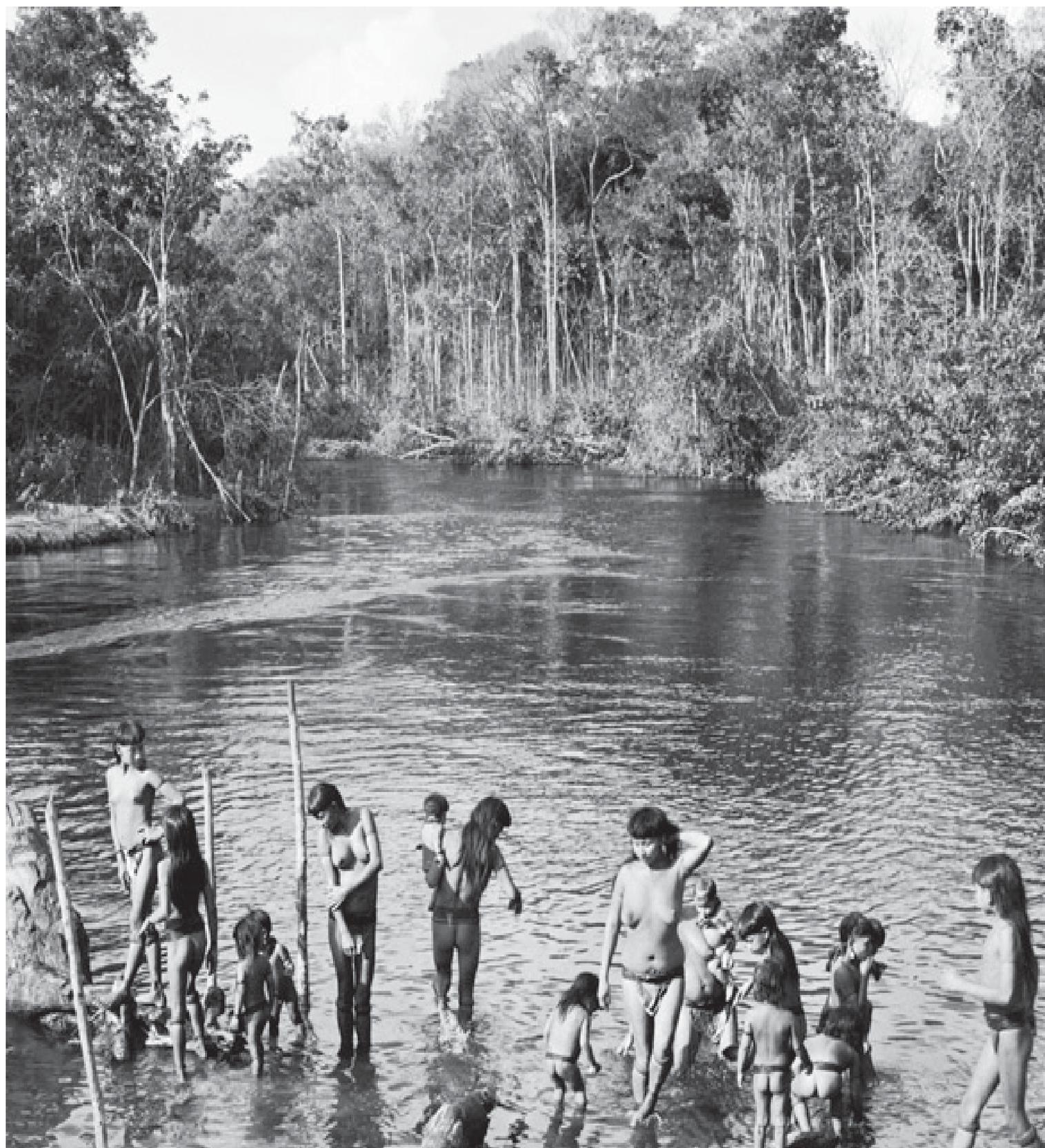
Améiro





Marcus Maithe

III. O Ritmo do Tempo...



para elaboração e aplicação desses conhecimentos. Assim, para a execução de todas as atividades sociais da vida Enawene, esse referencial é indispensável e determinante.

Pode atuar tanto no sentido ordinário, como um relógio acessível a todos, que demarca as práticas e afazeres corriqueiros do dia-a-dia, quanto na decodificação qualificada, dos ciclos próprios da natureza em consonância com as atividades produtivas e rituais, necessitando aí da coordenação de pessoas capacitadas para a realização dessas orientações. Os Enawene observam, ainda, que a pontualidade é imprescindível, pois é definitiva para que suas atividades, quais forem, plantar, pescar, roçar, colher, etc. sejam bem sucedidas.

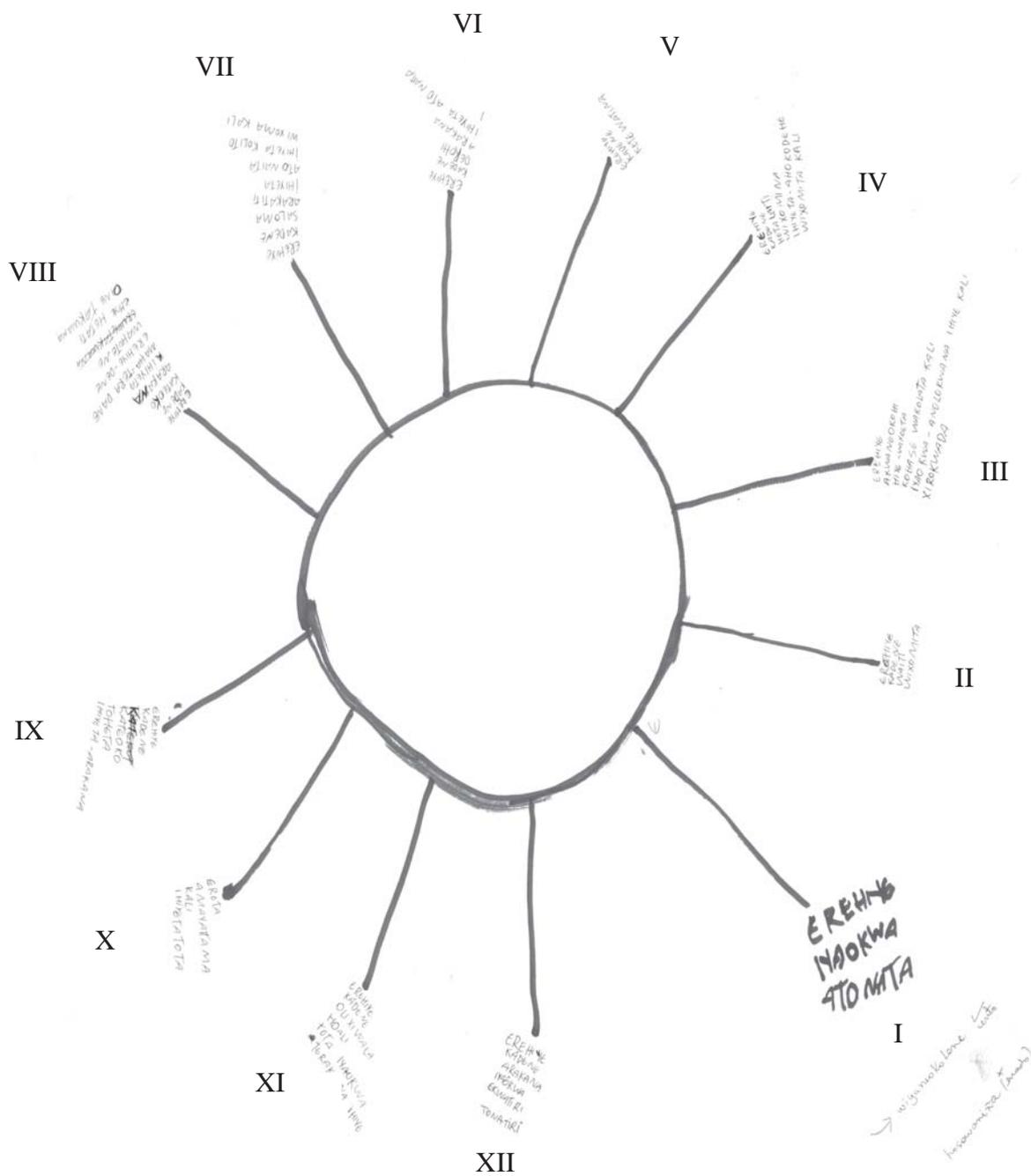
Os Enawene distinguem, grosso modo, duas grandes estações: a seca (Iokayti), em que com maior intensidade estão presentes os rituais consagrados aos espíritos da paisagem (*Yakairiti*) – **Yaokwa** e Lerohi. E, a chuvosa (Onekiniwa), associada aos ritos concernentes aos espíritos celestes (*Enore Nawe*) - Salomã e Kateoko. Note-se que essa correspondência se dá em termos de intensidade e opera como marco das estações rituais, pois, na execução ritual, podem ocorrer interpenetrações, com recorrentes expressões incidentais entre as diferentes peças rituais.

No interior de cada uma dessas estações, conforme a leitura que articula bio-indicadores e indicadores de tempo, desenvolve-se a agitada agenda ecológico-ritual configurando a efervecência da vida social Enawene. Os Enawene, em sua concepção circular do Tempo, compreendem e representam seu movimento no sentido anti-horário, conforme demonstra o calendário, por eles elaborado.

1.As Estações Rituais

Os Enawene detêm complexas classificações, decorrentes do saber acumulado, relativas à observação sistemática que fazem do movimento dos astros. Nominam as posições do sol e da lua conforme sua angulação, aproximadamente de uma em uma hora. O ciclo lunar é definido de acordo com frações precisas na identificação de suas fases. As diversas constelações operam também como importantes georeferenciadores e indicadores de tempo, grafam no céu as marcas de acontecimentos que explicam a origem de fenômenos, de regras sociais, representações de personagens da mitologia Enawene Nawe.

Todo esse sistema de identificação, classificação e nomeação dos corpos celestes é de domínio de alguns sêniores, pessoas mais velhas, pois exige treino e disciplina



I – **Yaokwa**. O calendário se apresenta demarcado por doze divisões (de base lunar) em que, de acordo com os Enawene, a saída dos homens para as barragens de Yaokwa define o início do ciclo (anual)¹. Orientada pela floração da gramínea ohã (explicam – “quando está grávida, um pouco antes do nascimento de seus filhos”) e da fase lunar denominada *Tonaytiri*, temos o período de Yaokwa *Tonaytiri*, caracterizado pelo momento da dispersão dos Yaokwa para os acampamentos de pesca.

II – Corresponde a um período de dois meses. Indica os afazeres associados, de um lado; ao papel dos anfitriões/ãs (Harekare/lo) e, de outro, dos pescadores (Yaokwa).

III - O terceiro momento está associado ao movimento de regresso dos pescadores para a aldeia e o marco da entrada no espaço aldeão - Yaokwa *Anolokwana*, caracterizado pela posição sorrateira, *encurvada*, da postura dos Yaokwa que entram no pátio e -pelo confronto entre pescadores e anfitriões na conduta agressiva, selvagem, dos espíritos que se apresentam indomáveis nesse período de chegada. A partir daí, após a oferenda do sal pelos anfitriões, os Yaokwa são amansados e recebem cocares de penas – Yaokwa *Yohotakwana*, conformando o primeiro círculo de dança *Yoho*, tocando flautas numa peça instrumental sem incidência do canto. Domesticados, tornam-se Yaokwa *Ehairiri*, dando seqüência às diversas etapas músico-coreográficas que caracterizam o ritual Yaokwa durante quase toda a estiagem.

IV - A quarta divisão destaca o preparo das roças, primeiro as familiares e depois Roça de Yaokwa, simultaneamente à pesca com pequenas armadilhas nos córregos próximos das áreas de cultivo.



Edson Rodrigues

Notas:

¹Vale lembrar que o ciclo é de um ano em sua seqüência, porém, o rodízio dos clãs no papel de anfitriões, se alterna de dois em dois anos, bem como, o cultivo das roças de Yaokwa. No primeiro ano, os anfitriões fazem derrubadas e preparo do solo (durante o Lerohi), no segundo ano preparam novamente o solo para efetivar o plantio. (durante o Yaokwa).

² As roças familiares são cultivadas através da associação entre genros e sogro p/ o plantio do milho. As roças familiares abastecem os rituais Salomã e Kateoko, enquanto as roças de Yaokwa abastecem os rituais Yaokwa e Lerohi.

V - O quinto período demarca o plantio da Roça de Yaokwa (mandioca, e milho de várzea – espécies não nativas) com os procedimentos rituais que envolvem a ação dos sopradores, a oferta de bebidas e peixe e a execução de peças musicais. Indicam a incidência de Lerohi, com a aparição dos primeiros gritos e toques de flautas características da próxima estação ritual.



Ameiro



Atinaene

VI - Lerohi. Execução de peças músico-coreográficas na aldeia, que antecedem à dispersão das pescarias do Lerohi - Aikyuna - (práticas de utilização de venenos vegetais), incluindo seu retorno e contituidade das performances rituais em danças executadas por homens e mulheres na aldeia.



Atinaene

Seq. Edison Rodrigues





VII - **Salomã**. Preparo do roçado de milho (terras altas), coleta de mel, período associado às performances de Salomã. Os Enawene explicam que as mulheres são as “donas” dessa modalidade ritual, dançada pelos homens.



VIII - Plantio das variedades de milho Enawene, coleta de mel, início do Kateoko.



IX - **Kateoko**. Retorno das roças, execução do Kateoko. Modalidade de domínio dos homens, dançado pelas mulheres.



Patricia

X – Ritual Kateoko.

Serg Giuraud



XI – Período de colheita e consumo de milho novo. Rodízio de dois a três dias com todos os clãs se alternando no papel de anfitriões.

XII – *Ekwatiri* – cantos que antecedem os preparativos para a saída dos Yaokwa. Falas rituais, passagem para o início do novo ciclo que se repete.

Como podemos ver, cada uma dessas doze divisões não estabelece correspondência direta com os meses de nosso calendário, ainda que o ciclo, em ambos os casos, complete o período de um ano. Há divisões que estabelecem marcos de duração de meses, enquanto outros referem-se a dias. A ênfase, portanto, recai no que para eles indica os seus marcos temporais, dados pela eleição de práticas e técnicas produtivas indissociáveis de eventos de caráter ritual. Dessa maneira, os rituais Yaokwa e Lerohi tomam a quase totalidade das prestações e performances do ano (quase nove meses), sendo Yaokwa o mais extenso.

Assim, no calendário que define a agenda ecológico ritual dos Enawene, as estações estão não apenas compreendidas como um ciclo natural, mas, acompanhadas por performances específicas, por repertórios musicais e incidências instrumentais características de cada contexto ritual, associados, por sua vez, a manejos e pacotes tecnológicos correspondentes a cada período demarcado.

Além do calendário, a sucessão das gerações, corresponde a uma demarcação temporal de grande relevância, definindo um eixo vital da organização social Enawene Nawe.



Serg Giuraud

Serg Gitureaud



2. As fases da vida e a transmissão dos conhecimentos.

Tiraware/lo (re-sufixo de designação masculino/lo-feminino), é o nome dado ao feto, à fase da vida intra-uterina. Nessa etapa, segundo os Enawene, temos a formação do tronco, depois dos braços, sendo a vez das pulsações cardíacas, para então, termos as pernas e, por fim, a cabeça. Ao morrer, as pulsações cardíacas, do pulso e olhos se dirigem para o *Eno* (alto) porque são de domínio dos *Enore Nawe*, assim como os membros superiores e a cabeça. As pulsações e membros inferiores, descem, são de domínio dos *Yakairiti*. A sombra vagueia, pela floresta e antigas aldeias, como um espectro preso à dimensão terrestre (são os *Dakoti*).

Nessa “divisão” percebemos o sentido de *Yaokwa* expresso pela corporalidade enawene, posto que os componentes que dão

forma ao corpo são, há um só tempo, a conjunção de patamares distintos, de humanidade/clãs e de legiões de espíritos. *Yaokwa como integralidade do ser Enawene*. Assim divisíveis, os enawene são constituídos por essas diferentes fontes e, ao mesmo tempo, originam, a partir de seus corpos, cada uma dessas dimensões; que se retroalimentam num ciclo de vida e morte. A morte, enfim, não é compreendida como um fenômeno natural, mas como fato decorrente da ação dos *Yakairiti* ou, mais raramente, como intervenção dos *Enore Nawe*.

Quando um enawene nasce, sendo o primeiro filho(a), sela a união de um homem e uma mulher no momento em que o pai reconhece a paternidade pagando peixe ao sogro. Nesse momento, a criança que havia sido nominada pela família materna será identificada pelos nomes escolhidos pelos avós paternos e pertencerá por toda a sua vida ao clã do pai. A partir de então, tanto os pais como os avós trocarão seus nomes e serão chamados por referência ao primogênito.



José Maria Andrade

José Maria Andrade



O recém nascido – *Wesekoitakori/lo*, logo em suas primeiras horas, terá seu cabelo cortado à moda enawene (raspam sobre as orelhas e deixam uma franja bem aparada) e receberá adornos: pequeninas argolas de tucum, braceletes e tornozeleiras de algodão.

José Maria Andrade



As fases da vida, serão classificadas de acordo com a definição de etapas, nominando 14 categorias de idade³, incluindo a vida intra-uterina. Essas categorias operam como marcadores temporais para a Pessoa e estão caracterizadas por insígneas corporais, indumentárias, aprendizados e desenvolvimento de habilidades específicas, práticas alimentares (introdução e restrições de alimentos), papéis, prestígio e posição social.

A fase entre aproximadamente dois a seis meses é a idade denominada *Enawehorairi/lo*. Inscreve-se nela a substituição dos adornos de algodão por tucum e a introdução alimentar de bebidas a base de mandioca

Quando engatinhar - *Anolokwari/lo*, a criança receberá brincos de conchas de água doce e muitos colares, com pingentes de tucum, sementes, penas, dentes, tendo que suportar um sobrepeso que, segundo os Enawene Nawe, opera como um amuleto, protegendo o bebê, seu sono e sua saúde. As meninas recebem voltas de tucum na cintura. Dizem ainda, que nessa fase da vida já começam a reconhecer o Yaokwa, não tanto pela indumentária que o caracteriza, mas, principalmente, pela vocalização do refrão melódico (tessitura do Yaokwa). *Atetari(lo)se*, corresponde ao período de manter-se em pé, iniciando os primeiros passos.

Atonahare(lo)se, a criança que caminha, receberá tornozeleiras permanentes – de algodão – mantendo-se os braceletes de tucum. Nessa fase o peixe é introduzido e entre os três, quatro anos, as meninas receberão as caneleiras de borracha. A partir dos três anos, os braceletes também serão permanentes, agora de algodão e o sobrepeso dos colares é retirado, são os *Dinoare(lo)se*.

³- Cf. Sá, Cleacir Alencar: 1996

Seq. José Maria Andrade







José Maria Andrade



José Maria Andrade



Dos sete aos onze anos – *Enaware(lo)tese* – temos uma visível ampliação do universo infantil. Nessa fase as crianças já acompanham os pais em diversas atividades e executam inúmeras tarefas. Buscam água, cuidam dos irmãos menores, realizam coletas nos arredores da aldeia.

⁴As meninas se iniciam no tear e no preparo de cabaças, enquanto os meninos exercitam a pontaria em pássaros e peixes e o mergulho com máscaras. Todos inventam uma série de brincadeiras... As meninas montam casinhas nos fundos das residências, com folhas ou lonas, os

meninos constroem pequenas barragens nas valas que cavam próximas ao córrego de banho; transformam borboletas em pipas vivas, árvores em trampolins, cascas em escorregadores ou barcos potentes.

Enquanto os meninos se aventuram pelas águas, no meio do mato, e arredores da aldeia, ou acompanham os pais em expedições e viagens, as meninas brincam mais perto de casa. Possuem miniaturas de ralos, cabaças e xires, ajudam no preparo dos alimentos, acompanham as mães na roça e adoram se pintar, umas as outras, de urucu. Já nessa fase se identificam como *harekalo* - anfitriãs – das cerimônias rituais, caso seja esse, naquele momento, o papel de sua mãe. Bem como, os meninos, já se consideram Yaokwa ou anfitriões, conforme o rodízio em pauta.



José Maria Andrade



José Maria Andrade

⁴ Inicialmente, o exercício do tear é realizado pela fabricação dos pequenos adornos dos bebês, posteriormente, com o aprendizado do fio e do tear dá-se início à fabricação de saias e demais adereços, chegando às grandes redes. Com as cabaças, participam, inicialmente, limpando, apenas após a iniciação começam a ser introduzidos os domínios das tinturas (hiowaiti-madeira de onde se extrai uma tinta de coloração vermelho sangue, e o iolotidone-madeira de onde se extrai a resina de coloração preta que produz o efeito verniz para a finalização do trabalho) e acabamento.



Marcus Malthé



Edson Rodrigues



Rodrigo Petreia





José Maria Andrade

Entre os doze, treze anos, é que se oficializa a permissão para a participação efetiva nos rituais, e com ela a definição mais precisa de tarefas e a reponsabilidade de cumprir com determinadas funções. As meninas - *Makanatonerore* - intensificam a habilidade de cozinhar e tecer, e os meninos - *Awitaretese* - iniciarão o aprendizado da confecção de utensílios, das primeiras amarras e trançados, da condução de embarcações e de carregar matéria prima em momentos de construções. São eles também; os responsáveis pela limpeza dos peixes retirados da barragem de pesca do Yaokwa.







José Maria Andrade



José Maria Andrade



Edison Rodrigues

Após o rito de passagem, tornam-se *Awitari(lo)ti*, as tarefas permanecem praticamente as mesmas devendo ser aprimoradas, com a diferença de que se inicia a vida sexual. Após os estados de reclusão e a observância de prescrições alimentares e práticas específicas dos ritos iniciatórios, os meninos recebem o estojo peniano e as meninas serão tatuadas. Altera-se então o status social e há obrigatoriedade em participar das performances rituais.



Kristian B.

No nascimento do primeiro filho, a categoria *Enetonasere(lo)* descreve uma nova fase da vida em que seu nome será substituído por referência ao primogênito, e agora a nova posição começa a implicar em maior prestígio social. As mulheres retirarão os brincos de conchas e as pulseiras com

chocalhos, serão responsáveis por uma parcela do roçado, por carregar a lenha e podem ser iniciadas na arte da olaria. Os homens já devem apresentar domínio na confecção de artefatos, indumentária (com exceção dos cocares, e de instrumentos musicais), devem prover fartos roçados⁵, cortar lenha e edificar com destreza. Eles serão, ainda, donos de algumas *Mata* e podem ser iniciados na técnica da tapiragem.



Ameiro

⁵ Cada homem casado possui, em média, três roças de meio hectare cada uma.





Atinaene



Serg Ciuraud



Marcus Maithe

Com a chegada do quarto filho, após os 25 anos, aprofundam-se as funções rituais. O desempenho direto das tarefas estruturantes da dinâmica social enawene, é um período marcado tanto para as mulheres, quanto para os homens - *Kolakarinasalo/re* - por intenso trabalho e produção. Para os homens é também a fase de interlocução política mais sistemática para com a sociedade e o estado nacional.

No sexto filho e/ou primeiro neto, devem ensinar e se responsabilizar pela manutenção e reprodução das práticas sociais, podem tornar-se especialistas em algumas funções específicas necessárias e indispensáveis à ordem social Enawene Nawe. É quando se detém um conhecimento aprimorado das inúmeras técnicas enawene empregadas em todos os setores de sua organização social, dos lugares, das paisagens, das histórias, dos usos e manejo dos recursos que configuram a biodiversidade, coordenam a dinâmica social, mais do que o trabalho e a produção em si, essa fase - *Kolakalare/lo* - exige atenção e concentração. Não executam mais as coreografias Salomã e Lerohi.

Os homens continuam participando, ainda nessa fase, ativamente dos debates e decisões políticas em relação às interlocuções com a exterioridade, com exceção daqueles cujo aprimoramento de especialidades está em curso, exigindo maior dedicação a tais tarefas e menor exposição em situações públicas e/ou controversas – este é especialmente o caso dos aprendizes da música. As mulheres passam a se dedicar mais à olaria e, com menor intensidade, à prática do tear. Os homens modificam a pintura corporal e as marcas presentes na indumentária ritual, como os braceletes que até então exibiam penas de arara, e, então, passam a ser prioritariamente de penas de mutum. Tornam-se experts na confecção de diademas coronários e na produção de artefatos próprios a algumas especialidades clônicas, como as cestarias, ou instrumentos musicais.



José Maria Andrade



Serg Giuraud

A última categoria é denominada *Ihitari(lo)ti*, são os avós. Para aqueles que aprimoraram os saberes e práticas atribuídos a cada etapa da vida, especialmente os que se tornaram especialistas em alguma função específica, atingem, nessa fase, o status de mestre, Pessoas dotadas de grande destaque e prestígio social, ocupadas em garantir a fina articulação entre a ordem social e a ordem cósmica, permanecem centrados e voltados para os interesses intrínsecos à sociedade Enawene Nawe. Condutores das práticas rituais, devem primar pela perfeição da execução das peças músico-coreográficas. No que diz respeito às tarefas de construção, edificação, aplicação de técnicas de manejo, pesca, cultivo e outras, operam como supervisores, sempre recebendo os alimentos cerimoniais, tocando e cantando. Os homens diminuem o tamanho dos brincos de conchas e as mulheres o número de cintos de tucum. Nessa fase as mulheres são também as exclusivas responsáveis pela manufatura das argolas de borracha – caneleiras femininas.

O prestígio social é, desse modo, definido a partir da articulação entre as variáveis: especialidades desempenhadas, papéis sociais, clã ao qual pertence, alianças, e posição que ocupa na sucessão das gerações. As categorias de idade determinam, portanto, o desempenho de funções sociais fundamentais na manutenção e reprodução da estrutura social. As rodas de dança, nos diversos rituais, seguem sempre uma seqüência cronológica em sua ordenação. Na ponta do(s) círculo(s) de Yaokwa, que puxa o giro anti-horário, estão os *Ihitariti*, seguidos pelos *Kolakalare*, e assim por diante⁶, até seu fechamento na presença dos *Awitariti* e alguns *Awitaritese*.

Assim, todas as atividades estão orquestradas por esse arranjo dado não apenas pela divisão entre os gêneros e entre os clãs, como também, a partir das categorias de idade. A Roça de Yaokwa (*Ikioakakwa*), por exemplo, no que tange às categorias de idade, se estrutura da seguinte forma: inicia-se tanto o processo de derrubada, quanto, posteriormente, do plantio pela área central – para os velhos (*Ihitari(lo)ti* e *Kolakalare/lo*), em sua expansão, vem a área dos *Enetonasare/lo* e, as áreas periféricas, correspondem aos *Awitari(lo)ti* e *Awitare(lo)tese*.

A transmissão dos conhecimentos se dá no cotidiano, tradicionalmente e idealmente no convívio interno ao grupo familiar, pelos pais e mães biológicos ou classificatórios, irmãos e avós. Já as especialidades, tendem a se reproduzir internamente aos clãs, mais comumente passando de pais para filhos, comportando a manutenção do acervo de saberes configurado pelas distinções e especificidades clânicas na complementaridade que define a composição social Enawene. Porém, se for o caso, é possível ser ensinado por um especialista de outra família, ou até mesmo de outro clã, se necessário, mediante pagamento (trocas pré-estabelecidas na recompensa por esse serviço). A dinâmica de ensino-aprendizagem realiza-se invariavelmente com ênfase na observação e na prática, é preciso aprender *saber-fazer*.

⁶ Apenas em momentos muito pontuais, essa seqüência pode ser alterada caso um cantor não tão idoso apresente domínio de alguma peça musical específica em execução, invertendo momentaneamente essa seqüência.



Emanuel

3. A Formação dos Cantadores: Kote e a Casa de Yaokwa.

No caso da formação de especialistas - herbalista, soprador, xamã, músico/cantador ou outras – o sistema é o de mestre / aprendiz, no desenvolvimento de processos específicos. A cada especialidade corresponde uma metodologia específica de ensino particular, já que estão em evidência técnicas e saberes determinados de acordo com cada contexto de qualificação. A duração do tempo de formação também varia em ampla escala, dependendo da continuidade e assiduidade do processo, bem como, dos estágios e exigências próprias, concernentes a cada especialização em pauta. Contudo, apenas a larga experiência resulta em maestria e reconhecimento social.

As especialidades se destacam pela importância dos papéis e funções que desempenham na manutenção e reprodução da ordem social Enawene, através da capacidade adquirida, por meio de muita disciplina e dedicação, de estabelecer comunicação com o sobrenatural. Alcançar essa conexão entre as instâncias indissociáveis da Sociedade e do Cosmo, esferas interdependentes, é vital para garantir a continuidade da humanidade e dos Enawene Nawe.

O músico - *Sotakatare* (cantador), como já assinalamos, corresponde a uma categoria de especialistas imprescindíveis à execução das quatro grandes peças do complexo ritual, que demarcam a temporalidade enawene. Eles são, por meio da sua ciência, os condutores dos caminhos que devem ser percorridos pela sociedade Enawene Nawe em diversos rumos, em direção aos espíritos, aos patamares que compõe o universo, ao passado, ao presente e ao devir. No ato de cantar, soprar as flautas e orquestrar as coreografias inscreve os sentidos das referências de ancestralidade e destino.

Por meio da música encontram a via de acesso para inserção na totalidade cósmica e, assim, reafirmam sua co-participação na ordem do mundo, concretizando-se como sujeitos, intervindo através do rito, como veículo de transposição no espaço e no tempo.

Como guardiões da memória coletiva dos Enawene Nawe, atuam como mestres músico-rituais que guiam o contínuo devir. Sem permissão para errar, dada a finalidade de seu exercício, as técnicas de memorização e respiração constituem o método por excelência de sua prática poética. O aprendiz precisa repetir incessantemente a seqüência musical e é só a partir do domínio de um determinado bloco de cantos que é possível avançar em direção aos estágios seguintes. À medida que os conjuntos de blocos, que desembocam sempre em inúmeras ramificações, vão sendo memorizados, ampliam-se os trajetos musicais e conseqüentemente o conhecimento e o acesso às chaves de compreensão dos segredos e saberes, estruturados no tempo, da sociedade Enawene.

É ideal e recorrente, mas não é regra, que filhos de importantes cantadores e/ou chefes clânicos tornem-se também cantadores na expectativa de manutenção dessa posição e, principalmente, na obrigatoriedade moral de garantir a reposição dessa imensa reponsabilidade social. Ao mesmo tempo, não é incomum observar certa resistência em assumir tal papel, apesar do imenso prestígio a ele coletivamente conferido, pois, as implicações envolvidas no processo de formação, levam ao medo da pressão e do fracasso.

Fracasso em função das dificuldades que esse processo de aprendizado e sua técnica de memorização representam e pelo medo do que o erro pode significar. Pressão, em função de ter que se expor e lidar constantemente com os seres espirituais e o perigo iminente do sobrenatural, além da vigilância e expectativa da própria sociedade.

No entanto, se o acesso não está, portanto, igualmente dado para todos os membros da sociedade, os que estão de algum modo marcados para o exercício dessa função, dificilmente têm como escapar. Para aqueles que desde cedo demonstram interesse em se iniciar nessa especialidade, o processo pode se iniciar, ainda informalmente, já na fase *Kolakarinasare/lo*, passando à sistematização e intensificação dos processos de aprendizagem no período *Kolakalare/lo*.

Cada clã, como vimos, é dono de repertórios e instrumentos musicais, assim como detém correspondências sonoras e cantos relativos às legiões de espíritos celestes e da paisagem, definindo conduções específicas nas peças rituais. Há aqueles que dominam os blocos de Salomã, por exemplo, ou do Lerohi, ou então, diversos blocos em diferentes etapas rituais, mas, nunca é possível abarcar a totalidade do acervo musical a ser entoado na combinação e alternância entre os cantadores - cada qual atento aos seus domínios.

Dessa maneira, os Enawene dizem que contam, quase que invariavelmente, com cerca de dez mestres-cantadores. Independente da filiação do canto, por legiões de espíritos e clãs, o verdadeiro dono desse vasto acervo musical é *Kote*.

Kote é um Yakairiti e sua morada é a Casa de Yaokwa. Ele opera como um regulador do acesso e exercício da função, permitindo ou boicotando a iniciação e o aprendizado, dependendo de sua avaliação a respeito do dom, vocação do aprendiz. Em última instância, é ele quem seleciona, define e dá permissão para o desenvolvimento do papel de cantador de acordo com seus critérios de aprovação e reprovação.

Depois de iniciado, o cantador manterá um vínculo permanente com *Kote* que se faz onipresente na vida dos *Sotakatare*. O treino da memória que se dá pela relação mestre-aprendiz, na observação e repetição, depende também da intervenção de *Kote*, expresso pela dinâmica *lembrar-esquecer*.

Para o aprendiz conseguir reter a exata seqüência do fio narrativo e seus percursos é necessário cumprir com algumas exigências²: Evitar exposição em espaços públicos, contextos de agitação, confusão – falar pouco, manter-se reservado. Buscar o silêncio e a contemplação aprimorando a capacidade de concentração. Dormir pouco, procurando no descanso manter-se em estado de vigília, o relaxamento corporal completo desvia a atenção, ao mesmo tempo, se adormecer profundamente a postura corporal corre o risco de ficar em posição lateral o que pode ocasionar a fuga de trechos da seqüência musical que podem escorregar pelos ouvidos para fora da pessoa. Passa inicialmente por restrições alimentares, mas principalmente, deve comer lentamente, pequenas porções, devendo aguardar um pouco para que *Kote* possa se satisfazer primeiro – todo alimento servido ao *sotakatare* deve ser antes ofertado a *Kote*. Além disso, deve ser um bom pagador de seu mestre, se for esse o caso, e sempre generoso com *Kote* em todas as suas demandas.

Quanto mais disciplinado e atento no processo de sua formação, mais o cantador memoriza e é recompensado, em sua dedicação, pela complacência de *Kote* em permitir o acesso e a fixação dos caminhos.

Mesmo já mestre, com o relaxamento de algumas prescrições, o cantador não deve vacilar sob pena de *Kote* tomar de volta para si a memória dos trajetos musicais, a não observância dessas regras tem como punição o esquecimento, podendo ser irreversível, dependendo da avaliação de *Kote* sobre a gravidade da falta cometida, condenando o cantador ao tormento de ficar perdido e preso num labirinto de feições angustiantes.

² Mediante as práticas que deve se impor, o campo dessas exigências nos permite também caracterizar o *sotakatare* como um asceta.

Senhores dos caminhos e detentores da memória e dos destinos, os cantadores são soberanos no privilégio de conduzir a co-participação e co-criação dos Enawene Nawe na ordem do universo, tal como eles a concebem.

Sem a música, e, portanto, sem seus cantadores, a sociedade Enawene Nawe estaria imediatamente condenada ao infortúnio, posto que sem os guardiões da memória e sem as flautas que a transmite, as sementes não brotariam, as produções e os alimentos seriam inviáveis, todos os Enawene seriam acometidos por doenças, fome, epidemias e devorados pelos *Yakairiti*: seria o triunfo do caos e o fim dos Enawene Nawe.

Maihia iniraha, maihia anini,

Maihia iniraha, akote kawe, akote iula Yakairiti.

Maihia iniraha tota Enawene Nawe waini.

Sem música, sem comida,

Sem música, haveria muita dor, muita doença, os Yakairiti ficariam enfurecidos.

Sem a música todos os Enawene Nawe morreriam.

Nesta sentença, os Enawene explicam o sentido indispensável da música e de seus cantadores na execução dos Rituais vitais na garantia da sobrevivência desse povo. O ritmo do Tempo dado pelo compasso musical e por uma poética do Espaço.

Refrãos vocais

Obs: (passantes nos cantos e associados a cada qual a diversas variações de um determinado tema)

(291)

Refrão 1: (♩±69) (Rf.1)

| = ♩

etc... n x $\frac{1}{2} \frac{1}{2}$

instrumentos/yäkwa:

hahh ha - ä hahh ha - ä hahh ha - ä

Refrão 2: (♩±108) (Rf.2)

etc... n x $\frac{1}{2} \frac{1}{2}$

instrumentos/yäkwa:
weresero

halo ha - la - la ---- halo ha - la - la ----

Refrão 3: (♩ = ±104) (Rf.3)

haaaaaaaamm haaaaaaamm haaaaaaamm

etc... 7 x 

instrumentos/yãkwa:

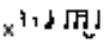
weresero (flauta do ce1)/todos os clãs-mayroete);

walalon (flauta doce2)/kayroli;

kawekwalise, mayroete, aynihyare)

Refrão 4: (♩ = ±104) (Rf.4)

a - - ha a - haamm - a - - ha a - haamm

etc... x 

instrumentos/yãkwa:

weresero (flauta doce1)/todos os clãs)

Refrão 5: (♩ = ±116) (Rf.5)

hã hã hã hã hã hã hã hã hã

etc... n x 

Esta forma não compreende instrumentos, apenas canto.

.....



Arq. Enawene



Seq. José Maria Andrade

Crianças brincam de Yaokwa.







IV. A Salvaguarda.

4.1 O Ritual Yaokwa como Patrimônio Cultural do Brasil

Em nossos dias, o sentido do Patrimônio Histórico Cultural refere-se aquilo que é coletiva e socialmente reconhecido como condição para a reprodução de um modo específico de ser, de viver, de experienciar as relações com a natureza, com os objetos e com a sociabilidade.

Todas as sociedades humanas se especializam em criar laços com o mundo que as rodeia, é este modo particular de criação que fundamenta as bases da cultura e da sociodiversidade e a *memória* desse trajeto criativo percorrido até o presente constitui o que denominamos *identidade*.

Nesses termos, também expressos pela Constituição Brasileira (artigo 216), é que contemporaneamente, as paisagens, os ambientes e os recursos físicos e naturais estão incluídos pela legislação como Patrimônios de Cultura e História. Ou seja, se nos centros urbanos, edificações são tombadas como base física, dotadas de memória e de significações históricas e imaginárias, as populações humanas que habitam áreas de floresta ou mesmo zonas rurais, possuem em suas paisagens e meio-ambiente as mesmas bases de construção para seus referenciais históricos, simbólicos e culturais.

Edison Rodrigues

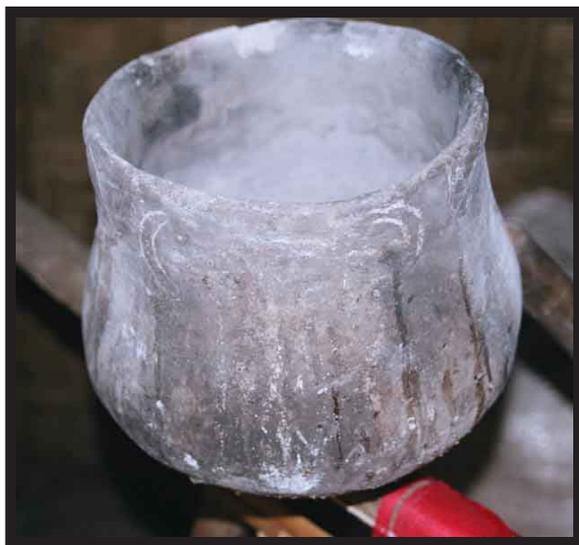






Pedras, cachoeiras, grutas, árvores, palmeiras, matas, rios, acidentes geográficos, roças, igarapés, podem ser, atualmente, considerados monumentos, posto que também edificam marcos, memórias e histórias através do que significam para as sociedades que se constituíram com base nesses territórios. Estas sociedades criaram com esses espaços não apenas vínculos de sobrevivência, mas laços que definem modos de ser, de viver, de interpretar os eventos, acontecimentos e, sobretudo, relações que garantem as condições de reprodução física e sociocultural de um modo singular de estar no mundo.

É desse ponto de vista, portanto, que podemos compreender também os conhecimentos, saberes, formas de manejo e uso das espécies animais, de rios, de lagos, solos, e outros, em sistemas ecológicos próprios e particulares a cada configuração sociocultural. São acervos de grande valia e *valor*, constituem Patrimônio da União, possibilidades existenciais da sociodiversidade humana.





Serg Ciurand

Conforme destacamos em todo o Registro, os diversos domínios e conhecimentos desse universo cultural, revelam tecnologias extremamente aprimoradas como, por exemplo, a Tapiragem. A Tapiragem consiste em alterar a pigmentação das penas de aves - *psitacídeos* vivos (papagaios) - para a confecção da arte plumária que compõe a indumentária dos rituais. Esta prática se inicia pela captura de espécie de anfíbio de hábitos noturnos (não identificado), de onde extraem, das glândulas do dorso, uma substância tóxica, que será aplicada, com auxílio da própria pena, no uropígio da ave. A pena é reinsertada, acima da cloaca, determinando a modificação da coloração da pena. O local exato (glândula uropigial) permitirá a conexão adequada do princípio ativo com o sistema nervoso da ave, alterando a cor da pena, de tal modo que, a partir de tal procedimento, as demais penas do rabo do papagaio nascerão com nova coloração. Os aprendizes de tal técnica observam que a grande dificuldade desse procedimento é conseguir localizar com precisão o orifício correto para o implante, que permite tal alteração fisiológica. Todos esses procedimentos exigem, por parte do especialista, o domínio total de diferentes ciências implicadas em cada fase desse processo.



Emanuel

Muitos outros exemplos podem ser mencionados como o processamento e utilização de resinas, tinturas, remédios, venenos, no domínio de inúmeros princípios ativos presentes em cada uma dessas manipulações. Também a manufatura do sal, como vimos, bem como, a prática de desidratação e defumação dos pescados acumulados na barragem de pesca. As próprias técnicas arquitetônicas utilizadas nas construções das barragens, da casa das flautas e casas residenciais, estas últimas evidenciando engenharias adaptadas a aptidão ambiental com maximização do aproveitamento da iluminação e ventilação, além de seus efeitos estéticos.

Podemos, ainda, destacar as técnicas da confecção dos instrumentos musicais, as de respiração e memorização e o manejo do solo e das áreas alagáveis.

Sobre as técnicas de memorização podemos assinalar que a confecção de esteiras ou cestarias, por exemplo, são trançadas a partir de analogias com a prática de percorrer caminhos, estabelecendo conexões entre os trajetos territoriais e a direção do cruzamento entre as palhas, revelando tramas que inscrevem tanto a memória da configuração territorial no trançado, quanto à memorização da técnica da confecção a partir da ordenação de seus traçados.

O manejo do solo para o cultivo das diferentes espécies agrícolas, além de envolver um sistema elaborado de classificações, envolve a utilização de diferentes bio-indicadores como, por exemplo, a cerejeira e o mogno - indicadores de fertilidade do solo. Para os Enawene, figuram como importantes eixos do manejo, o papel desempenhado, de um lado, pelos odores: como é o caso para identificação dos níveis de nutrientes disponíveis nos solos amazônicos (identificando com precisão o odor decorrente da fixação biológica do nitrogênio realizada pelos microorganismos do solo), expresso pelos Enawene num saber sobre química que se revela com grande ênfase no olfato, em primeiro plano, e também a partir da visão (coloração), tato (textura) e paladar (para o caso dos fitoterápicos).

E, de outro, pela *história do solo*. O próprio domínio de todo o processo de sucessão ecológica - possuem uma memória sistematizada das seqüências de plantio, consórcios, pousio, e demais procedimentos já adotados no trajeto desse solo historicamente manejado. É nesse sentido que praticam uma agrotecnologia, fundamentada num manejo adaptado e diversificado, o que define-a como uma agricultura sustentável e, *de precisão*, pautada por uma lógica circular e cíclica.

Tantos outros conhecimentos poderiam figurar nessas considerações, no entanto, por fim, o manejo de áreas alagáveis e da ictiofauna, merece destaque, pois opera como um núcleo articulador de inúmeros saberes e práticas, além de vincular-se de forma intrínseca ao rito de Yaokwa. Além das diversas espécies conhecidas nesse universo que integra as águas à terra e ao céu, através dos domínios pluviométricos e fluviométricos – ciclos hidrológicos, a observação sistemática e cumulativa, aprimorou de tal forma o conhecimento da ecologia dos peixes e da botânica que permite, por meio do rito, a compreensão do funcionamento do ecossistema, pelas vias do manejo, da criação de técnicas e, inclusive, de suas dimensões filosófica e estética.

Finalmente, o que importa ressaltar é que o contexto dos saberes e conhecimentos desses povos não estão somente orientados pelo empirismo, ou pelo mito ou por formulações mágicas. Estão, ao contrário, acima de tudo, ancoradas numa *racionalidade* e experimentação extremamente complexa e refinada.

O Ritual Yaokwa representa para os Enawene Nawe, no Vale do Juruena, a condição de sua continuidade como Povo, a manifestação de sua memória coletiva e histórica, e, a expressão de uma estética da existência, que se produz a partir do uso e manejo dos recursos presentes em seu território de ocupação histórica.

Na relação ritualizada com a ancestralidade esse rito põe em cena a dramatização, em diversos atos, de todo o percurso histórico percorrido pelos Enawene Nawe, bem como, põe em prática os inúmeros saberes e técnicas desenvolvidas por essa sociedade, transmitidos no curso das gerações ao longo do tempo, tecendo no espaço e no tempo, os caminhos da tradição.



José Maria Andrade

Em nosso processo histórico de formação de uma identidade nacional, ainda que desde cedo nos habituemos a declarar que a cultura brasileira é também fruto da herança indígena, raramente estamos predispostos a reconhecer e se identificar com essa herança. Apesar da pluralidade de culturas e línguas que configura o Brasil, reconhecido como um país pluriétnico e multicultural, parcelas significativas da população ainda se surpreendem ao descobrir a resistência e existência persistente das culturas indígenas, vivas e presentes no cenário nacional. A surpresa, comumente, vem acompanhada ainda, pelo espanto de perceber que muito das práticas culturais tradicionais permanecem atuantes.

O curioso é que esse espanto revela, com freqüência, o sentimento que traduz o estranhamento dessa diferença e dessa persistência pelo sentido do exótico. Incorporamos com extrema facilidade e leveza novidades tecnológicas, manifestações culturais e comportamentais de vários outros lugares e, no entanto, consideramos exótica a nossa própria tradição, suas raízes, fundamentos e territorialidades. Nos espelhamos cotidianamente nos países chamados de ‘primeiro mundo’, porém, esquecemos que o reconhecimento da tradição e o respeito ao seu patrimônio cultural e histórico, articula um eixo vital de seus padrões de desenvolvimento.

Por essa razão a noção de Patrimônio Cultural é extremamente importante para o nosso próprio reconhecimento, o reconhecimento de um *nós* tão caro à concretização de um sentimento de nação. Incorporar referenciais dados por estas nações nativas e seus saberes significa valorizar e legitimar nossas possibilidades históricas tanto no que se refere ao passado quanto no que diz respeito ao presente e ao futuro. Mais do que museus e arquivos, o Brasil ainda precisa caminhar muito na direção de conhecer e respeitar as tantas expressões, vivas e atuantes, que configuram a realidade do país e as potencialidades diversas de desenvolvimento que essas expressões sustentam.

4.2. Ameaças ao desenvolvimento do Ritual Yaokwa (Panoramas Históricos).

A continuidade do Ritual Yaokwa (assim como das demais etapas rituais – lerohi, saloma e kateoko) envolvendo os recursos e processos praticados imemorialmente pelos Enawene Nawe nunca esteve tão ameaçada quanto nesta primeira década do século XXI. Ao mesmo tempo em que vemos florescer, no campo político e jurídico, a conquista por tantos direitos que legitimam a diversidade das manifestações culturais e de organizações sociais, legalmente amparadas por leis, tratados e acordos firmados em escala internacional, permanece o estado de conflitos em que se contrapõem diferentes interesses e ideologias que descrevem delicados contextos que se apresentam desde as esferas locais, passando pelos projetos nacionais, atingindo níveis de caráter global.



Alberto Cesar Augusto

Esse jogo de interesses está imerso num longo percurso histórico que tem no capital, nos modelos de exploração agrária, fundiária e dos recursos naturais no Brasil, e na sobreposição de interesses privados em relação aos interesses públicos, protagonistas de peso. Além desses, o preconceito, a ideologia e o padrão desenvolvimentista proposto pelas elites do país com ênfase na exportação de matérias primas, expõem as nações indígenas, juntamente com uma grande parte de segmentos da população brasileira, a situações vulneráveis e, principalmente, a contextos de marginalidade, cerceando o direito à voz e à participação democrática em interlocuções igualitárias no campo político.



De 1994 a 2004 foi a década proclamada pela ONU como a “Década Internacional dos Povos Indígenas” e, no Brasil, a partir do ano de 2000 corresponde um período em que se registra o aumento significativo do número de indígenas mortos em conflitos dispersos por vários estados do país, a maioria deles vinculados diretamente à defesa das Terras Indígenas, desrepeitadas em seus limites através de um sem número de ações ilegais praticadas por invasões locais. É nesse momento também, que um grupo de políticos e empresários torna pública uma solicitação oficial ao Estado Brasileiro, exigindo Moratória aos processos de reconhecimento e legalização de Terras Indígenas.

Arquivo OPAN



Quando os Enawene Nawe foram contactados em 28 de julho de 1974, pela equipe dos jesuítas da Missão Anchieta, Thomáz de Aquino Lisboa e Vicente Cañas, todo o espaço em torno da aldeia habitada por esse povo, apresentava uma ocupação rarefeita¹, com a maior parte dos municípios, hoje próximos a esse território, ainda inexistentes. Na visão dos colonizadores, áreas vazias e improdutivas a serem exploradas.

Foram gradativamente chegando as estradas e com elas o fluxo migratório que pouco a pouco vai penetrando a região através de práticas baseadas na economia extrativista, borracha, minério e, principalmente, madeira. O desmatamento figura assim como a ponta de lança, tendo todos os municípios da região seu histórico de fundação atrelado a essa origem. Vivíamos sob o signo da ditadura militar e do *Milagre Econômico*, assim como foi denominado o processo estimulado pelo impulso do capital estrangeiro (FMI) e por outros projetos de desenvolvimento visando a integração nacional. Também nessa época são criados diversos órgãos governamentais orientados para efetivação dessas políticas nesse período: SUDAM, BASA, FUNAI, INCRA, entre outros.

Enquanto os efeitos colaterais desse processo se faziam sentir em amplas camadas da sociedade nacional e, em especial às populações indígenas e tradicionais, com novos marcos etnocidas na história do Brasil, os Enawene Nawe viviam um trajeto extremamente singular de contato, promovido de um lado, por características intrínsecas à organização social desse povo e, de outro, devido, em grande medida, aos princípios presentes na política indigenista adotada pela Missão Anchieta naquele momento.



Arquivo OPAN

¹ Conseqüência de processos de colonização anteriores na região norte do atual Estado de Mato Grosso, datados desde a mineração no séc.XVIII, passando pelo avanço seringalista no séc.XIX e chegando às linhas telegráficas e a presença da igreja Católica e o novo ciclo da borracha, no primeiro quarto do século XX, marcos que definem ciclos econômicos de duração determinada. É apenas na década de 70 que se inicia um efetivo processo de ocupação da região, a partir do investimento sistemático e da implantação de órgãos do Estado, durante a ditadura militar, culminando com o papel decisivo do Polonoeste na consolidação desse processo de colonização.



Auto-Demarcação Enawene Nawe / OPAN (Déc.90)

Após a revisão das práticas operadas pela Igreja Católica nos contextos de colonização e do papel da Teologia da Libertação na América Latina, outros determinantes de atuação entram em cena, fundamentados pelo reconhecimento e valorização das manifestações populares, pela promoção das minorias em estado de opressão e pelo respeito às culturas indígenas². Nesse sentido, o contato com a MIA (Missão Anchieta), na pessoa de Vicente Canãs, pós década de 70, descreve um histórico de contato pacífico e configura exceção no tocante às depopulações invariavelmente registradas nesses contextos pós-contato. Ao contrário, os Enawene obtiveram expressivo crescimento demográfico, em constante ascensão, em função de uma série de providências rapidamente implementadas (como o caso das imunizações/vacinas, cumprimento de quarentenas antes das visitas na aldeia, entre outras) como parte da nova política de contato. Diferentemente, portanto, da recorrente violência que sempre caracterizou esses processos, os Enawene Nawe nunca foram submetidos à catequização e nem foram ali forjadas lideranças políticas, instituições ou cargos burocráticos próprios aos modelos de ações conduzidas pelas políticas indigenistas oficiais.

A estratégia de trabalho era caracterizada pela convivência no dia-a-dia da aldeia e respeito – o importante era considerar o tempo necessário para que os Enawene elaborassem uma análise crítica, *e própria*, do contato.

Além da preocupação e vigilância constante com as condições de saúde e reprodução física desse povo, de uma política de intervenção mínima favorecendo a integridade cultural dos Enawene e do permanente registro etnográfico desde o início cuidadosamente observado (levantamentos linguísticos e socioculturais), o estudo fundiário esteve em destaque; na intenção de identificar o território de ocupação tradicional visando o reconhecimento e demarcação necessária, e de direito, à manutenção da sociedade Enawene Nawe.

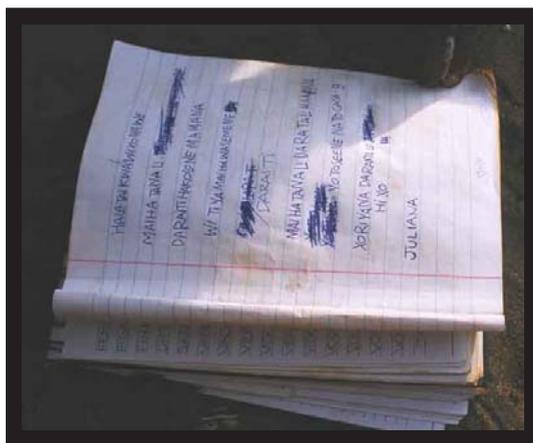
² Essa conduta fazia parte de um novo contexto da atuação missionária pós Concílio Vaticano Segundo (década de 60) e das conferências de Medellín (1968) e, posteriormente, Puebla (1979), em que a prática missionária dirigida às populações indígenas preconizava uma intervenção mínima e gradativa a fim de que a cultura indígena fosse reconhecida em sua alteridade e seus modos de vida respeitados.



Verificou-se, portanto, nessa primeira década do contato o constante crescimento demográfico (e até nossos dias). A introdução gradativa de novas técnicas, instrumentais e cultivares (os Enawene Nawe possuíam já algumas lâminas e machados de metal antes do contato com a Missão), intercâmbios com os povos Myky, Rikbaktsa, Paresi, Nambikwara e Cinta Larga, além da ida para Cuiabá de dois Enawene interessados pela cidade dos “brancos”.

Foi durante o moroso período de regularização fundiária da T.I. Enawene Nawe que, já em 1987, ocorre o assassinato brutal de Vicente Cañas em decorrência dos litígios em torno da região do rio Preto. O resultado desse processo, além da morte do jesuíta, nunca puniu os responsáveis, bem como, as cabeceiras do rio Preto (situado a nordeste da T.I. Enawene Nawe, considerado território de ocupação tradicional) ficou fora do traçado da demarcação (homologada em 1996). Esta área, consiste até hoje um foco de tensões e conflitos locais, além de ser anualmente ocupada pelos Enawene, que ali constroem uma das principais barragens de pesca do Ritual Yaokwa. A falta de providências e solução para o contexto do rio Preto e o desenfreado desmatamento dessa região constitui uma das ameaças em evidência à integridade do Ritual Yaokwa.

Após 1987, a Operação Amazônia Nativa (OPAN), uma associação civil de direito privado, com fins não econômicos, que trabalha pela causa indígena desde 1969, de acordo com seu estatuto, se define pelo apoio aos povos indígenas e as populações tradicionais, colaborando para sua autonomia, e que fora até então parceira das ações em curso pela MIA, assume, dessa data em diante, integralmente o trabalho com o Povo Enawene.



Juliana Almeida

Mantêm-se os princípios da conduta indigenista adotada desde o início e ampliam-se as formas de atuação através do desenvolvimento de programas no campo da saúde, educação, terra e economia, por meio do estabelecimento de diversas parcerias na condução do Projeto Enawene Nawe, com a FIOCRUZ, UFMT (GERA), CTI, FUNASA, UNAIS, entre outras, para atenção aos Enawene Nawe.

O fim da década de 80 e início da década de 90 é um período que acentua sensivelmente a relação dos Enawene com a sociedade mais ampla. Esteve em pauta a ênfase na transmissão de informações diversas e de diferentes realidades, alheias à sociedade Enawene Nawe. Iniciou-se a familiarização dos Enawene com a tecnologia áudio-visual inclusive com a intenção da apropriação, por parte deles, da efetivação de registros sobre seu cotidiano, história e cultura, promovendo, ainda, intercâmbios entre distintas realidades indígenas. Outro aspecto relevante foram os estudos e registros etnográficos com a finalidade de subsidiar as ações indigenistas fundamentadas no compromisso com a qualidade das intervenções e, sobretudo, com a compreensão dos Enawene como *Sujeitos* de seu próprio processo histórico.



Edison Rodrigues

Desse processo resultam, a partir de um estudo lingüístico sistemático, o primeiro glossário (1989, posteriormente revisado e ampliado) através do esboço de uma grafia provisória; o estudo e levantamento das potencialidades e manejo dos recursos naturais na área indígena Enawene Nawe e; a edição do filme-documentário “Yãkwa – o Banquete dos Espíritos”.³

É apenas a partir dos anos 90 que o interesse dos Enawene pelo aprendizado, primeiramente da escrita, e depois do português e da matemática, vão se apresentar como demanda em termos da elaboração de programas especificamente voltados para esses contextos e aí também, processos muito particulares caracterizam o atendimento dessas solicitações.⁴

O fato é que nesses quase 40 anos de contato, os Enawene Nawe adquiriram um vasto conhecimento dos mecanismos que dinamizam a sociedade mais ampla e o Estado Nacional, bem como; dos diversos referenciais históricos a respeito de muitos povos, através de várias fontes de informação e da própria experiência direta, seja pelos intercâmbios, viagens, intensificação do contato, presença em encontros e representações políticas em reuniões, conselhos, etc. Além do domínio da escrita, e de alguns falantes do português, estabelecem suas próprias estratégias, que desenvolvem nas experiências políticas (tomando como base seus próprios critérios de classificação), com os vários universos e atores sociais com os quais, cada vez mais, e de forma autônoma, se relacionam.

Desse modo, ainda que tenham conservado com muita força a integridade de sua estrutura social, e que sejam, até esse momento, predominantemente monolíngües, nem de longe se mantiveram isolados, desinformados e/ou alienados dos complexos enredos que tecem as tramas das relações interculturais. Esse dado é de extrema relevância se considerarmos que é recorrente a interpretação, de um lado, de que sociedades definidas como de contato recente, como é o caso Enawene Nawe, tendem a apresentar maior fragilidade na interface com a cultura nacional, e de outro, costumam atribuir a agentes externos o poder de influenciar diretamente e determinar a orientação de decisões, posturas e atos praticados pelos *índios*.

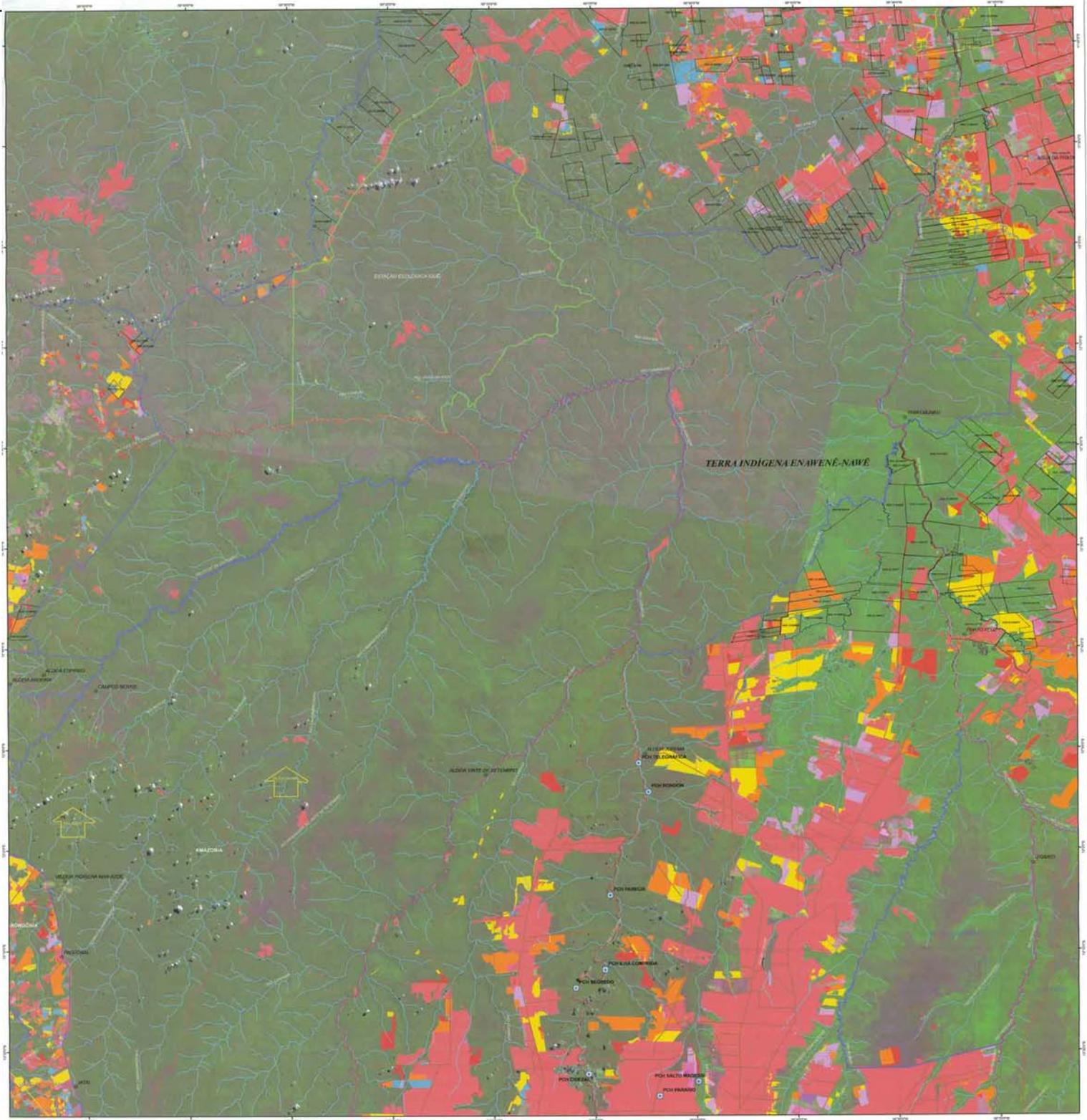
³ Cf. referências na bibliografia deste Dossiê .

⁴ Para maiores detalhes ver, por ex, Zórthea:2006.

Essa perspectiva está associada tanto a uma visão que subestima a potência e a complexidade dessas sociedades, quanto a uma estratégia retórica, que tem o objetivo de neutralizar e/ou anular as opções e expressões adotadas por esses povos diante das proporções que as diferentes tensões e conflitos podem gerar. O fundamento de tal visão opera pela negação a esses povos, da condição de sujeito histórico na condução legítima de suas reivindicações e posições políticas. A negação da interlocução e participação direta e ativa nos processos econômicos, ambientais, históricos, sociais e políticos que os afetam diretamente, mediante a deslegitimação de seus discursos e ações, dizendo não ao diálogo e principalmente à escuta, configura outra grande ameaça à integridade física e cultural dos Enawene Nawe.

Figura nas narrativas Enawene, as histórias em torno de Waytoa, um personagem presente na memória desse povo, que nos remete aos contextos da mineração, ainda no século XVIII. Waytoa teria sido um Enawene capturado e levado acorrentado junto a outros grupos, de vários povos diferentes, para ser utilizado como mão-de-obra na “cidade dos brancos” (inuti hotaikiti). Contam, que, passado muito tempo, já bem idoso, Waytoa, consegue escapar e, apesar da distância, consegue retornar à aldeia Enawene Nawe e relata a todos, de forma minuciosa e detalhada, como opera o mundo desses *Outros*, trazendo notícias sobre os castigos físicos, instrumentos de tortura, os negros, as pedras preciosas, as bebidas alcoólicas, os vidros, as máquinas, as armas de fogo, etc. São *as histórias de Waytoa*, demonstrando que os Enawene possuem referências e registros históricos sobre o mundo, e sobre os não índios, bem anteriores aos que nós possuímos sobre eles.

Durante toda a década de 80 e de 90, no século XX, e primeira década do século XXI, as invasões na T.I Enawene Nawe foram também freqüentes, motivadas pela extração ilegal de madeira, garimpo, pesca e pelas tentativas de traçados para abertura de estradas clandestinas. Os programas de vigilância territorial exigiam esforços constantes na tentativa de articular os órgãos competentes para realizar as desintrusões da área, na maioria das vezes acompanhadas por confrontos violentos e situações recorrentes de ameaças e intimidações por parte dos invasores. Os limites norte e noroeste foram sempre as porções territoriais mais vulneráveis a essas invasões, enquanto os limites sul estão cercados pelos empreendimentos agropecuários e pela poluição das águas.



TERRAS INDÍGENAS:
ENAWÊ-NAWÊ - NAMBIKWARA - MENKU e TIRECATINGA

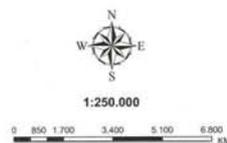
LEGENDA

- ⊙ PCH
- ⊙ REDES MUNICIPAIS E LOCAIDADES
- VIAS INTERMUNICIPAIS
- - - ESTRADAS VICINAS
- HIDROGRAFIA
- LIMITES MUNICIPAIS
- LIMITES MANDONIAIS
- UNIDADES DE CONSERVAÇÃO
- TERRAS INDÍGENAS
- ASSENTAMENTOS DO INCRA
- PROPRIEDADES RURAIS CADASTRADAS NO SIARPI

DINÂMICA DE DESMATES

Red	DESMATES 2005
Orange	DESMATES 2004
Yellow	DESMATES 2003
Light Blue	DESMATES 2002
Purple	DESMATES 2001
Dark Red	DESMATES ANTERIORES A 2000

Projeção Geográfica - Datum Sauerbr
 Informações Técnicas
 Base Cartográfica do SEMA - ZONE-SEPLAN/MT
 Projeto de Sistema LANDSAT-7M de
 224-004 de 04/09/2002 - 224-003 de 04/09/2002
 224-002 de 12/08/2002 - 224-001 de 14/08/2002
 Elaboração: Dócia Rodrigues
 Coordenadora de Geoprocessamento - SIG - SEMA
 Data: 10/07/06.



Em 1998, ocorre a invasão da T.I. através da abertura de uma estrada que avançava 50 km, no sul da área, até a beira do rio Juruena. A intenção era ligar Sapezal a Juína, atravessando em 80km a terra Enawene Nawe. Houve o embargo da estrada, porém, os Enawene não foram até hoje indenizados pelos danos ambientais causados, como, também não foram investigados os mandantes do crime cometido contra o Patrimônio da União. Foi ainda, em decorrência desse episódio que os Enawene Nawe incorporaram os motores de popa e em consequência da demanda por gasolina, iniciaram, a partir de então, as trocas monetárias incorporando também o dinheiro e a ênfase no interesse pelo aprendizado do português e da matemática.



Ao mesmo tempo, esse evento ofereceu significativas experiências que estabeleceram novas referências para os Enawene sobre como operam os contextos de aliciamento e promessas por parte dos empreendedores e os termos de suas negociações, bem como, dos esquemas presentes na atuação do poder público. Diante das decepções de tantos acordos (pactos) não cumpridos de todos os lados, foram inúmeras as vezes que equipes indigenistas tiveram que argumentar em prol da cautela diante das decisões e propostas radicais por eles sugeridas, como formas de solucionar conflitos sempre protelados pelas esferas públicas.



Arquivo Enawene

Os Enawene Nawe tem se tornado cada vez mais desconfiados e ‘escaldados’ diante das tantas ameaças que os cercam. Em grandes reuniões coletivas e internas, no Pátio da aldeia, articulam dia-a-dia, suas estratégias e tomam suas decisões frente às pressões que se intensificam e, principalmente, produzem sentimentos negativos diversos, posto que, segundo eles, esse estado de tensão permanente exige uma atenção constante para com o que está para ‘fora’ da sua sociedade, gerando movimentos de dispersão na participação de tantas “reuniões de branco” que, também segundo eles, estão sempre tentando contra seus interesses e ameaçando seus modos de vida.

Destacam que o calendário ritual tem sido invariavelmente, nos últimos anos, atropelado por todas essas agendas, promovendo conflitos internos entre homens e mulheres (pois as mulheres reclamam da frequência com que os homens precisam se ausentar da aldeia), e entre velhos e jovens (pois os velhos acusam os jovens de se voltarem demais para as “conversas dos brancos” e se dedicarem pouco às exigências do cotidiano Enawene Nawe). Dizem estar com medo do que o futuro lhes reserva e com a terra que seus filhos e as gerações futuras vão herdar.

Um Enetonasare chegou a declarar: “Quando meu pai tinha a minha idade, tinha que se preocupar apenas com o Yaokwa, o Saloma, o Kateoko e o Lerohi, hoje tudo está diferente, temos que fazer tudo isso e ainda falar português, se preocupar com dinheiro e brigar muito para manter nossa terra bonita. Minha cabeça dói. Minha cabeça dói muito!”. (Barragem de Pesca do Yaokwa: 2008).

“Há muito, muito tempo, nossos avós já estavam aqui. E os pais deles também já estavam. A pedra está lá. Foi de lá que saímos⁵. Não é mentira! Sempre vivemos aqui. Há várias aldeias antigas, não é mentira não. Esse é o nosso lugar. Mas hoje, vem garimpeiro, vem madeireiro. *A gente já viu o que aconteceu na terra de vocês. Eu não quero isso para mim.* Não está certo. Eu vejo que os madeireiros estão acabando com tudo. Já derrubaram tudo em volta! Já estou com saudades. Não quero que a nossa terra fique feia. Não quero madeireiro, não quero garimpeiro, não quero!” (Kolareene - Cantador e xamã de grande prestígio, guerreiro do clã Anihiare)⁶.

“(…) Já fizemos nossa barragem de pesca no rio Preto e isso é muito bom. Vi muito peixe. Eu tenho muitas saudades do rio Preto. Aqui, há muito tempo atrás nossos avós já faziam barragens de pesca. Essa terra não é dos *Inoti*_(brancos), não! Há muito tempo essa terra já pertencia a nossos avós (ancestrais). Não estou mentindo. Estou muito triste, muito mesmo, não é pouco não, o rio Preto é muito bom, eu vi muitos peixes, eu vi. No futuro (espero) muito peixe também...se sempre fizermos nossas barragens, nós sabemos que somos os verdadeiros donos (deste território) não os *Inoti*. Há também muitas araras, a madeira não deve acabar, o mogno não deve acabar, a cerejeira não deve acabar, nós Enawene Nawe já temos muita saudade só de ver como está hoje. É muito bela essa terra, há muitos papagaios, temos saudades não queremos que acabe.” (Lolawenakwaene - Cantador, sucessor da chefia do clã Kailore)⁷.



Arquivo Enawene

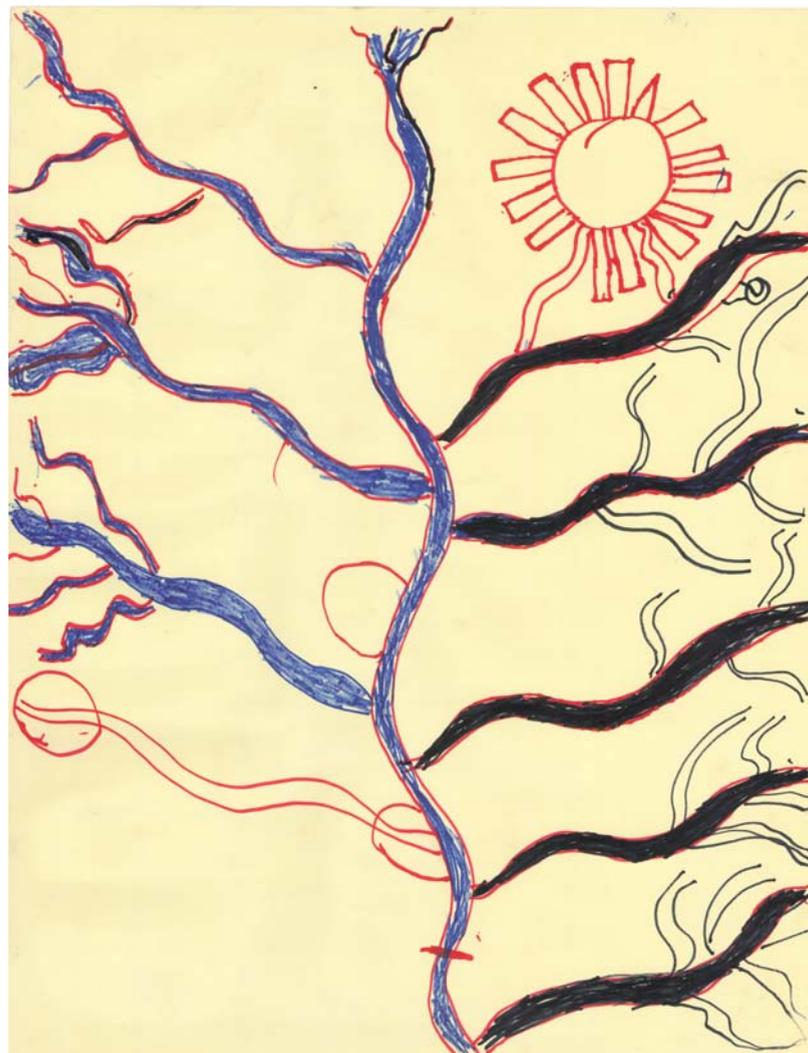
⁵ O Mito, sobre a origem dos Povos saídos da Pedra é recorrente no Vale do Juruena (Paresi, Nambikwara, Cinta Larga e outros), bem como - em outros povos no Brasil, com variantes específicas em cada contexto cultural particular.

⁶ Depoimento extraído do registro de Passos (2005:111).

⁷ Trechos extraídos de uma carta escrita (originalmente em aruak) em 1999 à OPAN e FUNAI exigindo providências quanto à inclusão da área do rio Preto na T.I.Enawene Nawe. 197

“Se a destruição da terra, da água e suas paisagens prosseguir, os *Yakairiti* serão implacáveis, com o tempo, todos vão morrer: nós, você, você e todos vocês, *Inoti*. A diferença é que nós sabemos disso, mas vocês não.” (Kawairi - Cantador e grande chefe do clã Aweresese. Aldeia Halaitaikiwa: 2008).

A bacia hidrográfica do Juruena, além de alimentar os rios que desaguam no Amazonas, de alimentar física e simbolicamente tantos povos que historicamente habitam a região, consiste num ecossistema extremamente delicado e frágil, manejado de forma adaptada secularmente pelos Enawene Nawe, que têm nessa paisagem e em sua hidrografia o fundamento da sua dinâmica social e cultural.



Mapa da Aldeia na perspectiva das crianças Enawene Nawe: Halaitaikiwa: 2008 (Note-se a proporção dada à bacia hidrográfica no desenho)

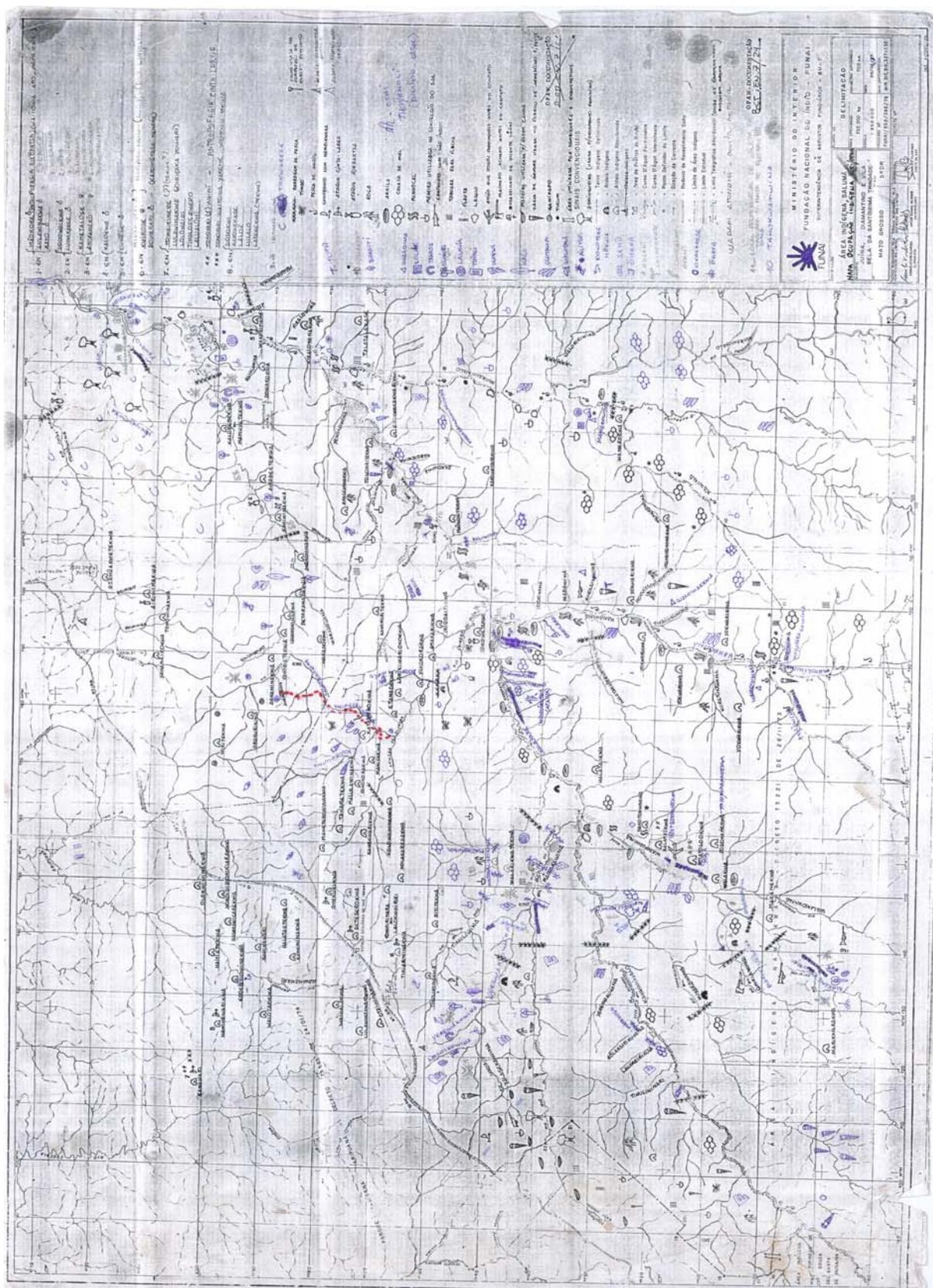
A rápida transformação que vem se produzindo na paisagem promove nos Enawene Nawe o sentimento de ameaça desesperadora da perda do reconhecimento de suas bases físicas de reprodução social. Seus eixos de referência no manejo ecológico e territorial podem entrar em profunda desorientação, privando, assim, as gerações vindouras dessa forma de vivenciar e experienciar as atividades praticadas na tradição, o que significa promover o colapso do sistema de vida e da estrutura social Enawene Nawe. A perda dos referenciais vitais da paisagem e da territorialidade representa o maior perigo, hoje, à integridade da Cultura Enawene Nawe e conseqüentemente à execução de seus rituais.

4.3. Focos de proteção para salvaguarda do Ritual Yaokwa.

A manutenção e reprodução do Ritual Yaokwa dependem diretamente, em primeira instância, de dois aspectos fundamentais: *A garantia da biodiversidade que caracteriza a região e a integridade das lógicas que regem os sistemas de produção e transmissão dos conhecimentos.*

A biodiversidade que configura o cenário é a base concreta sobre a qual se realiza a vida dos Enawene Nawe. Ela constitui, de um lado, a matriz de toda a matéria, fonte de recursos vitais a essa sociedade e, de outro, a paisagem por onde se definem sua cultura e história - o Território de ocupação histórica e tradicional que revela os sentidos de pertença e o desenvolvimento das técnicas e saberes produzidos nesta interação sistemática com o ambiente que lhes rodeia.

Cada porção territorial, como observamos no registro, é de posse dos *Yakairiti* (espíritos da paisagem) e de domínio dos diversos clãs (Yaokwa) que compõem a coletividade Enawene Nawe. Esse conjunto de paisagens que integra a territorialidade do povo Enawene constitui, dessa forma, o Patrimônio Material alvo da Salvaguarda. No mapa a seguir, podemos visualizar os recursos, unidades de paisagem e ambientes imprescindíveis à materialização do Ritual Yaokwa.



Fonte: Enawene Nawe, Fausto Campoli e Virgínia Valadão (década de 90). Revisão e complementação: Enawene Nawe e Fausto Campoli, Aldeia Halataikiwa:2008.

A visualização desse mapa (iconográfico) nos permite observar a localização dos diversos recursos presentes no território de ocupação histórica, utilizados em larga escala pelos Enawene Nawe, como alimentos, coletas, fontes de matérias primas para produção da cultura material, tais quais: construções, indumentárias, utensílios. Destacamos, desse modo, três focos centrais nessa paisagem, como alvo de proteção, na intenção de salvaguardar recursos vitais à concretização do Ritual Yaokwa.

O primeiro foco a ser ressaltado corresponde a região do rio Preto. Situada a nordeste da T.I Enawene Nawe, numa faixa contígua, a partir de sua cabeceira, seguindo pela margem direita, até a foz no rio Juruena. Conforme já assinalamos, essa porção territorial ficou fora dos limites da demarcação, porém, constitui terra de ocupação tradicional. Define, como vimos, uma área de permanente tensão e litígio, e os Enawene constroem anualmente, em seu leito, a barragem de pesca do Ritual Yaokwa.

O rio Preto figura como lugar de marcos fundamentais na história do Povo Enawene Nawe, lugar de conflitos com povos inimigos, aldeias antigas, templos sagrados e paisagens habitadas pelos espíritos de seus ancestrais. Em relação ao uso tradicional, é dos poucos refúgios onde se pode ainda encontrar o jenipapo usado na pintura corporal dos Yaokwa e a terra preta para plantio do milho. Além desses recursos, o rio Preto abriga uma ampla diversidade de aves, como as araras (em extinção) e papagaios, caros a confecção da arte plumária que compõe a indumentária ritual. Também é local de concentração de matérias primas - para a manufatura dos ralos, cestarias, extração do sal e construção das armadilhas de pesca (*Mata*). Apresenta ambientes propícios à coleta de mel, taboca de flechas (com ênfase para a fabricação das pontas) e bambu para as flautas cerimoniais.

Há registros da presença de vestígios que remontam a antiguidade dessa ocupação por parte dos Enawene Nawe, tais como, painéis de barro e as estacas de antigas barragens, lapidadas por machados de pedra. Constitui assim, importante sítio arqueológico que recupera a memória de povos autóctones da região, configurando um verdadeiro corredor ecológico-cultural no Vale do Juruena.

A cada ano, é possível verificar o progressivo avanço do desmatamento no rio Preto⁸. Durante a permanência nos acampamentos de pesca do Yaokwa é possível ver e ouvir o intenso trabalho de moto serras e tratores, com a extração predatória da madeira e a abertura de ramais de circulação. É possível ver também, a situação das cabeceiras, tornadas bebedouros para o gado, e a redução e degradação dos castanhais. Os Enawene Nawe se dizem imensamente preocupados diante desse cenário que descrevem como desolador. A transformação acelerada da paisagem atinge irremediavelmente o ambiente que sustenta e reflete o modo de produção e sustentabilidade, os referenciais sociais, históricos e simbólicos do Povo Enawene Nawe. Tendo essa realidade, relação direta com a manutenção e desenvolvimento do Ritual Yaokwa, se não se constituir como foco efetivo de proteção, a desenfreada devastação do rio Preto, além de significar prejuízos (externalidades) ambientais, representa uma ameaça evidente à reprodução e continuidade do Yaokwa.

Apontamos como segundo foco a receber atenção, de acordo com os Enawene Nawe, as matas ciliares e ambientes de floresta que configuram as margens do rio Juruena. Juntamente com o rio Papagaio, o Juruena define os limites da T.I Enawene Nawe, fonte de recursos, saberes e histórias, referenciados recorrentemente pelos mitos e pelo cotidiano. Além de fundamental via de deslocamento, o Juruena está margeado por diversos acampamentos e roças definindo as dinâmicas de produção que a partir da distribuição e rotatividade da utilização dos recursos, revelam a profundidade das estratégias e técnicas de manejo praticadas por esse povo.

Ao mesmo tempo, vale considerar, que o Vale do Juruena, também abriga, como vimos, diversos povos: Apiaka, Munduruku, Kayabi, Arara, Cinta Larga, Rikbaktsa, Paresi, Irantxe, Myky e Nambikwara. Figura, ainda, como relevante palco da história do Brasil, por onde passaram, por exemplo, a Comissão Rondon, expedição Roosevelt, dentre tantos acontecimentos, registrados e documentados, constituindo importante cenário e acervo da memória do país.

Atualmente, o rio Juruena tem sido alvo de empreendimentos energéticos, o que tem, por sua vez, desencadeado inúmeras reações dos Enawene. Sobre o complexo de Empreendimentos Hidrelétricos do Juruena, segundo informações contidas no estudo de “Avaliação Ambiental Integrada da Bacia do rio Juruena (AAI-Juruena)”, disponível para consulta na Supervisão de Avaliação de Impacto Ambiental (SUAIA) na Secretaria Estadual de Meio Ambiente de Mato Grosso (SEMA – MT), pontuamos os seguintes aspectos: os empreendimentos ocuparão um trecho de 110 km do rio

⁸ Cf, pouco acima, Mapa da Dinâmica de Desmatamento (SEMA:2005)

Juruena e estão assim denominados: Pequena Central Hidrelétrica Telegráfica (PCH Telegráfica) com potência instalada de 30,0 MW, PCH Rondon (13,0 MW), Aproveitamento Hidrelétrico Cachoeirão (AHE Cachoeirão; 64,0 MW), PCH Parecis (15,4 MW), PCH Ilha Comprida (18,6 MW), PCH Segredo (21,0 MW), PCH Sapezal (16,6 MW), PCH Jesuíta (22,2 MW), PCH Cidezal (17,0 MW) e AHE Juruena (46,0 MW). Com exceção da AHE Cachoeirão, PCH Jesuíta e AHE Juruena, os demais empreendimentos já têm a Licença de Instalação emitida pela SEMA-MT.

Os trechos a serem inundados atingirão principalmente áreas florestadas (mata ciliar, floresta de transição, floresta estacional e floresta aluvial), que caracterizam o território tradicional. As planícies aluviais alagadiças constituem os ambientes que desaparecerão com a formação dos reservatórios, áreas de manejo essenciais à reprodução do modo de vida Enawene Nawe.

O modo como as áreas florestadas estão organizadas formam um corredor de biodiversidade, permitindo fluxo da fauna e da flora ao longo do rio Juruena como também entre as sub-bacias. Com a formação dos reservatórios, o cenário previsto será de alteração completa, com alagamentos sucessionais e espacialmente intermitentes, com previsão de fragmentação das formações florestais que margeiam o curso do rio Juruena e alteração dos fluxos migratórios dos peixes. O mapa de uso do solo apresentado na AAI-Juruena mostra que o trecho onde se pretende instalar os empreendimentos é, ainda, um dos últimos remanescentes de vegetação natural; as demais áreas do entorno da calha do Juruena já foram desmatadas e estão sendo utilizadas para agricultura.

Considerando esse contexto apresentado, é importante ressaltar que a nova margem dos trechos barrados do rio serão contínuas por vegetação mais aberta (savanas) e que estas apresentam microclima e oferta de recursos alimentar e espacial completamente diferente dos ambientes florestados. Neste caso, o esperado é que, num intervalo de tempo ainda não determinado, por não haver estudos nessa escala geográfica e de tempo, as populações da fauna terrestre, aquática e outras, como o buriti, o açaí, sejam drasticamente reduzidas, afetando de forma direta a paisagem, os referenciais e os recursos

imprescindíveis à vida dos Enawene Nawe. Os Enawene destacam, principalmente, os remédios, as áreas de barro para confecção das cerâmicas, a taquara para as flautas, os buritis, os peixes e o pólem (abelhas nativas) como os recursos mais vulneráveis que serão imediatamente afetados, comprometendo tragicamente o modo de vida enawene.

Por fim, assinalamos como terceiro foco de proteção, os próprios limites da T.I. Enawene Nawe, cercada por empreendimentos de forte impacto ambiental e social. Assim, observamos a necessidade de medidas qualificadas e interinstitucionais na ação governamental, na intenção de evitar as constantes invasões e degradação do entorno. O limite sul faz fronteira com as fazendas que substituíram por completo o cerrado pela monocultura. A oeste, sudeste e norte, predominam as atividades de extração de madeira. Parte do norte e o limite nordeste, apresentam manchas de minério, atraindo sucessivas invasões de garimpos. A maior parte das cabeceiras formadoras dos rios que percorrem a T.I. Enawene Nawe estão do lado de fora da terra demarcada.

Até esse momento, os Enawene Nawe, não só resistiram a toda essa conjuntura, mas, se compararmos os registros do Rito de Yaokwa dados pelos primeiros anos de contato é visível o desenvolvimento desse ritual. A incorporação de determinados instrumentos técnicos, a partir do crivo e seleção dos Enawene, bem como, o crescimento demográfico, propiciou o aprimoramento desse evento que, cada vez mais, se caracteriza por sua grandiosidade estética, exibindo um verdadeiro espetáculo. Essa complexa dramaturgia ritual, porém, não tem conseguido agora fortalecer suas bases de concretização, ao contrário, se encontra em situação de extrema fragilidade, pois, seus *caminhos* estão se fechando, sem saída, diante dos trilhos do *progresso*.



Yaokwa 1976

4.4. Plano de Ação: Propostas e Recomendações.

Os Enawene Nawe, em reunião realizada em agosto de 2008, na aldeia Halataikiwa, definiram os seguintes componentes na elaboração das propostas e recomendações a serem desenvolvidas pelo Plano de Ação que tem como objetivo salvaguardar o Ritual Yaokwa:

Proposições:

1. Compor um quadro permanente de assessores, constituído por equipe multidisciplinar de profissionais aprovados coletivamente pelo Povo Enawene Nawe.
2. Dar continuidade ao trabalho realizado na década de 90, sobre as potencialidades do território Enawene Nawe, realizando um inventário e caracterização dos recursos naturais com vistas a produzir informações que orientem planos de gestão ambiental.
3. Promover estudos e registro sistemático sobre o conhecimento tradicional associado ao uso da biodiversidade na intenção de promover e garantir a sucessão dos processos ecológicos/rituais e a transmissão dos saberes.
4. Produzir material de divulgação das práticas tradicionais Enawene Nawe orientados à sensibilização pública.
5. Monitoramento das condições alimentar e nutricional do Povo Enawene Nawe.
6. Monitoramento permanente dos recursos hídricos no território Enawene Nawe.
7. Buscar condições e recursos para a retomada e continuidade das ações de monitoramento da ictiofauna na T.I.Enawene Nawe.
8. Buscar condições e recursos para a retomada e continuidade das ações de vigilância da T.I.Enawene Nawe.
9. Desenvolver estratégias que favoreçam a articulação dos povos do Vale do Juruena e demais etnias, reforçando a participação indígena nos contextos políticos que os afetam diretamente.

10. Promover a formação dos recursos humanos que atuam nos órgãos públicos para o atendimento das demandas indígenas (em especial no campo da saúde), contemplando a atenção diferenciada na capacitação e qualificação dos servidores públicos e dos serviços prestados.
11. Desenvolver estratégias para criação e abertura de canais de interlocução política efetiva nas esferas municipais, estaduais e federais.
12. Definição de estratégias para o estabelecimento de relações mais qualificadas com as mídias e a opinião pública.
13. Elaborar e fomentar mecanismos de apoio à geração de renda.
14. Elaborar e executar planos de gestão ambiental que possam dar continuidade à sustentabilidade do povo Enawene Nawe, bem como, promover a capitalização dos serviços ambientais prestados na garantia do equilíbrio ecológico e na utilização da biodiversidade.
15. Promover o fomento, apoio e capacitação permanente às formas de organização do Povo Enawene Nawe através do fortalecimento da associação indígena, observadas e respeitadas suas formas tradicionais de articulação e organização política.
16. Apoio governamental às articulações necessárias na garantia do direito de acesso aos recursos do ICMS Ecológico, junto aos municípios de Sapezal, Juína e Comodoro.
17. Divulgar o Patrimônio Cultural do Ritual Yaokwa também em outras esferas públicas para além do âmbito da política cultural.
18. Criação e Implementação de um Conselho (comitê) consultivo e deliberativo para a Bacia Hidrográfica do rio Juruena, garantindo a participação paritária entre os diversos atores sociais interessados e as populações indígenas que habitam a região.
19. Reconhecer a importância do rio Preto como foco de Salvaguarda do Ritual Yaokwa.
20. Reconhecer e declarar, por processo administrativo junto ao IPHAN, a bacia hidrográfica do Juruena como *corredor ecológico-cultural*.

Recomendações:

1. Que o Estado Brasileiro, no cumprimento da legislação e constituição brasileira, promova uma coordenação mais integrada, **e equilibrada**, entre as ações e competências dos diversos órgãos e ministérios.
2. Que sejam efetivadas as recomendações propostas pela Câmara dos Deputados, de acordo com o relatório da VIII Caravana de Direitos Humanos, realizada em 2003, que estabelece determinações para os Ministérios, FUNAI, STF, STJ e TRFs, Congresso Nacional e especificamente aos estados de MT, MS, SC e BA. Dentre as tantas orientações, destacamos:

- *À Presidência da República (por meio de determinação ao Ministério do Meio Ambiente) torne obrigatória a inclusão de laudo antropológico nos estudos de impacto ambiental que apontem conseqüências para os recursos naturais e terras indígenas (2003: p.52, item 1.12.1).* Observamos que, atualmente, todos os empreendimentos e investimentos em torno das PCHs, contam com processos administrativos fundamentados em *licenciamento simplificado* o qual, por sua vez, contradiz a observância de normas e leis que regulamentam à proteção das Terras Indígenas.

- *Que o Ministério do Meio Ambiente elabore, ainda, normas e regulamentos que garantam a gestão ambiental do entorno das terras indígenas, no sentido de garantir o uso tradicional de recursos naturais pelas comunidades indígenas (2003: p.52, item 1.12.2).*

Ao estado do Mato Grosso, dentre outras observações, o documento determina:

- *Lotação de mais procuradores responsáveis pela questão indígena e **auditoria dos respectivos Tribunais de Contas no sentido de fiscalizar o uso das verbas do ICMS-ecológico e congêneres.**(2003: p.54;55, itens 5.2 e 6.2).*

3. Que o Estado faça valer o cumprimento das determinações previstas pela Convenção do Clima; Convenção sobre a Biodiversidade; OIT; e Agenda 21.
4. Que o Estado garanta o direito de acesso aos recursos do ICMS Ecológico, junto aos municípios de Sapezal, Júina e Comodoro.

Bibliografia:

Cañas, Vicente

1980-1987 Diário de campo. Cuiabá: Arquivos da OPAN (mimeo).

Costa Jr., Plácido

1995 - A pesca na sociedade enawene-nawe *in* Estudo das potencialidade e do manejo dos recursos naturais na área indígena Enawene Nawe. Cuiabá: OPAN, GERA/UFMT, PNUD (Relatório Técnico).

Jakubaszko, Andrea

2003 Imagens da alteridade: um estudo da experiência histórica dos Enawene Nawe. São Paulo: Pontifícia Universidade Católica (Dissertação de Mestrado).

2000 - Educação entre os Enawene Nawe - triênio 1998-2000. Cuiabá: OPAN (Relatório Técnico).

Lisbôa, Thomaz de Aquino

1985 - Os Enauêne-Nauê - Primeiros contatos. São Paulo: Loyola.

Meliá, Bartomeu

s/d - E foram chamados Salumã. Goiânia: Universidade Federal de Goiás.

Mendes dos Santos, Gilton.

2001 Seara de homens e deuses: uma etnografia dos modos de subsistência dos Enawene-Nawe. Campinas: Universidade Estadual de Campinas (Dissertação de Mestrado)

2006a Da cultura à natureza: um estudo do cosmos e da ecologia dos Enawene-Nawe. São Paulo: Universidade de São Paulo (Tese de Doutorado)

OPAN – Operação Amazônia Nativa

1995 - Estudo das potencialidade e do manejo dos recursos naturais na área indígena Enawene Nawe. Cuiabá: OPAN, GERA/UFMT, PNUD (Relatório Técnico) .

Passos, Pedro Henrique Martins da Costa

2005 – Mecanismos de sociabilidade Enawene Nawe e o papel a OPAN – Operação Amazônia Nativa na defesa do território. São Paulo: Pontifícia Universidade Católica (Dissertação de Mestrado) .

Rezende, Ubiray Maria Nogueira

2003 Fonética e fonologia da Língua Enawene-Nawe (Aruak) : Uma primeira abordagem. Rio de Janeiro: Faculdade de Letras da Universidade Federal do Rio de Janeiro (Dissertação de Mestrado) .

Rondon, Cândido Mariano da Silva

1916 - Missão Rondon (1907 a 1915) . Rio de Janeiro.

Roosevelt, Theodor.

1976 - Nas Selvas do Brasil. São Paulo : Edusp.

Roquette - Pinto, E.

1975 - Rondonia. Rio de Janeiro : Editora Nacional.

Rowan, Orland

2001 Irayti xawaiyehalakatyakala; Dicionário Paresi-Português, Cuiabá: Sociedade Internacional de Linguística.

Sã, Cleacir Alencar

1996 – As fases da vida: categorias de idade Enawene (ru) Nawe. Cuiabá: OPAN.

Silva, Marcio Ferreira da

1998a Tempo e espaço entre os Eñawene-Nawe. *Revista de Antropologia*, São Paulo: USP, v. 41, n. 2: 21-52.

1998b Masculino e feminino entre os Eñawene-Nawe. *Sexta Feira: Antropologia, Artes e Humanidades*, São Paulo: Pletora, n. 2, p. 162-73.

Valadão, Virgínia (direção)

1995 Yãkwa: o banquete dos espíritos. Vídeo Cor, NISC, 75 min. Produção: CTI-SP/ OPAN.

Weiss, Maria Clara V

1998 - Contato Interétnico, perfil saúde-doença e modelos de intervenção mínima:

O caso Eñawene Nawe em Mato Grosso. Rio de Janeiro: Escola Nacional de Saúde Pública/Fundação Oswaldo Cruz (Tese de Doutorado)

Zorthêa, Kátia Silene

2006 - Daraiti Ahã: Escrita Alfabética entre os Eñawene Nawe. Cuiabá: Instituto de Educação da Universidade Federal de Mato Grosso (Dissertação de Mestrado).

Outros títulos consultados:

Davis, Shelton H.

1977 - *Vítimas do milagre: o desenvolvimento e os índios no Brasil*. Rio de Janeiro: Zahar editores.

Foweraker, J.

1982 - *A luta pela terra: a economia política da fronteira pioneira no Brasil de 1930 aos dias atuais*. Rio de Janeiro: Zahar editores.

Ianni, Octavio.

1978 - *A Luta pela Terra*. Petrópolis/RJ: Vozes.

Junqueira, Camem.

1999 - O mundo invisível. In *Margem* (Revista de Ciências Sociais FUC/SP, n.10). São Paulo: Educ.

Martins, José de Souza.

1980 – Expropriação e violência: a questão política no campo. São Paulo, Loyola.

Oliveira Filho, João Pacheco de. (org) .

1987 – Sociedades indígenas e indigenismo no Brasil. Rio de Janeiro: UFRJ.

Posey, Darrel.

1996 – Os povos tradicionais e a conservação da biodiversidade. In: Pavan, C. (org.) . Uma estratégia latino-americana para a Amazônia. v.1. São Paulo: UNESP.

Seeger, A.

1980 - Os índios e nós: estudos sobre as sociedades tribais brasileiras. Rio de Janeiro: Campus.

Souza Lima, Antônio Carlos de & Barroso-Hoffmann, Maria (orgs) .

2002 – Etnodesenvolvimento e políticas públicas: bases para uma nova política indigenista. Rio de Janeiro: IACED/Contra Capa Livraria.

Velho, Otávio Guilherme.

1979 – Capitalismo autoritário e campesinato: um estudo comparativo a partir da fronteira em movimento. Rio de Janeiro: DIFEL.

Viveiros de Castro, Eduardo B.

2002 A inconstância da alma selvagem. São Paulo: Cosac & Naif Ed.